

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

**JUSSARA MARIA DA SILVA**

**O TERNO MIRIM DE CONGADA NA ESCOLA  
ESTADUAL PAULINA RIGOTTI DE CASTRO, DE  
MACHADO (MG), DE 1997 A 2010: EDUCAÇÃO E  
ESCOLARIZAÇÃO**

Itatiba  
2013

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO  
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

**JUSSARA MARIA DA SILVA**

**O TERNO MIRIM DE CONGADA NA ESCOLA  
ESTADUAL PAULINA RIGOTTI DE CASTRO, DE  
MACHADO (MG), DE 1997 A 2010: EDUCAÇÃO E  
ESCOLARIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: História e historiografia

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Guimarães

Itatiba  
2013

37.013.43 Silva, Jussara Maria da.

S58t O terno mirim de congada na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, de Machado (MG), de 1997 a 2010: educação e escolarização. / Jussara Maria da Silva. – Itatiba, 2013.

198 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.

Orientação de: Maria de Fátima Guimarães.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de  
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

**JUSSARA MARIA DA SILVA**

**O TERNO MIRIM DE CONGADA NA ESCOLA  
ESTADUAL PAULINA RIGOTTI DE CASTRO, DE  
MACHADO (MG), DE 1997 A 2010: EDUCAÇÃO E  
ESCOLARIZAÇÃO**

Dissertação aprovada pelo Programa Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

**Data de aprovação: 30/01/2013**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Maria de Fátima Guimarães  
Orientadora e Presidente

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Mônica de Ávila Todaro  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Adair Mendes Nacarato  
Examinadora

Dedico este trabalho aos congadeiros da cidade de Machado, aos professores e alunos que fizeram parte da formação do Terno de Congo Mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro e, em especial, à minha família, razão de eu existir e de minha felicidade.

## AGRADECIMENTOS

À fonte geradora da vida, do amor e da criatividade humana: Deus. Ele que criou o ser humano tão rico e tão diverso em suas manifestações culturais.

Aos meus pais e incentivadores, que possibilitaram direta e indiretamente o surgimento desta dissertação, vocês são vencedores, amo vocês.

À minha orientadora Maria de Fátima Guimarães, pelas sábias e oportunas orientações, que tornaram possível a realização desta pesquisa.

Às minhas sobrinhas Larissa e Niedja, obrigada pela força e pelo carinho.

À minha irmã Kátia, pelo apoio incondicional, pela paciência, obrigada por tudo.

À minha irmã Virgínia, obrigada por tudo, pelo carinho, sua ajuda foi muito importante.

À minha irmã Dalila, amiga, companheira, Deus te colocou na minha vida, obrigada.

À minha irmã Maria José, pelo incentivo incondicional, você é peça fundamental em minha vida.

Aos meus filhos pela compreensão, pelo apoio, Kamila e Douglas, amo vocês.

Aos meus irmãos José Carlos, Damb e José Maria, obrigada por tudo.

Ao meu irmão José Augusto, obrigada por um dia ter podido conviver com você, onde quer que esteja, amo você.

Aos meus colegas de caminhada, obrigada pela convivência e pelo carinho, aprendi muito com vocês.

À minha prima Dirce, obrigada por tudo.

Às professoras da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, em especial à professora Silvana Cristina Pereira, suas contribuições enriqueceram a pesquisa.

Aos congadeiros da cidade de Machado, pela riqueza cultural e religiosa que cultivam.

A todos os professores do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, obrigada pelos ensinamentos.

Aos funcionários da Universidade São Francisco, pelo carinho e pela dedicação.

À direção da Escola Estadual Iracema Rodrigues, em especial para Marcolina Alves Pereira Silva, pelo apoio incondicional.

## RESUMO

Esta pesquisa focaliza o terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (sul de MG), durante o período de anos que se estendem de 1997 a 2010, perfazendo um total de 13 anos. Tomamos como hipótese inicial da pesquisa que a formação desse terno de congo teria estimulado, no cotidiano escolar, práticas educacionais que problematizaram e ampliaram a noção de cultura que, no senso comum, muitas vezes, ainda aparece balizada pela dicotomia entre a cultura erudita e letrada em oposição à cultura popular, fortemente marcada pela tradição oral. A partir de tal hipótese, estabelecemos como objetivos da pesquisa: identificar e compreender historicamente como se deu o processo de formação do terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro e analisar as tensões e conflitos fomentados pela presença do terno de congo mirim no cotidiano escolar e como essa temática foi apropriada pelas disciplinas de Português, de História, de Artes e de Educação Física. No desenvolvimento da pesquisa, realizamos uma cuidadosa revisão bibliográfica e consultamos fontes documentais diversificadas, bem como realizamos entrevistas semiestruturadas com alguns membros dessa escola (professoras, supervisoras e diretoras) e com alguns congadeiros mais idosos de Machado, que colaboraram com a formação do terno escolar. Essas entrevistas foram cotejadas e analisadas, levando-se em conta, sobretudo, as contribuições teóricas de Edward P. Thompson, Antonio Chervel, Dominique Julia, Antonio Vinão Frago, Alessandro Portelli e os subsídios levantados nas fontes primárias pesquisadas. Concluímos que as hipóteses foram confirmadas, pois o terno de congo mirim, ao adentrar o espaço escolar, possibilitou a valorização da cultura local, a transmissão de saberes entre gerações para que a congada não caísse no esquecimento e a reflexão sobre questões complexas como currículo prescrito e tensões e conflitos.

**Palavras-chave:** Currículo. Cultura escolar. Terno de congo. Congada.

## ABSTRACT

This research focuses on the suit congo mirim State School Rigotti Paulina Castro, Machado city (south of MG), during the period of years stretching from 1997 to 2010, a total of 13 years. We take as initial hypothesis that the formation of this suit would have stimulated congo, at school, educational practices that problematized and expanded the notion of culture, common sense often appears still buoyed by the dichotomy between high culture and literate in opposition to popular culture, strongly marked by oral tradition. From this assumption, as established research objectives: to identify and understand historically how was the process of formation of the suit congo mirim State School Rigotti Paulina Castro and analyze the tensions and conflicts fostered by the presence of the suit in congo mirim school routine and how this theme was appropriate for the disciplines of Portuguese, History, Arts and Education Física. No research development, we conducted a thorough literature review and consulted documentary sources diversified and conducted semistructured interviews with some members of this school ( teachers, supervisors and principals) and some older Congadeiros Machado, who collaborated with the formation of the school suit. These interviews were collated and analyzed, taking into account mainly the theoretical contributions of Edward P. Thompson, Antonio Chervel, Dominique Julia, Antonio Viñao Frago, Alessandro Portelli and raised subsidies on primary sources researched. We conclude that the hypothesis was confirmed, as the suit congo mirim, to enter the school area, allowed the appreciation of local culture, the transmission of knowledge between generations so that congada not fall into oblivion and reflection on complex issues such as curriculum and tensions and conflicts.

Keywords: Curriculum. School culture. Suit congo. Congada.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CAIC** - Centro de Atenção Integral à Criança

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**PAIE** - Programa de Apoio a Inovações Escolares PAIE

**PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PDE** - Plano de Desenvolvimento da Escola

**P.P.P.** – Projeto Político Pedagógico

**PROCAP** - Programa de Capacitação de Professores do Estado de Minas Gerais

**PRODEC**- Programa de Desenvolvimento Cultural

**SAAE** – Serviço Autônomo de Água e Esgoto

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mapa de Machado, Sul de Minas Gerais, 2012.....	39
FIGURA 2 - Terno Nossa Senhora do Rosário. Apresentação na Praça de São Benedito, 23 de agosto de 2010.....	44
FIGURA 3- Fachada da igreja de São Benedito na Praça de Benedito de Machado (MG).....	50
FIGURA 4 - Subida do Reinado – Guarda de honra de São Benedito, rainha e rei do congo próximo à Praça de São Benedito.....	53
FIGURA 5 – Mastro de São Benedito carregado pelo Capitão do Mastro e fiéis.....	55
FIGURA 6 – Andor de Santa Efigênia em frente a igreja Matriz da cidade de Machado (MG). .....	56
FIGURA 7 - Andor de Nossa Senhora do Rosário em frente à igreja Matriz da cidade de Machado (MG) .....	56
FIGURA 8 - Andor de São Benedito em frente à Igreja Matriz da cidade de Machado (MG). .....	57
FIGURA 9 – Guardas do congo e congadeiros conduzindo os festeiros até à praça de São Benedito. ....	58
FIGURA 10 - Terno de São Benedito do senhor José Batista acompanhando a procissão.....	59
FIGURA 11 – Fachada da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro.....	62
FIGURA 12 - Integrantes do Terno do Sr. Antônio Baiano na Praça de São Benedito (1998), terno no qual os educandos do terno de congo mirim foram integrados no 1º ano do projeto.....	71
FIGURA 13 - Maquete da Festa de São Benedito confeccionada por alunos - .....	85
FIGURA 14 - Maquetes da Festa de São Benedito confeccionadas por alunos – 08/2010. ....	85
FIGURA 15 - Maquetes da Festa de São Benedito confeccionadas por alunos.....	86

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Apresentação dos ternos de congo existentes em Machado de acordo com as variáveis congadeiro e bairro - Minas Gerais – 2012.....	28
TABELA 2 - Classe I: Professoras e diretora entrevistadas – Minas Gerais – 2012.....	35
TABELA 3 - Classe II: Supervisoras pedagógicas entrevistadas– Minas Gerais – 2012.....	36
TABELA 4 - Classe III: Congadeiros entrevistados – Minas Gerais – 2012 .....	36
TABELA 5 - Classe IV: Pesquisadores da Congada na cidade de Machado entrevistados– Minas Gerais – 2012.....	36

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
<b>1 OS CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>	20
1.1 Construindo nosso Referencial Teórico.....	20
1.2 Identificando as fontes documentais textuais.....	26
1.3 Cultura, Memória e História Oral.....	30
<b>2 A CIDADE DE MACHADO.....</b>	39
2.1 A congada.....	41
2.2 A festa de são Benedito em Machado.....	47
<b>3 O TERNO DE CONGO MIRIM DA ESCOLA ESTADUAL PAULINA RIGOTTI DE CASTRO.....</b>	61
3.1 O bairro, a escola e a comunidade escolar.....	61
3.2 O processo de formação do Terno de Congo Mirim.....	69
3.3 O terno escolar: tensões e embates no cotidiano escolar.....	76
3.4 A apropriação desta temática nas disciplinas de Português, de História, de Artes e de Educação Física desta escola.....	79
3.5 Impactos socioculturais do terno de congo mirim na escola Estadual Paulina Rigotti de Castro.....	89
3.6 Tensões socioculturais apresentadas nas narrativas dos congadeiros.....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	98
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	103
ANEXO I – Questões para professoras, supervisoras, diretoras e congadeiros – Termo de Consentimento Esclarecido.....	111
ANEXO II - Entrevista da professora Silvana Cristina Pereira.....	113
ANEXO III - Entrevista da professora Kátia Maria da Silva.....	117
ANEXO IV – Entrevista da professora Soniamar de Lima Ferre.....	119
ANEXO V – Entrevista da professora Fabiana Augusta de Carvalho.....	123
ANEXO VI – Entrevista da professora Márcia de Paula.....	131
ANEXO VII – Entrevista da diretora Luíza Lopes.....	137
ANEXO VIII – Entrevista da professora e supervisora Gláucia Begali.....	139
ANEXO IX - Entrevista da professora e supervisora Rosa de Fátima Ferreira de Souza .....	142
ANEXO X - Professora Maria Aparecida Cangussu.....	147
ANEXO XI – Entrevista do congadeiro João Batista.....	151
ANEXO XII – Entrevista do congadeiro Moacir Ferreira de Souza.....	155
ANEXO XIII – Entrevista do congadeiro Sebastião Anselmo de Souza.....	160
ANEXO XIV - Entrevista do congadeiro José Otávio Filho (Dadu).....	165
ANEXO XV – Entrevista do congadeiro Jorge Marcelino da Silva.....	168
ANEXO XVI – Entrevista do congadeiro Antônio Pereira da Silva (o	

Baiano).....	178
ANEXO XVII – Entrevista do professor e pesquisador José Vitor da Silva.....	180
ANEXO XVIII – Entrevista da professora e pesquisadora Ceila Caproni Gonçalves.....	192

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa focaliza o processo de formação do terno de congo mirim como prática educativa no primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG), no período que se estende entre os anos de 1997 a 2010.

Nosso recorte temporal tem início em 1997, quando a escola acolheu as primeiras iniciativas visando à formação desse terno e, seu término em 2010, quando se deu a aposentadoria de uma de suas idealizadoras. Tal fato determinou uma reordenação dos trabalhos relativos ao terno mirim e dos sujeitos envolvidos, o que nos autoriza a propor que a escola é uma arena de tensões e conflitos (DE CERTEAU, 1994), matizada e ressignificada pelas subjetividades daqueles que transitam e se inter-relacionam por entre suas práticas e saberes, quer sejam profissionais da educação ou alunos ou membros da comunidade localizada em seu entorno. Posto que, em algumas situações tais subjetividades transpõem os limites burocráticos das determinações legais e de sugestões oriundas das instâncias administrativas superiores acabam por deixar vestígios significativos de singularidades e valores, que podem desvelar experiências vividas (BENJAMIN, 1994) e diferentes práticas educacionais implementadas em uma dada escola pelos sujeitos que aí atuam. Concordamos com Gonçalves e Faria Filho (2005, p. 36) quando propõem que a escola é dotada de “[...] um poder criativo exercido na relação que a mesma desenvolve com a sociedade, desempenhando um papel na formação do indivíduo e, dessa forma, de uma cultura que impactará diretamente em suas vivências”.

Ao delimitarmos o processo de formação do terno de congo mirim como objeto de nossa pesquisa, consideramos que ele teve sua origem tanto no entrecruzamento de sugestões presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997)<sup>1</sup> quanto em demandas oficiais crescentes para que a escola acolhesse temas relativos à diversidade étnica e cultural em seu currículo. Tais demandas, por sua vez, culminaram na lei 10.639 de 2003<sup>2</sup>. Além do que, na

---

<sup>1</sup>Segundo Brasil (1997, p.19), a temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo.

<sup>2</sup> Temos também a lei 10.639, promulgada em janeiro de 2003. Fruto de lutas históricas do Movimento Negro Brasileiro, as indicações contempladas pela Lei já apareciam no Congresso Nacional do Negro Brasileiro na década de 1950 – cujo documento final contém entre suas recomendações “o estímulo ao estudo das reminiscências africanas no país, bem como a remoção das dificuldades dos brasileiros de cor” e,

delimitação do objeto da pesquisa, consideramos também as experiências vividas pelas professoras dessa Escola Estadual marcadas pelas manifestações culturais que ocorrem anualmente na Festa de São Benedito, em Machado. Dentre outras manifestações culturais locais, essa festa acolhe a apresentação de diferentes grupos de congada da cidade ou vindos de outros lugares.

Pressupomos nesta pesquisa, ainda, que o espaço escolar é constituído de sujeitos plurais carregados de subjetividades, com experiências que se originam de práticas e saberes não escolares. Para nós, é desejável que essas experiências sejam acolhidas e valorizadas no cotidiano escolar, no esteio de iniciativas que primem pelo cuidado de compreender dialogicamente as particularidades das diferentes culturas, postas em movimento e confronto no espaço escolar. Assim, a formulação e a implementação de diferentes projetos, que partem do reconhecimento das experiências culturais na relação com o saber escolar, poderiam possibilitar a criação de experiências originais e criativas para todos que delas participam. Entendemos dessa forma, que a cultura escolar não é passiva, mas sim produtora de conhecimentos e de modos próprios de pensar, desde que constituídos em relações de alteridade frente às diferentes instituições e classes sociais.

Além do que, pesquisar a presença da congada na escola é também trazer à tona as manifestações culturais herdadas dos escravos negros e dos saberes produzidos na congada, ancorados em rituais religiosos, em danças e costumes populares. Acreditamos que, em tais considerações, residem as justificativas de nossa pesquisa e dos procedimentos metodológicos que adotamos.

No desenvolvimento desta pesquisa, partimos das seguintes questões norteadoras:

- Como se deu o processo de formação do terno de congo escolar mirim na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro?
- Quais foram as tensões e os conflitos presentes no processo de inserção do terno de congo mirim no cotidiano escolar?
- Quais foram os sujeitos envolvidos nessa formação?

---

posteriormente, nos anos de 1980, foi apresentada como Projeto de Lei na Constituinte de 1988 e sua aprovação reivindicada na Marcha Zumbi em 1995. Sua aprovação visa alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, assumindo o papel do mundo da educação como fundamental na reprodução e na reversão do quadro de desigualdades raciais no Brasil. O texto da lei aponta, em seu Art. 26-A, que “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e no Art. 79-B que O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”. (SANTOS, 2009, p.22).

- Será que a formação desse terno de congo escolar suscitou novas possibilidades educacionais, a partir do fomento para que se estabelecessem relações entre os conteúdos programáticos das disciplinas de Português, de História, de Artes e de Educação Física?

Em nossa pesquisa, consideramos como uma primeira hipótese que a formação desse terno de congo mirim teria estimulado, no cotidiano escolar, práticas educacionais que problematizaram e ampliaram a noção de cultura que, no senso comum, muitas vezes ainda aparece balizada pela dicotomia entre a cultura erudita e a letrada em oposição à cultura popular, fortemente marcada pela tradição oral. A partir de tal hipótese, estabelecemos como objetivos da pesquisa:

- Identificar e compreender historicamente como se deu o processo de formação do terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro;
- Analisar as tensões e os conflitos fomentados pela presença do terno de congo mirim no cotidiano escolar e como essa temática foi apropriada pelas disciplinas de Português, de História, de Artes e de Educação Física.

Com o intuito de alcançarmos tais objetivos, fizemos uma cuidadosa revisão bibliográfica relativa à temática privilegiada e consultamos fontes documentais diversificadas (periódicos locais, fotografias, planos de curso, projeto pedagógico, dentre outros), as quais se encontram em diferentes locais e instituições (arquivo escolar, Casa do Congadeiro, Biblioteca Pública Municipal Professor Gentil Vieira e arquivos pessoais das professoras Márcia de Paula e Glaucia Begalli ). Constatamos a escassez e a desorganização das fontes documentais na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, pois muitas delas encontravam-se espalhadas pela biblioteca escolar ou, então se extraviaram. Na Escola referida, encontramos apenas alguns projetos elaborados por diferentes professores, na época em que teve início o projeto “Folclore e a Congada”. Essa constatação pode indicar o descaso com que o arquivo e a memória escolar convivem na maior parte das escolas em nosso país.

Em nossa pesquisa, realizamos ainda entrevistas semiestruturadas com os professores, com as supervisoras, com as diretoras e com os congadeiros mais idosos de Machado, que colaboraram com a formação desse terno de congo mirim. Pontuamos que tomamos tais entrevistas como fontes documentais matizadas, de forma ambivalente por memórias, esquecimentos e sensibilidades distintas (PORTELLI, 1997a) em relação às experiências vividas relativas às congadas em Machado.

Consideramos, ainda, que, ao nos colocarmos como sujeitos de uma história e da memória, demarcamos nossa subjetividade e intencionalidade no processo de realização desta pesquisa, colocando-nos como interlocutores críticos de experiências que matizaram nosso passado e que nos provocam no presente a refletir sobre nosso cotidiano e sobre nossas práticas docentes. Esperamos que nossa pesquisa instigue em nossos leitores reflexões que enveredem nessa mesma direção. Sendo assim, optamos por trazer no corpo desta introdução, como uma provocação, as memórias de nossa formação docente.

### Mémórias de nossa formação docente

Machado é a cidade em que nasci, e que me encantava na infância e me encanta até os dias de hoje. Venho de uma família de onze filhos, sendo a nona filha. Nossa convivência é regada por felicidade, e a perspectiva de que a escola nos proporcionaria um futuro melhor sempre esteve presente na vida de meus pais, embora não eles tivessem concluído o Ensino Fundamental. Minha mãe era lavadeira e meu pai, carteiro. Nas horas vagas, papai trabalhava de pedreiro para não deixar nos faltar o básico para vivermos, pois éramos muitos. A vida era dura, mas não tenho lembranças tristes.

Minha infância e adolescência se passaram em uma casa que dava de frente a uma pracinha, lugar arborizado, tranquilo perto de minhas tias e avós, lugar do qual só trago boas lembranças, das brincadeiras na pracinha, dos cozinhadinhos entre primos e amigos. Do vovô, me recordo com muito carinho dos anos em que, depois da procissão de domingo de ramos, tomávamos sorvete no bar do Vasco e depois colocávamos os ramos debaixo do colchão. Era um dia muito esperado por mim e meus primos. Cresci vendo meus irmãos estudando e trabalhando junto com meu pai. Naquele tempo, embora fôssemos menores, eles o acompanhavam na construção de casas, nas reformas de escolas e, como a cidade vivia da cafeicultura, também na construção de terreiros de café.

Em minha família, por sermos muitos filhos, um ajudava o outro, desde as tarefas escolares até os afazeres de casa. Iniciei minha vida escolar numa escolinha chamada Chapeuzinho Vermelho, de onde, do alambrado do pátio da escola, observava quem entrava e saía de minha casa. Nessa escola, trabalhava uma senhorinha muito especial, tia Vanda, que era quem cuidava da limpeza e das refeições, e lá eram vendidos os biquinhos feitos de açúcar queimado. Minha mãe, de vez em quando, me dava uma moedinha para que eu adquirisse um e, nos dias que não tinha dinheiro, minha tia, que era irmã de meu pai, sempre me presenteava com um. Até hoje, tenho saudades daquele tempo! Ajudava minha mãe em casa a limpar

frangos para o supermercado e ela sempre me dava um dinheiro. Saindo da escolinha, fui para o Grupo Escolar Gabriel Odorico e lá fiquei até a quarta série primária. E, como em minha casa era costume que, ao iniciar as séries finais do Ensino Fundamental, os meninos iam para o Ginásio São José (Colégio Lassalista) e as meninas, para o Colégio Imaculada Conceição, lá fiquei até me formar no Magistério. Após cursar o 1º colegial, estudei também no Colégio São José, que frequentava à noite e, durante o dia, cursava o Magistério, pois nessa época os irmãos Lassalistas já aceitavam meninas e eu queria estudar Química, Física e Matemática para me sair bem no vestibular.

Em 1985, formei-me tanto no curso de Magistério no Colégio Imaculada Conceição quanto no ginásio em auxiliar de escritório. Em 1986, ingressei na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Machado e, em 1988, formei-me. Mas, durante o tempo de faculdade, comecei a lecionar em uma escola Municipal que ficava na zona rural, em uma classe multisseriada. Eu lecionava para as 3ª e 4ª séries primárias e minha colega Maria da Glória para as 1ª e 2ª séries. Caminhávamos entre os cafezais para chegarmos até a escola depois de descer de uma caminhonete que transportava os boias frias. A escola funcionava em uma casa de colonos e alguns de seus cômodos eram utilizados para a sala de aula. De um lado, a 1ª série que era ministrada pela professora Glória e do outro, as 2ª, 3ª e 4ª séries ministradas por mim. No restante dos cômodos, residia a família de colonos, sendo que a cozinha da escola era a mesma da casa e o terreiro era onde acontecia o recreio. Saí da escola municipal para trabalhar em escolas estaduais. Quando me formei em Letras em 1998, as vagas nas escolas da rede estadual eram poucas porque a cidade era pequena. E, todo final de ano, ficava na angústia, se no próximo ano, iria trabalhar ou não, pois os contratos eram anuais. Em 1987, prestei concurso público para o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE). Lá permaneci por quatro anos, quando convivi com o senhor Moraes, que era funcionário da empresa e dono de um terno de congo. Ele sempre me dizia que, se meu pai formasse um terno de congo, seria um dos mais bonitos da cidade, pois fazia ligação com a escola de samba em que meu pai era presidente, a famosa Voz do Morro que, em época de festa de São Benedito, cedia seus instrumentos para alguns ternos de congo e o mesmo acontecia em época de carnaval, quando alguns instrumentos dos ternos de congo também eram cedidos para a escola de samba, na qual dançava toda a minha família.

Em 1998, fiz o concurso do estado para professora, fui aprovada. Voltei a lecionar na escola onde estudei que é o Ginásio São José e na qual estou até hoje. Em 1994, me casei e tive um filho; em 2002, me separei. Retornei aos estudos, fiz a Faculdade de Pedagogia, na área de gestão escolar, voltei para a casa de meus pais onde convivo muito bem com todos. A

congada sempre fez parte da minha vida, o vovô Aureliano tocava sanfona, bem, acho que tocava. Vovó sempre ria, dizia que ele só fazia presença, pois não tocava nada. E, ele, para irritá-la, comprou o pano da farda de congo para ela fazer um vestido e acompanhar a congada, usava óculos escuros e dizia que era para agradar as morenas. Meu irmão José Augusto sempre foi congadeiro, e como o meu avô tocava o banjo, não sei se tocava mesmo, mas era o primeiro da fila e fazia lindas evoluções com o banjo e seu apito. Que saudades de um tempo que não volta mais, em que eu o levava no ranchamento, o local onde os congadeiros se alojam antes de alegrar e colorir as ruas de Machado, com suas vestimentas coloridas e com seu batuque fantástico. Em época de festa de São Benedito, as congadas sempre paravam em frente de casa para nos alegrar com a sua cantoria. E, foi por meio dessa ligação com as congadas e minha trajetória docente, que o terno de congo mirim se tornou parte fundamental do meu mestrado. O terno de congo, é uma manifestação cultural presente em diferentes regiões brasileiras e em Machado, cidade que se localiza no Sul do estado de Minas Gerais e é conhecida por suas montanhas e por suas enormes plantações de café.

As congadas fazem parte da minha história de vida, pelos momentos que passei observando-as pelas ruas da cidade, encantando muitos que podiam ter o prazer de contemplá-las. Portanto, investigá-las a fundo, tanto quanto querer preservá-las, foram os motes dessa pesquisa. Por ser educadora e reconhecer o importante papel da escola na socialização das ideias, bem como na preservação de culturas e saberes, senti-me estimulada em percorrer os caminhos e pesquisar, por meio das fontes existentes, como a Escola Paulina Rigotti de Castro desenvolveu o projeto Congada e a Festa de São Benedito com a formação do seu terno de congo mirim.

Finalizamos, pontuando que, para além dessa introdução, dividimos esta dissertação em três capítulos distintos, mas articulados e complementares entre si. No primeiro, delimitamos alguns dos referenciais teóricos e procedimentos metodológicos que balizaram a pesquisa sobre o terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro. Tais referenciais orientaram as análises e as discussões das questões abordadas, considerando-se o entrecruzamento das informações oriundas das fontes documentais textuais e das fontes orais. No segundo capítulo, situamos a cidade de Machado, propondo uma dada versão da história local. Nele, reportamo-nos também à Festa de São Benedito e às congadas dessa cidade. No terceiro capítulo, focalizamos o terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro. Para tanto, fizemos um breve histórico da Escola e suas características, após observarmos as histórias e as memórias desse terno no cotidiano escolar trazendo as diferentes versões sobre sua formação e existência, assim como aspectos relativos à inserção dessa

temática nas disciplinas de Português, de História, de Artes e de Educação Física da escola. No final do terceiro capítulo, analisamos as entrevistas realizadas. Por fim, ao término dos capítulos, tecemos algumas considerações finais.

# 1 OS CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, delimitamos os referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos adotados, que ancoraram nossas análises e discussões. A pesquisa envolveu três eixos metodológicos, complementares e realizados simultaneamente. O primeiro implicou uma cuidadosa revisão bibliográfica. Nessa perspectiva, buscamos subsídios para a reflexão e para a compreensão acerca de práticas culturais populares em Edward P. Thompson, Carlos Ginzburg e Peter Burke. Nos autores Antonio Vinão Frago, Dominique Julia e Antonio Chervel, subsidiamos nossas reflexões sobre cultura escolar, currículo e disciplinas escolares. Em Jacques Le Goff e Pierre Nora, retomamos as categorias de memória e de esquecimento, como práticas balizadas por relações de poder; de Michel de Certeau nos apropriamos da percepção da escola como uma arena de tensões e de conflitos e; em Alessandro Portelli, buscamos subsídios relativos aos marcos metodológicos e dialógicos que dão matizes, por vezes ambivalentes, às relações entre entrevistado e entrevistador. As contribuições teóricas desses autores nos estimularam a refletir sobre nossa própria história, memória, trajetória profissional e experiência docente. O segundo eixo metodológico nos orientou no sentido de pesquisarmos diferentes documentos que pudessem contribuir oferecendo subsídios sobre como se deu o processo de formação desse terno de congo mirim os quais foram cotejados com as entrevistas realizadas, (anexo I).

O terceiro eixo metodológico implicou a identificação e a análise das tensões e dos conflitos fomentadas pela presença desse terno no cotidiano escolar.

## 1.1 Construindo nosso Referencial Teórico

No transcorrer da pesquisa, consideramos que a congada, ao adentrar no espaço escolar, possibilitou que os alunos conhecessem e entrassem em contato com essa manifestação cultural que vem de nossos antepassados, desde os tempos da escravatura. Pois

percebemos, com o passar dos anos, a emergência de novas formas de viver e interpretar os acontecimentos e os fatos, muito do que é ensinado no contexto familiar se perde, ou deixa de ser valorizado. Nesse sentido, buscamos contribuições teóricas de alguns autores que se voltaram para análises e discussões relativas à cultura, em particular às múltiplas culturas das classes populares. Na obra *O queijo e os vermes* de Ginzburg (1987), o autor defende que os desníveis culturais existentes nas ditas sociedades civilizadas foram o pressuposto necessário para o surgimento de disciplinas, tais como Folclore, Antropologia Social, História das Tradições Populares e outras. No entanto, o uso da palavra cultura com o intuito de descrever crenças, atitudes e modos de comportamentos próprios das classes subalternas ocorreu tardiamente e emergiu no âmbito da Antropologia Cultural. Por meio de um movimento duplo, reconheceu-se como cultura tanto os fazeres de povos "exóticos", quanto as práticas das classes subalternas dos povos civilizados. Segundo Ginzburg (1987, p. 17),

Só através do conceito de "cultura primitiva" é que se chegou de fato a reconhecer que aqueles indivíduos outrora definidos de forma paternalista como "camadas inferiores dos povos civilizados" possuíam cultura. A consciência pesada do colonialismo se uniu assim à consciência pesada da opressão de classe.

Para o autor, a cultura popular se define antes de tudo por sua oposição à cultura letrada e oficial das classes dominantes. Ele se propõe a recuperar os estudos sobre os conflitos de classes em uma dimensão sociocultural globalizante, reconhecendo as oposições culturais entre as classes sociais. Para tanto, propõe como recíprocas as influências entre cultura dos segmentos dominantes e subalternos. Ainda para o mesmo autor, as culturas populares e de elite se influenciam mutuamente, de acordo com os valores próprios de cada classe social.

Aproximando-se do conceito de cultura, o historiador Burke (1989, p. 56) usou o termo "biculturalidade", para expressar o quanto membros das elites conheciam e participavam da cultura popular, ao mesmo tempo em que preservavam sua cultura, ou seja, práticas culturais eram compartilhadas entre membros dos segmentos populares e das elites. Dessa forma, Ginzburg e Burke demonstram que ainda hoje é arriscado assumir conceitos cristalizados do termo cultura, já que ela não pode ser reduzida a um mero esquema, limitada em um conjunto de crenças e costumes. A cultura é permeada por representações, apropriações, símbolos que variam de acordo com experiências e com vivências dos diferentes sujeitos históricos, lugares, espaços, relações econômicas, políticas e sociais. Cabe àqueles que se dedicam ao estudo dessa temática avaliar quais os melhores procedimentos metodológicos e analíticos a serem adotados diante da vasta gama de significações do termo

cultura, não se perdendo em teorias vagas. Na verdade, os historiadores que se dedicam aos estudos culturais devem estar atentos ao conceito de cultura que mais se aproxima de suas concepções. Vale lembrar que as abordagens teórico-metodológicas não devem estar desvinculadas de outras dimensões e da História, sobretudo dos estudos cotidianos, pois é na vida de todo dia que os sujeitos constroem suas histórias. Burke (1989), em seu livro *Cultura Popular na Idade Moderna*, apresenta toda a complexidade do termo cultura popular, e a define em, um primeiro momento, como sendo aquela não oficial a da “não elite”, a das classes subalternas. Ele afirma a necessidade de se pensar nos artesãos e camponeses do início da Europa Moderna a partir de um mundo totalmente diferente do atual, despido de conceitos e valores contemporâneos. Assim sendo, para o autor, há diferentes culturas e cada grupo possui a sua e estas não são passíveis de hierarquização entre si. Burke (1989, p. 25) propõe que,

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...] hoje contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante.

Entender a cultura como *locus* de embates e tensões é identificar as diferentes práticas e valores em disputa. Para Thompson (1998, p. 17),

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura” como invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.

Partindo dessas considerações, podemos entender cultura como um sistema de atitudes e valores, que compartilham diferentes significados e símbolos, os quais utilizam diversos recursos e suportes que se estabelecem por intermédio de trocas orais, escritas e gestuais, que ocorrem entre as diferentes classes sociais. Logo, a cultura acolhe conflitos, contradições sociais e culturais, resistências, opressões, que expressam diferentes relações de poder (THOMPSON, 1998).

Estudar como a congada, como manifestação popular adentrou no cotidiano escolar, possibilitou-nos pesquisar e refletir sobre a cultura das classes populares na relação com a cultura escolar. Entendemos, assim, que a escola pode ser um espaço de produção-circulação-reprodução cultural e a arena de conflitos e tensões, de resistência e de criação. Portanto, espaço em que todos os sujeitos envolvidos com o processo educativo podem ter um papel ativo na produção cultural, valorizando os pressupostos do que se entende por diversidade cultural (THOMPSON, 1998), que se expressa, por exemplo, pelo acolhimento de iniciativas de projetos voltados aos diferentes rituais religiosos, à gastronomia, às brincadeiras tradicionais, à dança, à música e aos costumes rurais, dentre outras possíveis manifestações culturais, no cotidiano escolar. Postura que não implica distanciarmo-nos das novas tecnologias ou possibilidades que elas instauram, mas antes ampliar a gama de interlocutores e de opções temáticas e metodológicas que podem vir a ser contempladas pelas diferentes iniciativas engendradas na escola.

Nesse sentido, os sujeitos que participam do cotidiano escolar podem ser determinantes para a produção de novos conhecimentos. São eles que permitem escolher os temas de estudo, problematizando sua realidade mais imediata e possibilitando experiências educacionais, que reconhecem a existência de diferentes visões de mundo, ampliando a percepção do que se compreende como cultura. Nessa perspectiva, vamos ao encontro de Thompson (1981, p. 194) quando esse propõe que,

Os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias. São as normas, as regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e “aprendidas” no sentimento) no ‘*habitus*’ de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria.

Thompson (1987 *apud* TABORDA, 2008, p. 158) ressalta ainda que “[...] nenhuma ideologia é inteiramente absorvida por seus partidários: na prática ela multiplica-se de diversas maneiras sob o julgamento dos impulsos e da experiência”. No esteio de tais ideias, acreditamos que a cultura escolar contempla a história cotidiana das práticas e dos saberes escolares. Nesse sentido, reportamo-nos a Julia (2001, p.10) quando essa defende que,

A análise da cultura escolar requer o exame do conjunto das normas e práticas definidoras dos conhecimentos que determinada sociedade deseja que sejam ensinados, e dos valores e comportamentos a serem incorporados. Parece claro, portanto, que ver a cultura escolar como objeto histórico implica analisar o significado imposto aos processos de transmissão de saberes e inculcação de valores dentro desse espaço.

Ainda, conforme Taborda (2008, p.158),

A materialidade que marca as diferentes culturas escolares, felizmente tão visitadas hoje pelos historiadores da educação, não pode escapar do conflito e das tentativas de conformação dos agentes escolares por instâncias socioculturais as mais variadas. Mas as diferentes formas de reação desses agentes às ingerências daquelas instâncias precisam ser recuperadas não como adesão cega, tampouco como “resistência” consciente e ativa, mas como diálogo.

No entanto, como o próprio Thompson advertia, a escola é também uma “máquina de aceleração (ou estranhamento) em relação à transmissão cultural intergeracional” (THOMPSON, 1998 *apud* TABORDA, 2008 p.18). Ou seja, com a emergência da escola na modernidade, estamos diante de novas formas e de padrões de socialização, os quais tendem a afastar as novas gerações, sobretudo das camadas mais pobres, da cultura cultivada pelos seus antepassados, pois na escola, a presença da cultura letrada tende a se sobrepor às experiências vividas. Ainda para Thompson (1981, p.194),

[...] os valores, tanto quanto as necessidades materiais, serão sempre terreno de contradição, de luta entre valores e visões de mundo alternativo. Se dizemos que os valores são aprendidos na experiência vivida e estão sujeitos às suas determinações, não precisamos, por isso, render-nos a um relativismo moral ou cultural. Nem precisamos supor alguma barreira intransponível entre valor e razão. Homens e mulheres discutem sobre valores, escolhem entre valores, e em suas escolhas alegam evidências racionais e interrogam seus próprios valores por meio racionais.

Nesse sentido, se a escola deixar de lado a história das tradições e dos costumes de uma comunidade não estará dando o valor merecido à cultura das camadas mais populares. Diante disso, a denúncia e/ou a nostalgia não são as melhores armas do combate político cultural. O entendimento desses novos padrões se impõe como um imperativo na luta contra o dilaceramento do sujeito e contra o estranhamento cultural. Em sendo assim, recorreremos a Gonçalves e Faria Filho (2005, p. 36), quando esses defendem que,

[...] o sistema escolar é dotado de um poder criativo, poder este exercido na relação que a escola desenvolve com a sociedade, desempenhando um papel de formação do

indivíduo e, dessa forma, de uma cultura que impactará diretamente a vivência deste indivíduo na sociedade [o sistema escolar] forma não só os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global.

Ainda, segundo Gonçalves e Faria Filho (2005, p. 36) “[...] a escola enquanto espaço de construção do conhecimento e preservação da cultura dos seus vários agentes, passa a estudar através de suas práticas a cultura, ressaltando a importância da relação entre escola e sociedade”. Portanto, o espaço escolar é constituído de sujeitos plurais carregados de valores, de subjetividades e de culturas. Tais elementos devem ser valorizados em seu meio e estimulados para que possam se expressar e compreender outras manifestações culturais que fazem e fizeram parte da cultura de sua comunidade. Essa compreensão possibilita o entendimento de que as práticas e as experiências escolares são criativas, indicando que a cultura escolar não é passiva, e sim, produtora de conhecimentos e modos próprios de pensar. Para Vinão Frago (1998 *apud* GONÇALVES e FARIA FILHO, 2005, p. 41),

O tempo e o espaço escolar são importantes para se pensar a cultura escolar como objeto histórico. Para tanto, ele afirma que o espaço diz respeito ao lugar específico da escola, já o tempo escolar seria um tempo conflituoso, uma vez que engloba o tempo pensado pelos pedagogos (tempo teórico); o tempo normatizado, prescrito pelas leis e regulamentos e o tempo escolar onde se processa os acontecimentos da escola.

Logo, na trajetória dessa pesquisa, a partir de nossas questões iniciais, preocupamo-nos em identificar e em problematizar o movimento de ocupação do espaço e de significação do tempo escolar engendrados no processo de formação do terno de congo mirim, para tentar compreender como esse saber popular e essa prática não escolar passaram a compor o cotidiano e o currículo dessa escola.

Consideramos, ainda, que a congada, ao adentrar no cotidiano escolar, como temática das disciplinas de Artes, de Português, de História e de Educação Física, contribuiu para moldar e para preservar a própria cultura da comunidade local. A par de tal consideração, fomos ao encontro de Chervel (1990, p. 184) quando esse afirma que,

Desde que se compreenda em toda a sua amplitude a noção de disciplina, desde que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o

fenômeno de aculturação de massas que ela determina então a história das disciplinas escolares pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação, mas na história cultural. Se pode atribuir um papel “estruturante” à função educativa da escola na história do ensino, é devido a uma propriedade das disciplinas escolares. O estudo dessas leva a pôr em evidência o caráter eminentemente criativo do sistema escolar, e, portanto a classificar no estatuto dos acessórios a imagem de uma escola encerrada na passividade, de uma escola receptáculo dos subprodutos culturais da sociedade. Porque são criações espontâneas e originais do sistema escolar é que as disciplinas merecem um interesse todo particular. E porque o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel que não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global.

Acreditamos que o espaço escolar é constituído de sujeitos plurais carregados de valores, de subjetividades e de culturas. Portanto, esses devem ser valorizados em seu meio, e se deve viabilizar que esses sujeitos possam se expressar e compreender outras culturas. Essa compreensão possibilita o entendimento de que as práticas e as experiências escolares são criativas, indicando que a cultura escolar não é passiva e, sim, produtora de conhecimentos e de modos próprios de pensar. Assim, a(s) cultura(s) escolar (es) contemplaria(m) o conjunto de práticas e condutas, os modos de vida, os hábitos e ritos, a história cotidiana do fazer escolar, os objetos e matérias, a função, o uso e a distribuição do espaço escolar em sua materialidade física, em sua transformação e modos de pensar, bem como símbolos, significados e ideias compartilhadas.

Consideramos que a congada, como manifestação cultural popular, ao adentrar no espaço escolar, estimulou o reconhecimento e a valorização de tal cultura na escola. É digno de nota que, com o passar dos anos e com a criação de novas formas de viver e de interpretar os acontecimentos, muito do que é ensinado, no contexto familiar, pelos idosos tende a se perder, ou deixar de ser valorizado pelas gerações mais novas.

## **1.2 Identificando as fontes documentais textuais**

Em nossa busca de informações sobre a congada em Machado, visitamos diferentes lugares. Na Biblioteca Pública Municipal Professor Gentil Vieira, pesquisamos a história da

cidade de Machado em algumas revistas, jornais e livros que abordavam o centenário da cidade. Na coleção da Folha Machadense, pertencente ao arquivo pessoal do pesquisador José Vitor da Silva, constatamos, nas páginas desse periódico local, a insuficiência de informações sobre a Festa de São Benedito em Machado.

Nas escolas municipais Carlos Legnani e Comendador Lindolfo de Souza Dias, tivemos acesso aos portfólios dos ternos de suas respectivas Congadas Mirins. Neles vimos que os alunos dessas escolas também receberam orientações e apoio de congadeiros experientes para que aprendessem ritmos, danças, músicas e tocar os instrumentos.

Na Associação dos Congadeiros de Machado - Casa do Congadeiro “Tio Chico”, fundada em 31 de agosto de 1981, consultamos o cadastro de todos os ternos de congo existentes em Machado, as fotografias e os programas de festas passadas e algumas revistas – dentre elas, destacamos a revista *Festa de São Benedito em Machado - M.G.*, de autoria de Ceila Caproni Gonçalves e de Marilda Signoretti Reis, historiadoras e atuais professoras da Fundação Educacional de Machado e a revista *Congadas*, de autoria do professor José Vitor da Silva, a qual traz o retrato dos congadeiros do terno modelo<sup>3</sup> de Machado.

Na Casa dos Congadeiros, identificamos alguns instrumentos confeccionados em oficinas ministradas para os congadeiros e para seus familiares. Esses instrumentos<sup>4</sup> foram feitos com couro de vaca, curtidos no sol com sal. Ainda, observamos que, com o apoio da Casa da Cultura e da Prefeitura Municipal, foram organizadas oficinas de corte e costura, aulas de informática e dança para os filhos dos Congadeiros. Essas oficinas e aulas tinham por objetivo ajudar na organização dos ternos e estimular para que houvesse maior união e colaboração entre eles. Nas pesquisas que fizemos na Casa dos Congadeiros, constatamos que todo trabalho ali realizado é voluntário e que os cursos oferecidos aconteceram por meio de projetos montados por sua diretoria.

Na Casa da Cultura, consultamos fotografias e proclamas da festa. Lá também identificamos os ternos de congo existentes em Machado, conforme segue na tabela:

---

<sup>3</sup>O Terno de demonstração ou terno modelo, como o chamam carinhosamente os congadeiros, foi organizado e montado pelo coordenador do núcleo de congadeiros, professor José Vitor da Silva. Para a sua formação foram convidados todos os capitães dos 17 ternos de congo existentes na cidade de Machado (MG). Cada capitão deveria indicar para a composição do terno de demonstração de um a dois componentes de seu terno, sendo estes os mais disciplinados e dedicados com o objetivo de resgatar a congada de raiz. Chama-se terno modelo porque nele se juntam congadeiros de outros ternos e fazem apresentações especiais, em horários diferentes dos demais ternos na Festa de São Benedito.

<sup>4</sup> Os instrumentos confeccionados, nas oficinas, foram as caixas de couro, ensinou-se a curtir o couro e a aproveitar barris de alumínio para a confecção das caixas.

TABELA 1– Apresentação dos ternos de congo existentes em Machado de acordo com as variáveis congadeiro e bairro - Minas Gerais – 2012.

<b>TERNO</b>	<b>CONGADEIRO</b>	<b>BAIRRO</b>
<b>1 Terno de São Benedito</b>	Fundador Manuel dos Santos (Chico Mole)	Vila do Céu
<b>2 Terno de São Benedito</b>	Fundadores João Benedito e Maria Lampiona	Fazenda Muricy
<b>3 Terno de São Benedito</b>	Fundador Benedito Anselmo	Jardim Nova Machado
<b>4 Terno de São Benedito</b>	Fundador Sebastião Tobias de Aguiar	Rua Airton Rodrigues – Centro
<b>5 Terno de São Benedito e Santa Efigênia</b>	Luiz Teodoro da Costa e José Francisco de Souza	Bairro Vila Bom Jesus
<b>6 Terno de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário</b>	Joaquim Ricardo da Silva	Bairro Vila Centenária
<b>7 Terno de São Benedito</b>	Oscar Francisco de Paula e Julieta	Bairro Bom Jesus
<b>8 Terno Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia</b>	José Miguel dos Reis	Chácara do Senhor João Sobrinho
<b>9 Terno de Nossa Senhora do Rosário</b>	José Faustino de Assis	Fazenda Mato Dentro
<b>10 Terno de Nossa Senhora do Rosário</b>	Maria da Piedade (Sá Lolota)	Rua Dom Hugo – Centro
<b>11 Terno de São Benedito e Santa Efigênia</b>	Joaquim Rodrigues, Manuelina Silviano, Maria Helena da Silva e	Rua Coronel Azarias – Centro
<b>12 Terno de São Benedito</b>	Domingos Emiliano Bernardo	Bairro Córrego do Rosário – Zona Rural
<b>13 Terno de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia</b>	Altamiro Adriano da Silva e Esmail Soares	Bairro Santo Amaro

<b>14 Terno de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia</b>	João dos Reis de Souza e Sebastião Anselmo de Souza (Batiá)	Jardim Chamonix
<b>15 Terno de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia</b>	Sebastião Paulino de Souza	Bairro Santa Luiza
<b>16 Terno dos Felícios</b>	Irmãos Felícios	Bairro dos Caixetas
<b>17 Terno de São Benedito</b>	José Otávio Filho (Dadu)	Rua São Vicente ( Vila santa Helena- Centro)
<b>18 Terno de Douradinho</b>	Ana Vitoriano e Heitor Domingos Ferreira	Douradinho – Distrito de Machado (MG).  Bairro da Ponte
<b>19 Terno de Congo Mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro</b>	Maria Aparecida Cangussu e Soniamar de Lima Ferri	
<b>20 Terno Mirim da Escola Municipal Carlos Legnani</b>	Jomar Caproni	Bairro Santa Luiza
<b>21 Terno Mirim da Escola Municipal Comendador Lindolfo de Souza Dias</b>	Rosana Vieira Magalhães	Rua Coronel Azarias – Centro
<b>22 Terno de Demonstração</b>	José Vitor da Silva	Rua Tiradentes – centro

Na Secretaria Municipal de Educação de Machado, pesquisamos a formação dos ternos Mirins das Escolas Municipais Carlos Legnani e Comendador Lindolfo, os quais, assim como o terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, tiveram a orientação de congadeiros experientes.

Dando continuidade à pesquisa, fomos até a Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, consultamos professoras, secretárias e ajudantes de serviços gerais, com o objetivo de saber mais sobre o processo de formação do terno de congo da instituição. Nessa escola, também pesquisamos os vários álbuns de fotografias, as poesias sobre congadas e os desenhos sobre a festa de São Benedito, ouvimos ainda fitas cassetes com gravações das apresentações do terno de congo mirim da escola. Colhemos informações de como acontecia o “Projeto O Folclore e a Festa de São Benedito”, sobre o terno de congo mirim da escola, sua formação e o

envolvimento dos profissionais da educação. Tivemos, ainda, acesso aos planos de aula e aos trabalhos de alunos.

### 1.3 Cultura, Memória e História Oral

Para além da revisão bibliográfica, das consultas às fontes primárias, ampliamos nossos conhecimentos sobre a formação do terno de congo, objeto desta dissertação, entrevistando alguns congadeiros experientes, que contribuíram e contribuem para a permanência da congada em Machado e, para que ela adentrasse nas escolas, pois ninguém melhor que eles para expressar sentimentos e percepções relativas às congadas e trazer dados relevantes para subsidiar esta pesquisa.

As entrevistas semiestruturadas possibilitaram a reconstituição do processo de formação do terno de congo escolar, na ausência de documentos escritos. E, sem dúvida, o uso de novas fontes pelos historiadores da educação foi ao encontro da premissa de Febvre (1985, p. 249) que propõe,

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta de flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninha. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

E, tal consideração vai em direção de Bloch (2001, p. 80) que ampliou a concepção de fonte historiográfica ao propor que “[...] a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, que toca, pode e deve informar sobre ele”. Ainda, como afirma Le Goff (1990, p. 537), o documento é

[...] antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais

continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente.

É preciso que o historiador analise diferentes documentos (textuais, impressos, imagéticos, entrevistas etc.) e seja capaz de compará-los entre si. Em sendo assim, nesta dissertação, analisamos diferentes fatos documentais, no cotejo, com entrevistas semiestruturadas no rastro de memórias e histórias relativas ao terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro levando em consideração, Le Goff (1994, p. 477) quando afirma que a memória onde cresce a história, que, por sua vez se alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens.

Ao delimitarmos como objeto de nossa pesquisa o terno de congo mirim visando enriquecer nossas reflexões, consideramos a possibilidade de trabalharmos com história oral e com produção de memórias, tendo claro que:

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, é uma representação do passado. Porque é efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Hallwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existirem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 91)

Partimos do pressuposto de que a memória não é apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações (PORTELLI, 1997a). E, que como Nora (1993, p. 09) defende,

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento,

inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Nesse contexto, o autor afirma que a memória é vida e ela só existirá enquanto os sujeitos permanecerem ativos. O nosso presente é fruto e resultado do que passou, do que os indivíduos, na maioria das vezes, trazem na memória para compor o presente. De acordo com Portelli (1997c, p. 16),

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato da História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas.

De fato, a memória apresenta-se, concomitantemente, como produto social e individual. Para o autor, apesar de a memória constituir-se como um processo individual, remete ao mesmo tempo a aspectos sociais. Ela compreende dois níveis sendo um individual e outro social. O caráter social e cultural da memória é consequência da interação entre indivíduo e meio social. Sobre a memória, como fonte histórica, Bosi (1994, p.47), corrobora essa avaliação quando afirma que,

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções mediadas, como também empurra, desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.

Sendo assim, entendemos que a memória é responsável pela conservação das experiências, levando-nos a reinventar o já vivido, possibilitando-nos recompor o passado. Uma entrevista pode representar a oportunidade para as pessoas falarem sobre si, pensarem sobre suas vidas, ao longo de suas histórias, sobre suas escolhas e sobre seus projetos. O momento de realização da entrevista exige preparação prévia, tanto por parte de quem lança as indagações (aquele/a que entrevista), quanto por parte daquele/a que as responde (o/a entrevistado/a). Ao entrevistar pessoas, o pesquisador deve respeitar princípios éticos estabelecidos, pois a privacidade do depoente é invadida ao revelar situações vivenciadas, sentimentos e emoções que estavam adormecidos ou escondidos em sua memória. Como as fontes orais são constituídas a partir da entrevista, um fator a ser levado em consideração é a

intencionalidade do pesquisador durante a entrevista. Dessa maneira, um pesquisador sensível o suficiente é aquele que respeita o tempo que o entrevistado precisa para organizar suas ideias, revolver as memórias, como também o que segue o bom senso e o que diz a etiqueta social na hora da entrevista, não deixando levar-se por preferências, gostos ou sensacionalismos.

Portelli (1997a, 1997c), chama a atenção para “o respeito pelo valor de cada indivíduo”, para o papel do pesquisador no que se refere ao seu compromisso com o sujeito com quem trabalha, e ainda de acordo com o autor supra citado “[...] uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca”, então, a pesquisa tornará clara aos depoentes a importância que se dá para o diálogo e, portanto, proporcionar essa reflexão no entrevistado. Como a pesquisa trabalhou com os depoimentos de congadeiros, professores e pesquisadores da cultura machadense, o ato da entrevista mostrou a importância de suas narrativas e, nesse sentido, a possibilidade de se verem como atores sociais importantes para o processo em que estão inseridos. O mais importante durante a entrevista é que o/a entrevistador/a saiba ouvir. Em se tratando do primeiro encontro com o/a entrevistado/a, é importante que ocorra uma conversa de esclarecimento para que se compreenda por que, para que e para quem ele/ela estará narrando aspectos de sua vida.

A transcrição das fontes orais deve ser de forma legível, que segundo Portelli (1997b, p.28),

É usualmente necessário inserir sinais de pontuação, sempre, mais ou menos, adição arbitrária do transcritor. A pontuação indica pausas distribuídas de acordo com regras gramaticais: cada sinal tem um lugar convencional, significação e comprimento. Estes quase nunca coincidem com os ritmos e pausas do sujeito falante, e, portanto, terminam por confinar o discurso dentro de regras gramaticais e lógicas não necessariamente seguidas por ele.

Na transcrição das fontes orais, devemos escrever sempre obedecendo às regras e às normas. Na narração de um entrevistado, pode ocorrer que o episódio aconteceu no transcorrer de 10 anos, e este o relata em cinco minutos. O que pode ocorrer, nesse momento, é que o entrevistado não está fisicamente ou mentalmente preparado para fazer a entrevista. Entretanto, o historiador deve indagar mais o seu entrevistado (fala). “Um informante pode relatar em poucas palavras experiências que duraram longo tempo ou discorrer minuciosamente sobre breves episódios.” (PORTELLI, 1997b, p. 29). O que importa ao

entrevistador é o teor da narrativa.

A história oral é uma metodologia de pesquisa em que são utilizadas as entrevistas. São gravados testemunhos de pessoas por intermédio das narrativas que trazem à tona os modos de vida, as histórias vividas. Essa metodologia começou a ser utilizada com maior vigor após a invenção do gravador, o que data da década de 1950, nos Estados Unidos, México e Europa. Com o desenvolvimento da tecnologia, esse método foi ganhando espaço e passou a ser utilizado por antropólogos, cientistas políticos, pedagogos, sociólogos, psicólogos e outros. As entrevistas, na história, servem como fontes para que o passado seja compreendido ao lado de documentos escritos, de imagens e outros registros. As entrevistas são caracterizadas sempre pelo diálogo, já que o entrevistador procura o entrevistado e pergunta-lhe sobre fatos relativos ao que se deseja pesquisar. Para Portelli (1977, p.18), não há história oral antes do encontro de duas pessoas diferentes, uma com uma história para contar e outra com uma história para reconstruir. Nesse sentido, ao realizarmos as entrevistas fomos construindo fontes que nortearam caminhos que respondiam muitas de nossas indagações. As entrevistas permitem compreender como os indivíduos vivem em um grupo ou em uma sociedade, o que torna o estudo da história mais próximo, facilitando a compreensão do passado pelas gerações futuras.

O trabalho com a metodologia de história oral só foi possível a partir de um conjunto de procedimentos de pesquisa anteriores e posteriores às gravações com o intuito de preparar o roteiro das entrevistas. Tais procedimentos foram necessários porque a história oral nos permite acesso a uma grande quantidade de informações. Podemos afirmar que a história oral valoriza as pessoas, dando voz aos diferentes sujeitos. A história pode ser escrita valorizando-se suas respectivas experiências e crenças. A história oral permite que percebamos a diversidade de conhecimentos dos sujeitos ao abordar a memória de cada um dos diferentes entrevistados. Conforme afirma Benjamin (1994, p.198),

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito a contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.

Nesse sentido, as palavras de Benjamin reafirmam nossa opção pelo trabalho com as entrevistas semiestruturadas. Por meio delas conseguimos narrativas de experiências significativas de antigos congadeiros da cidade de Machado (MG). Essas narrativas trouxeram à luz fatos que dão vida a um passado, que faz parte da construção do presente, e que poderão fazer parte também da construção do futuro.

A opção pela realização de entrevistas semiestruturadas pautou-se pelo objetivo de garantir maior complexidade às nossas análises documentais. O critério inicial e comum que adotamos na escolha dos entrevistados foi identificar sujeitos que tivessem participado da formação do terno de congo da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro e que de alguma forma contribuíram para o estudo do objeto privilegiado nesta pesquisa. Recorremos a metodologia da história oral, e as contribuições teóricas de Portelli (1997) e Thomson (1997), que apresentam a questão do depoimento, o ouvir as múltiplas narrativas, no intuito de contribuir de forma mais efetiva e justa para a pesquisa. As entrevistas semiestruturadas foram cotejadas com outras fontes documentais abordadas à luz da bibliografia privilegiada na pesquisa.

Desses procedimentos, resultaram quatro classes de sujeitos entrevistados: classe I: professoras e diretoras; classe II: supervisoras pedagógicas; classe III: congadeiros; e classe IV: pesquisadores da congada na cidade de Machado, conforme as Tabelas 2, 3, 4 e 5.

---

TABELA 2 - Classe I: Professoras e Diretora entrevistadas – Minas Gerais – 2012

<b>Professora</b>	<b>Contexto</b>
1 Silvana Cristina Pereira	Uma das idealizadoras do projeto. (Anexo II)
2 Kátia Maria da Silva	Professora do 1º ano de escolaridade. (Anexo III)
3 Soniamar de Lima Ferri	Professora, ex-diretora e atualmente bibliotecária (Anexo IV)
4 Fabiana Augusta de Carvalho	Professora de Educação Física no início da formação do Terno de Congo Mirim. (Anexo V)
5 Márcia de Paula	Membro da Associação dos Congadeiros e professora (Anexo VI)
6 Maria Aparecida Cangussu	Supervisora e idealizadora do terno de congo mirim no início de sua formação e, atualmente, professora do Instituto Federal de Machado (IFSULDEMINAS). (Anexo X)
7 Luiza Lopes	Diretora a qual ocupava na época em que se iniciou a pesquisa da formação do terno de congo mirim da Escola estadual paulina Rigotti de Castro. Sua formação acadêmica é Matemática e Pedagogia. Esta diretora conduziu a escola até o mês de outubro de 2011, quando aposentou-se. (Anexo VII)

---

TABELA 3 - Classe II: Supervisoras pedagógicas entrevistadas – Minas Gerais – 2012

<b>Supervisora pedagógica</b>	<b>Contexto</b>
8 Rosa de Fátima Ferreira de Souza	Formação em pedagogia e letras. Supervisora da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro na época da pesquisa. (Anexo IX)
9 Gláucia Begali	Formação em pedagogia. Professora e supervisora da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro na época da pesquisa. (Anexo VIII)

TABELA 4 - Classe III: Congadeiros entrevistados – Minas Gerais – 2012

<b>Congadeiros</b>	<b>Contexto</b>
1 João Batista	Capitão do terno de congo São Benedito. (Anexo XI). Filho do fundador do terno, Maquinista
2 Moacir Ferreira	Capitão do terno de Congo São Benedito. Mecânico aposentado (Anexo XII)
3 Sebastião Anselmo de Souza	Agricultor e pedreiro. Capitão do terno de congo Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia (Anexo XIII)
4 José Otávio Filho (Dadu)	Agricultor, capitão do terno de congo São Benedito (Anexo XIV)
5 Jorge Marcelino da Silva	Lavrador, capitão do terno São Benedito (Anexo XV)
6 *Antônio Pereira da Silva (Baiano)	Membro da Associação dos Congadeiros e um dos responsáveis pela criação do terno de congo mirim, pois ajudou a professora Maria Aparecida Cangussu a ensaiar as crianças (Anexo XVI)

TABELA 5 - Classe IV: Pesquisadores da Congada na cidade de Machado entrevistados – Minas Gerais - 2012

<b>Pesquisadores</b>	<b>Contexto</b>
<b>1 José Vitor da Silva</b>	Ex-professor universitário e diretor do jornal local Folha Machadense Pesquisador da Congada em Machado (Anexo XVII)
<b>2 Ceila Caproni Gonçalves</b>	Ex-diretora, professora universitária e pesquisadora da Congada em Machado Anexo (XVIII)

A partir das entrevistas realizadas, tivemos acesso às reminiscências que passaram a servir a esta dissertação como fontes históricas. Para Thomson (1997, p. 57), "Reminiscências são passados importantes que compomos para dar sentido satisfatório a nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista consonância entre identidades passadas e presente". Como podemos observar nas reminiscências de um dos congadeiros José Otávio Filho<sup>5</sup>:

*São lembranças de tempos passados lembro muito bem do tempo em que meu pai juntava sua viola e puxava a cantoria Era muito bonito olhar o terno de congo. Logo em seguida todos acompanhavam o ritmo do seu apito. As fardas a cada ano usavam uma farda diferente, colorida, brilhante que encantava a todos na nossa passagem pelas ruas da cidade. A rainha é quem segurava a bandeira, e as meninas todas de saias rodadas, cantavam e dançam em louvor a São Benedito. São tantas as lembranças... Parece que foi ontem. Eu era criança e ouvia louvores a São Benedito que surgiam longe, lá no alto da serra. Nós morávamos na roça. Os ensaios do terno como eram bons aqueles ensaios. Quanta música bonita. E a procissão do reinado que coisa maravilhosa. Dia de usar a farda nova e acompanhar o cortejo que leva São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. É muita fé que nos acompanha na festa de São Benedito. Nunca senti coisa mais gostosa do que estar no ranchamento. Muito colchão no chão, criança, pulando de um lado para outro. Comida no fogão fervendo. Como dizem por aí... São Benedito multiplica o pão. São tantas as lembranças que fico triste de pensar. No tempo que já se foi. Quanta gente se passou e hoje só estão os netos, os primos e os sobrinhos. Mas a luta continua, pela fé em São Benedito. A festa de São Benedito é festa de fartura, toda nossa gente se prepara para os dias de festa. É bom ver o povo reunido olhando nosso terno passar e cantar. Gosto muito do terno de congo. Nele eu cresci, meus netos, meus filhos e sobrinhos e se Deus quiser nele quero seguir até o fim. Todo mês de agosto minha missão é esta. Com a benção de São Benedito.*

As crianças lembradas, no texto, são da família do senhor José Otávio Filho e de outros congadeiros que compõem o terno de congo. Quando o senhor Otávio usa a expressão “a luta continua”, ele se reporta à sobrevivência desse terno de congo, das dificuldades encontradas no decorrer dos anos para sua preservação e continuidade. Muitas crianças quando crescem, deixam o terno de congo, passando a valorizar outras manifestações culturais. Segundo ele: “deixar para essas crianças a nossa luta, fazer com que eles permaneçam no terno é difícil, mas ainda é possível. Por isso é necessário levá-las nas apresentações desde pequenas” O fato de a congada adentrar no cotidiano escolar propiciou que as crianças valorizassem a congada a partir do momento que lhes mostrou sua história e a importância dessa manifestação popular para os congadeiros na sua maior parte trabalhadores rurais da cidade de Machado. Os sujeitos dessas entrevistas são narradores, conforme afirma Benjamin (1994), por transmitirem sabedoria e experiências.

---

<sup>5</sup>José Otavio Filho, (66 anos) : Congadeiro, morador do bairro Santa Helena / Machado. Entrevista feita no dia 18/12/2011. Capitão e fundador do Terno de Congo: São Benedito (Anexo XIV)

A história oral permite que tomemos a oralidade como instrumento de transmissão de valores, de visões de mundo e de cultura. Nas narrativas, os congadeiros relatam suas reminiscências, remontam sua história, cantam seus ritmos. Segundo Portelli (1997c, p.15):

A história oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito - assim como a sociologia e a antropologia - a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele.

Assim, a história oral nos permite o acesso a uma grande quantidade de fatos (PORTELLI, 1997c, p. 27). Podemos afirmar que a história oral valoriza as pessoas, “dando voz” aos diferentes sujeitos, a história pode ser escrita valorizando suas experiências e crenças. Ao entrar em contato com essas memórias, o historiador constrói fontes históricas, assumindo então a obrigação de ouvir e de interpretar essas narrativas, pois devemos ter a consciência de que todas as pessoas, com quem conversamos, enriquecem nossas experiências, justamente pelo fato de os sujeitos serem singulares. Para Portelli (1997c, p.17), no trabalho de campo, é importante que o pesquisador tenha, como uma das primeiras lições de ética, atitudes de respeito e de importância a cada indivíduo. Posto que “cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados” (PORTELLI, 1997c, p.17).

Nesta dissertação, o trabalho com a história oral trouxe a história de vida dos congadeiros e nos mostrou sua cultura, o lugar social de onde falam. Os depoimentos dos professores e pesquisadores da congada contribuíram para compreendermos como se deu o processo de formação do terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro e como essa temática foi apropriada pelas disciplinas de Português, de História, de Artes e de Educação Física. O próximo capítulo apresenta uma contextualização da cidade de Machado, a Festa de São Benedito e as congadas.



A história de Machado está ligada intimamente àquela referente à colonização das terras do Sul de Minas Gerais. O terreno onde se desenvolveu a atual cidade de Machado foi doado por Ana Margarida Josefa de Macedo e constava de nove alqueires de terra. Seu povoamento começou nos princípios do século XIX, em fins de 1816, por iniciativa do tenente Antônio Moreira de Souza e de Joaquim José dos Santos, que tinham colocado o povoado sob patrocínio e proteção da Sacra Família. Como não foi possível colocar nos altares as imagens de Jesus, Maria e José, o capitão de ordenanças Antônio Joaquim Pereira Magalhães, cumprindo um voto, doou à igreja a imagem de Santo Antônio. Em decorrência de tal fato, o povoado ficou conhecido, ora por Santo Antônio de Machado, ora por Sacra Família do Machado e, por Santo Antônio da Sacra Família do Machado.

A povoação que pertenceu, sucessivamente, a Cabo Verde, Jacuí, Caldas e Alfenas, foi levada a curato<sup>6</sup> independente, por provisão do Governador do Bispado Revmo. D. Antônio Martiniano de Oliveira, datada de 05 de agosto de 1852. O curato passou a freguesia<sup>7</sup> por Lei Provincial nº 807 de 03 de julho de 1857. A Lei Provincial nº 2684, de 30 de novembro de 1880, elevou a freguesia a vila<sup>8</sup>. O novo município era constituído pelas freguesias de Machado e de Carmo da Escaramuça, desmembradas de Alfenas, e São João Batista do Douradinho, ficou fazendo parte da Comarca de Jacuí. Tomou foros de cidade pela Lei Provincial nº 2.766 de 13 de setembro de 1881, que alterou o topônimo municipal para Machado, nome que conserva até os dias atuais (COSTA, 1976).

Atualmente, o município de Machado conta com uma população de 38.688 habitantes, conforme registro do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. A agricultura e a pecuária são os principais ramos da economia do município, destacando-se o café. Quase todo o desenvolvimento socioeconômico do município é baseado na agricultura. A cafeicultura domina a paisagem em muitos pontos, existindo cerca de 19 milhões de pés plantados no município, ocupando uma área de 9.500 hectares e produzindo uma média de 160 mil sacas de 60 kg/ano. Há também a produção de milho, de feijão. Na outra ponta da economia, o leite tem tido sua produção ampliada, estando, atualmente na faixa de 50 mil litros/dia, sendo 40 mil litros do tipo “B”- este índice coloca Machado na 7ª colocação no país, nessa especialidade. Como resultado de sua potencialidade, infraestrutura, recursos humanos e estratégica posição geográfica, a cidade oferece inúmeras oportunidades para os investidores.

---

<sup>6</sup>Curato: Povoação pastoreada por um cura. Fonte: Ferreira (2001, p.198)

<sup>7</sup>Freguesia: clientela, grupo de compradores. Povoação, sob aspecto eclesiástico. Fonte: Ferreira (2001, p.333 )

<sup>8</sup>Vila: Povoação de categoria superior à de aldeia ou arraial e inferior à de cidade. Conjunto de pequenas casas parecidas, dispostas de modo que formam rua ou praça interior. Fonte: Ferreira (2005, p. 898)

Machado é uma cidade montanhosa. A cidade fica em uma região privilegiada por estar próxima de grandes centros: 270 km aproximadamente da cidade de São Paulo, 33 km de Alfenas, 87 km de Poços de Caldas e 69 km de Varginha, o que facilita o escoamento de toda a produção agrícola.

## 2.1 A congada

Fizemos a opção de trazer algumas referências sobre a congada antes de focalizarmos especificamente a Festa de São Benedito e os ternos de congo de Machado com o intuito de ampliarmos a compreensão dessa manifestação cultural popular. Zamith (1995) entende a congada como um folguedo brasileiro, de caráter religioso, que se apresenta em forma de cortejo real, incluindo cantos e danças, e frequentemente, em trechos com representações teatrais. Segundo a autora, a congada é formada por grupos chamados ternos<sup>9</sup>, guardas ou companhias, compostos predominantemente por negros, que se reúnem para louvar seus santos de devoção.

A congada é uma manifestação cultural, religiosa e popular que remonta ao período de escravidão no Brasil, pois os escravos trazidos de várias regiões da África eram proibidos pela Igreja Católica de praticarem sua religião, embora tivessem sido catequizados e algumas manifestações dessa religião, como, por exemplo, o louvor a alguns santos católicos acabaram sendo introduzidas em suas práticas. As festas religiosas, como as congadas, manifestam tradições e preservam costumes, crenças e rituais que caracterizam e dão significação a elas. Os costumes são passados de geração a geração, por aqueles que delas participam.

Segundo Cascudo (1954, p. 298): “[...] os verbetes congadas, congados e congos são definidos como autos populares brasileiros de motivação africana representados no Norte, Centro e Sul do país [...] Ressalta que esses autos nunca aconteceram no território africano. É trabalho da escravaria já nacional”.

O terno congo é composto por um grupo de bailarinos em dois cordões, que

---

<sup>9</sup> Terno é uma categoria nativa utilizada para identificar os diferentes grupos que compõem a congada. Geralmente o terno é composto por parentes consanguíneos ou simbólicos e possui uma combinação de cores específicas, que o distingue perante os demais. Em alguns casos, são essas cores que dão o nome ao terno: Camisa Rosa, Camisa Verde, Azul e Branco (ZAMITH, 1995). Ainda, pode designar grupo de três coisas ou pessoas. O mesmo que trindade. Em Minas “Grupo de pessoas, pouco ou muito numeroso”. Fonte: <http://www.dicionarioweb.com.br/terno.html>, consultado em: 22 nov. 2012

representam; um, os súditos do Rei do Congo; outro, os soldados da Rainha Ginga. No meio, encontram-se os solistas, simbolizando os seguintes personagens: Henrique, Rei Cariongo, que é o Rei do Congo; o Príncipe de Suena; dois dignitários do Reino do Congo: o Secretário e o Ministro; o Embaixador da Rainha Ginga (em cada região o sobrenome varia); e finalmente, o General dos Exércitos da Rainha Ginga. Essa estrutura já foi também um tanto alterada com o correr dos anos. Conservam-se hoje, unicamente, os dois cordões com os solistas ao centro. Segundo Pereira (2007, p. 87),

O Congado pode ser caracterizado, em linhas gerais, como um sistema religioso sincrético, que acolheu no contexto brasileiro colonial e pós-colonial representações simbólicas de grupos bantos e do catolicismo europeu. Esses aspectos se relacionaram de maneira tensa e contraditória, tornando o Congado uma vivência religiosa que espelha alguns dos processos de interação e conflito da sociedade brasileira. Do ponto de vista social, o congado constitui uma experiência de comunidades menos favorecidas, situadas em áreas rurais e periferias dos centros urbanos. Do ponto de vista étnico, é formado por negros, mulatos e brancos. Do ponto de vista religioso, articula-se a partir de matrizes identificadas através das metáforas *ingoma* (que designa a presença de Zumbi e Calunga, divindades bantos, e o culto aos antepassados, reconhecidos como os antigos papai, mamãe, vovô, vovó, “nego veio” de Angola) e do Rosário (que indica a apropriação e a reelaboração de elementos do catolicismo através da devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos de cor, como São Benedito e Santa Efigênia).

As festas populares brasileiras foram enriquecidas com as tradições, com os hábitos e com as crenças manifestadas em épocas festivas. De acordo com Andrade, ( 1935, *apud* SOUZA, 2002), tais manifestações contribuiriam muito para o estudo e para a valorização da cultura brasileira, dentre as danças citadas e estudadas por esse autor, encontra-se o congo. Para Andrade, ( 1935 *apud* RABAÇAL, 1976, p.189),

O jesuíta Antônio Pires dá notícia de que em 1552, os negros africanos de Pernambuco estavam reunidos numa confraria do Rosário, e se praticavam na terra procissões exclusivamente compostas de homens de cor. Não se refere ainda a reis negros aqui, mas a indicação é muito sintomática. A eleição de reis negros titulares, a coroação deles, e as festas que provinham disso, Congos, Congadas, sempre até hoje se ligaram intimamente à festa, e mesmo à confraria do Rosário. Inda mais: as procissões católicas eram cortejos que relembavam ao negro os seus cortejos reais da África. Nada mais natural do que a identificação.

Ainda de acordo com Andrade (1935), não há possibilidade de as congadas serem manifestações inspiradas na cultura europeia e, sim, derivadas do costume africano de se celebrar o coroamento dos reis emergentes. Assim, as congadas seriam manifestações culturais espontaneamente criadas pelos escravos e, não, uma imposição do colonizador

européu. Ainda para o autor, a nomeação de reis de fachada foi muito difundida entre os negros e teve seu início na África.

Segundo Araújo (1967 *apud* CAPRONI; REIS, 1979, p. 7),

[...] a Congada foi criada pelo catequista, que tinha como objetivo principal a função sublimadora dos escravos e a integradora do pagão, do fetichista, na religião oficial. A escravatura negra levava à destruição das civilizações africanas, desunindo as diversas tribos para cá trazidas. Procurava-se com isso evitar que houvesse uma revolta contra os brancos, pela aliança entre elas. Como na África as nações eram inimigas entre si, suas lutas tiveram prosseguimento aqui no Brasil. Sendo as tribos formadas por negros que se degladiavam, todas as suas danças eram consideradas guerreiras. A igreja, aproveitando esse instinto bélico, as transforma em espécie de rememoração das Cruzadas, misturando a atitude do negro com o sentimento religioso. Mediante sublimação, estabelecia-se, assim, uma defesa para o branco.

Na versão de Pereira (2007), a Congada é descrita como uma manifestação cultural de reverência aos antepassados, pelos negros no Brasil, a partir do período colonial. Caracteriza-se como uma festividade sincrética e religiosa que foi apropriada e permitida pela Igreja Católica a fim de diminuir as tensões e promover o catolicismo. Tal apropriação é sustentada por Araújo (1967 *apud* CAPRONI; REIS, 1979), porém afirmando que os festejos teriam sido criados pela Igreja. Em ambas as versões, a permissão e o controle estão nas mãos dos brancos.

Os escravos eram considerados simples instrumentos de trabalho. Os missionários e os capelães aconselhavam os latifundiários a dar-lhes alguns dias de festa por ano, as quais, geralmente, coincidiam com as grandes datas religiosas, ocasião aproveitada para cristianizar os cativos. Graças a tais folgas, muitas das músicas e das danças trazidas da África conservaram-se na cultura brasileira.

A congada é uma forma particular de conceber e transmitir a história, permeada de ritos religiosos e de mitos que fundamentam crenças e comportamentos, pois a história pode ser guardada e transmitida de modos diferentes, característicos em sociedades diversas, que constroem a memória à sua maneira própria. A dança, os sons dos diversos instrumentos que se misturam formando novos sons para o brilho das fardas, a bandeira com a imagem do santo, os versos, a música, são as maneiras que os congadeiros utilizam para mostrar suas manifestações, a congada como cultura popular.

Tais táticas utilizadas pelos congadeiros, bem como essas performances dependem de saberes antigos trazidos pelo tempo, pelas histórias, numa tentativa perpetuá-las.

Conforme De Certeau (1994, p.47) propõe,

A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo a distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas.

FIGURA 2 - Terno Nossa Senhora do Rosário. Apresentação na Praça de São Benedito, 23 de agosto de 2010



Fonte: Arquivo pessoal da professora Márcia de Paula.

A aceitação da Igreja Católica e da sociedade, guardadas uma série de restrições que variavam conforme as circunstâncias do lugar e do momento, favoreceram a existência dos reinados negros e das congadas. Neste trecho da entrevista da professora Rosa de Fátima Ferreira de Souza,<sup>10</sup> podemos constatar o ritual do reinado como parte do que acontece na festa de São Benedito em Machado (MG), quando diz que,

<sup>10</sup> Professora da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, Rosa de Fátima Ferreira de Souza. Entrevistada em 13/11/11 (anexo IX).

*Outro momento muito importante da festa de São Benedito é o reinado. O reinado ele acontece na última segunda-feira de festa. Os ternos de congados vão buscar os integrantes da corte que fazem parte da festa. O rei perpétuo, o rei congo, as rainhas e princesas. Eles buscam nas suas residências e esses reis eles descem a caráter com seus mantos e coroas. Os cortejos seguem para a igreja matriz e a comitiva com pressa dirige-se para a igreja de São Benedito, seguindo o mesmo roteiro da procissão. Nesse momento, acontece a coroação dos festeiros do ano seguinte, cerimônia realizada pelo pároco da cidade. A coroação ocorre após o canto do hino da cidade e compreende a troca de coroas e de mantos. O reinado é o momento mais bonito da festa, quando os ternos de congo encenam a tomada da coroa do rei com danças, usando fitas e artifícios nessa tentativa.*

O processo histórico, no qual as festas de coroação de rei congo se constituíram, privilegiaram a perspectiva do encontro de culturas diferentes, que, em dado contexto de dominação social, produziu manifestações culturais mestiças. Para isso, foi necessário aprofundar o conhecimento da história e da cultura da África Centro-Occidental, que compreende a região chamada pelos portugueses dos séculos XVI ao XIX, de Congo e Angola, e preencher uma lacuna nos estudos de manifestações culturais afro-brasileiras, no que diz respeito às contribuições do mundo banto (SOUZA, 2002).

Segundo Romero (1954 *apud* SOUZA, 2002, p. 296),

*Os Congos são uns pretos, vestidos de reis e de príncipes, armados de espadas, e que fazem uma espécie de guarda de honra a três rainhas pretas. As rainhas vão no centro, acompanhando a procissão de São Benedito a de Nossa Senhora do Rosário, e são protegidas por sua guarda de honra contra dois ou três do grupo, que festejam por lhes tirar as coroas, o que é vergonha para a rainha.*

ROMERO (1954 *apud* SOUZA, 2002, p. 296) chamou de congos aos dançarinos, caracterizados segundo certos personagens, entre eles os que compõem a corte, que era parte integrante da procissão dos santos festejados.

Conforme relata Andrade (1982 *apud* SOUZA, 2002, p.300):

*Congos e Congada prevalecem sobre outros na nomenclatura coreográfica do país, para designar as danças-dramáticas afro-brasileiras, isso deriva de canto ou dança cantada serem representados em língua conguêsa por palavras que coincidiam de alguma forma com o substantivo gentílico.*

Andrade (1982, *apud* SOUZA, 2002) reforçou a ideia de que: “congo” era uma palavra-chave na atribuição de características comuns aos grupos africanos de origem bantos, em processo de construção de novas identidades. Dança cantada, tal sentido foi agregado aos

outros já mencionados no vocabulário da comunidade negra, a associação entre um passado africano e uma identidade católica, ligada à história do reino do congo; pelo lado das autoridades, a proeminência que o reino do congo teve nas relações de Portugal com os reinos africanos, sendo os mais bem-sucedidos casos de catequese católica associada à ideia do império. Essas danças dramáticas, que ficaram conhecidas como congos ou congadas e reproduziam episódios da história e características das sociedades bantas, eram conduzidas por versos entremeados de palavras africanas com significados que se perderam até mesmo para os que as executavam, e que misturavam padrões literários de ambas as culturas envolvidas.

As festas em torno de reis por ocasião da celebração de santos padroeiros contribuíram para consolidar a identidade das comunidades negras. Foram criadas no contexto da escravidão, no interior das irmandades que, além de responderem a uma série de necessidades dos grupos que as formavam, também eram instrumentos de controle da sociedade senhorial sobre os negros. Integradas ao quadro maior da religiosidade colonial, na qual a distância da igreja em relação ao cotidiano dos fiéis era compensada pela ação das irmandades, o culto aos santos envolvia a realização de uma multiplicidade de festas anuais. A eleição de reis e as danças que as acompanhavam foram afetadas pelas transformações que, no século XIX, alteraram as feições da Antiga América portuguesa, transformadas em estado imperial independente (SOUZA, 2002).

As festas características de um catolicismo barroco, no qual as manifestações públicas e grandiosas da fé eram um dado fundamental, apesar de continuarem acontecendo, como atestam os relatos dos viajantes, foram sendo cerceadas pelo Estado e pela Igreja. À medida que os séculos avançavam, tais instituições ganhavam espaço para impor certos padrões de civilidade que buscavam aproximar o jovem país do mundo europeu, irradiador das luzes preconizadas no final do século anterior.

Esse processo foi minuciosamente estudado por Abreu (1999 *apud* SOUZA, 2002) que, centrando sua análise na festa do Divino Espírito Santo, realizada no Campo de Santana, no Rio de Janeiro, no século XIX, identificou os mecanismos de controle e de permissão elaborados pelas autoridades administrativas e adequados às relações sociais então vigentes.

Desde a chegada da família real, em 1808, cresceu a preocupação com a ordem pública, proibindo-se danças, tambores e peditórios que, ao provocar ajuntamentos negros, frequentemente acabavam em desordem. As medidas de controle e de proibição dos festejos populares, realizados nas ruas da cidade, variavam de um momento para o outro.

## 2.2 A Festa de São Benedito em Machado

A festa de São Benedito é tradicional em Machado. Ela acontece há aproximadamente 98 anos, sendo que seu primeiro registro é encontrado no Livro de Tomo da Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio (REBELLO, 2006). A festa ocorre em agosto e as manifestações são divididas em duas partes, uma parte religiosa e outra, profana. A parte religiosa é composta por procissões e missas em louvor ao santo padroeiro e a parte profana é composta por diferentes manifestações culturais, dentre as quais se destacam as congadas, formadas por grupos de populares que cantam e dançam, seguindo a tradição herdada de seus ancestrais.

No município de Machado, para Caproni e Reis (1979), a congada se apresenta organizada e se realiza durante a Festa de São Benedito, que acontece ajustada ao ciclo agrícola, ou seja, ao término da colheita do café, principal cultura do município. Vale nos reportar a Thompson (1998, p. 52) quando o autor se referia às,

[...] muitas semanas de trabalho pesado e dieta escassa, que eram compensadas pela expectativa (ou lembranças dessas ocasiões, quando a comida e bebida eram abundantes, floresciam os namoros e todo tipo de relação social e esquecia-se a dureza da vida). A maior parte do calendário festivo emocional situava-se nas semanas logo depois do fim da colheita.

Também ocorre em Machado o que o autor pontua, no seu livro *Costumes em Comum* (1998) sobre o fazer-se da classe operária, ou seja, as festas populares realizadas após a colheita eram uma das maneiras pelas quais os senhores minimizavam os descontentamentos dos camponeses, decorrentes dos trabalhos intensos e árduos realizados ao longo do plantio e da colheita. A festa de São Benedito acontece em agosto porque, geralmente nessa época, os congadeiros e boa parte dos habitantes do município se encontram em condições financeiras satisfatórias, pois nesse período acabaram de receber o pagamento pelo trabalho na colheita do café. É a ocasião também em que se colhe o milho, a abóbora, o feijão que foi plantado, no meio dos cafezais, em parceria com o fazendeiro. Nessa época o trabalho é farto e os fazendeiros concordam em liberar seus trabalhadores rurais para que participem dos festejos, pois o trabalho na colheita é manual e árduo. Há várias histórias que contam como surgiram

os ternos de congo em Machado e todas elas associam-nos às festividades religiosas. Caproni e Reis (1979, p. 23) nos relatam que,

Nem sempre a festa realizou-se em agosto. Em 1938 e 1939, foi em julho. Em 1940, em setembro. Só partir de 1942 é que o evento passou a se desenrolar sempre no mês de agosto. E por que agosto? Teria isso a ver com o “Mês do Folclore”? Nada autoriza a afirmá-lo, mesmo porque havia um total desligamento entre a parte religiosa e profana da festa. E na sua maioria, as festas próprias dos negros, no Brasil, como a de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, realizam-se quase sempre no mês de maio, por causa da data da libertação da escravidão nesse país e, em outros casos, por ser maio o mês consagrado a Nossa Senhora. Cumpre ressaltar ainda que no calendário litúrgico não há data específica para a comemoração de São Benedito. Então, para elucidar o assunto foi feita uma pesquisa de opinião pública e de todas as impressões colhidas prevaleceu a de que há uma evidente relação entre essa data – agosto – e a época de maior fatura econômica do município, cuja grande renda é o café. De forma que todos estariam em boas condições para colaborar com a igreja. E os congadeiros, em sua maioria, trabalhadores nas colheitas de café, teriam igualmente melhores condições de fazer a sua festa.

Com a colheita de café e a venda dos grãos plantados em parceria com os fazendeiros, os trabalhadores rurais têm uma melhora na situação econômica e dispõem de dinheiro para gastar nas barracas de alimentação e de vestuário. Carvalho (1977), um dos estudiosos do tema e escritor machadense, escreveu o que se conhece de tradição histórica do Congo em Machado na revista *Congadas* (2004, p.10),

O Congo teve um princípio muito bonito aqui em Machado. No tempo do cativo, tinha uns que gostavam de caçar de bodeque. Aconteceu que, caçando, acharam um nhambu que aparecia e sumia. Eles foram indo atrás, aí deu num rochedo de pedra e o nhambu sumiu derradeiro e eles viram ali uma Santa Preta, uma estátua, em cima da pedra, no lugar onde nhambu sumiu. Aí, eles eram três companheiros, levaram a mão na Santa, mas ela não saiu do lugar, não puderam tirar. Foram embora pra casa; chamaram outros cativos e voltaram uma porção de homens, rezando, rezando, em redor dela. Ainda não puderam tirar a Santa, ela não saiu do lugar. Voltaram pra casa e inventaram outro modo, que nem na África: um arranjou uma viola, outro uma caixa, um pandeirinho, e todos vestiram uma saia colorida, que nem na África, e voltaram. Aí chegaram e tocaram e dançaram em redor da Santa Nossa Senhora do Rosário e cantaram: Vamo vamo Nossa Senhora. E quando viu, a Santa deitou e eles puderam trazer. Puseram em riba de uma mesa e foram rezando, dançando, admirando ela adorando de vela acesa. Era todos gente africana, cantavam enrolado numa língua velha que era a deles. Daí nós continuamos todo o sempre com o nosso canto e a nossa dança, pra homenagear a Santa e ao São Benedito que ajudou Nossa Senhora criar o Menino Jesus Argemiro e foi cozinheiro preto.

Caproni e Reis (1979) analisam o período de comemoração da Festa de São Benedito, embasados em uma visão histórico-linear e a justificam a partir de interesses religiosos e econômicos. Carvalho (1977), transcreve a percepção do Rei Perpétuo Joaquim Santana que, pela tradição oral, explica a origem das festividades pela mistura de sincretismo e de religião originando os ritos sagrados e profanos das Congadas, que são transmitidos através das gerações, até os dias atuais.

Os Ternos de Congo foram organizados pelos colonos. Eles tiveram início nos folguedos de São João, que eram realizados tradicionalmente todos os anos, em junho, nas fazendas dos municípios, no início do século XX. Os colonos, em sua maioria, eram negros. Essas festas eram muito populares e como tinham um fundo religioso, os dias de festas devotadas aos santos festejados aumentaram: Santa Cruz, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito. Realizadas desde a abolição da escravatura, compunham-se de bailes e danças - as mais variadas, e quitandas, como pau-a-pique (espécie de broa na folha de bananeira), biscoitos, batatas assadas e pipocas. As danças eram com gingados e evoluções. Com o passar dos anos, essas festas das fazendas passaram às cidades, e as danças com aqueles gingados dos saudosos folguedos receberam o nome de Dança de Congada e Festa de Congada (CAPRONI; REIS, 1979).

Segundo Carvalho (1977), as primeiras festas em Machado aconteceram em frente de um grande cruzeiro, bem no fundo da Grama – pracinha quase central, próxima da igreja matriz da cidade. Local onde os ternos de congo se reuniam para os costumeiros ensaios. Também ali, foram realizadas algumas festas aos santos protetores dos negros. Porém, os grupos de congadeiros foram aumentando e aquele espaço que era tão grande foi-se tornando pequeno. As procissões saíam da Igreja Matriz, no centro, e iam terminar na Grama, onde os congadeiros saudavam os santos.

FIGURA 3- Fachada da igreja de São Benedito na Praça de Benedito de Machado (MG).



Fonte: Arquivo pessoal da professora Márcia de Paula. 28/08/2010

Como os festejos caíram no gosto da população, eles tiveram que arranjar outro espaço para sua realização. Hoje, o palco central das festividades é a Praça de São Benedito, em frente à igreja de mesmo nome e distante da igreja matriz.

No início da história da organização da Festa de São Benedito em Machado, foram criados dois Ternos de Congo, a princípio rurais, que passaram a disputar a primazia em tudo. Eram o “Terno de João Carvalho” e o de “Chico Moreira”. Cada um recebeu o nome do próprio chefe ou do capitão fundador. O “Terno de João Carvalho” – fazendeiro local – teve sua sede do outro lado do Jacutinga – ribeirão que percorre a parte baixa da cidade, indo desaguar no Rio Machado, que deu denominação ao município (CAPRONI; REIS, 1997). Segundo Costa (1977), o outro Terno foi organizado por Chico Moreira, que era um escravo, e que tinha maneiras corteses que faziam inveja a todos. Muitas vezes, quando se referiam à sua pessoa, diziam que igual a ele não existia ninguém, a não ser “Chico Rei”, outro preto, que viera da África, possivelmente do Congo.

Segundo o congadeiro Moacir de Souza Ferreira,<sup>11</sup> a formação do primeiro terno de Congo na cidade de Machado aconteceu da seguinte maneira,

*Quando meu avô montou essa congada ele e seu Chico Mole, foi o primeiro terno que existiu aqui em Machado. Aí as ruas eram tudo de terra ainda e o terno foi fundado na Rua 13, onde hoje é a Rua Dom Hugo. As ruas eram de terra, eu era pequenininho, mas já dançava. O meu avô era contra mestre, tio Chico era capitão. Depois que meus avôs e meus tios faleceram, aí o terno passou a ser do meu pai e depois passou pra mim.*

Todos os Ternos, nos dias de hoje, têm o seu chefe, a quem chamam de capitão. Esse é o responsável pela organização dos horários de ensaios, pela escolha das roupas, das músicas, da alimentação e pelo alojamento dos congadeiros, enfim, por todas as atividades que envolvem os Ternos na participação dos festejos. De acordo com a fala do congadeiro Sebastião Anselmo:<sup>12</sup>

*O capitão, ele comanda seja lá 60, 80 pessoas. A responsabilidade é muito grande. Olha, ser o capitão é assim... Suponhamos ali vem uniforme, capitão que tem que movimentar instrumento, então veja, uma parte dessa aí que o capitão faz a responsabilidade dele não é brincadeira num congado.*

Assim, segundo a narrativa do congadeiro Sebastião Anselmo, as responsabilidades de um capitão do terno de congo são muitas é ele quem organiza o terno e é o responsável pelo cumprimento dos rituais durante a festa de São Benedito. Em Machado, (MG), todos os domingos, a partir do dia 13 de maio, cada Terno se reúne na Praça de São Benedito e realiza seu ensaio. Quando agosto vai se aproximando, os ensaios se intensificam. E o número de Ternos ensaiando na praça e em suas imediações aumentam. Não há número estipulado de participantes para o Terno. De acordo com a revista *A Festa de São Benedito em Machado – MG. Congadas*, (1979, p.11), os Ternos de Congo possuem,

Composição variadíssima e vestimentas multicoloridas, com estandartes e bandeiras, assim se apresentam os grupos bailarinos, comumente chamados Ternos de Congo. Nas suas fileiras, figuram adultos e crianças, são escolhidas as moças das mesmas famílias que compõem os Ternos, as quais se vestem de roupas longas e bem rodadas e ostentam, na cabeça, enfeites, como coroas ou flores. O grupo assim

<sup>11</sup> Congadeiro- Moacir Ferreira de Souza entrevistado em 21/12/2011 (anexo XII).

<sup>12</sup> Congadeiro – entrevistado em 08/01/2012 (anexo XIII).

organizado caminha, ao som de canções e batuques de caixas. A dança percorre as ruas da cidade, num verdadeiro ritual. Todos os Ternos escolhem uma Rainha, que deve ser um elemento que saiba dançar com agilidade e desenvoltura. Os estandartes e bandeiras são de tecidos brilhantes, com pinturas as mais variadas, destacando-se as de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e Princesa Isabel. Há outras pinturas nesses estandartes, que se apresentam fora do contexto habitual das Congadas, como o sol, a lua, certos animais, o que demonstra a grande influência de credences vindas de outros povos, misturando-se à realidade do negro.

Os ternos de congo apresentam vestimentas e cores variadíssimas. Vale ressaltar a uniformidade nas vestimentas, cheias de cores, dos congadeiros, roupas simples fugindo da modernidade, inclusive nas roupas das dançarinas. Assim todos organizados, os ternos de congo caminham pelas ruas da cidade cumprindo seu ritual. As rainhas exibem os estandartes com bastante brilho e variadas pinturas.

Os congadeiros participam também com fervor das partes religiosas da festa, que se iniciam com a novena. Muitos deles fazem novena a São Benedito, a Santa Efigênia e a Nossa Senhora do Rosário. A reza é responsabilidade dos padres. A igreja é toda organizada para festa., que compreende também uma missa rezada na igreja de São Benedito. O grupo de festeiros, composto por três casais escolhidos pelo pároco da Paróquia Sagrada família e Santo Antônio, organiza a festa com a ajuda da Associação dos Congadeiros. A coroação dos festeiros acontece numa cerimônia realizada depois do reinado, logo após o canto do hino da cidade de Machado (MG), quando acontece troca de coroas e mantos. Dois meses antes, os festeiros saem pelas fazendas arrecadando gado, porcos, galinhas para que sejam leiloados no primeiro sábado da festa, ou utilizados nos preparos de quitutes para também serem leiloados na barraca do bingo. Os fazendeiros, em sua maioria contribuem. No local da festa são feitos leilões de prendas, animados pela banda de música da cidade e pelo serviço de alto-falante, que funciona ininterruptamente na praça. Quando vai se aproximando o final da tarde, as barracas começam a fazer os churrasquinhos, a assar os pernis e o cheiro se espalha por todo o ambiente da praça. Às dezoito horas, ouve-se o sino da igreja de São Benedito que parece tocar dentro da gente. De muitos bairros de Machado se ouve o som do sino.

FIGURA 4 - Subida do Reinado – Guarda de honra de São Benedito, rainha e rei do congo próximo à Praça de São Benedito.



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Márcia de Paula - 28/08/2010

No dia do reinado, o cortejo é conduzido pelo rei e rainha do congo, pelas demais rainhas e princesas. O reinado é o momento mais bonito da festa, quando os ternos de congo encenam a tomada da Coroa do Rei, com danças, usando fitas e artifícios.

Os andores de São Benedito, de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia só são ornamentados no dia da festa, no momento da procissão no domingo. Há sempre devotos que, por promessa, se incumbem com a decoração com orquídeas, que é a flor da época da festa. Essa decoração apresenta motivos sempre renovados e com muita criatividade. Todas as vestimentas dos congadeiros são caprichosamente trabalhadas. Cada terno se apresenta no seu melhor estilo. Há sempre devotos fazendo promessas, vestindo seus filhos para participarem da procissão.

Na festa de São Benedito, deparamo-nos com o culto religioso e o profano coexistindo lado a lado. A congada é o ponto profano da festa de São Benedito. O levantamento do mastro

marca o início dos festejos, dá-se uma semana antes da Festa de São Benedito, ou na sexta-feira que a antecede. Há um capitão do mastro, cuja função é prepará-lo, zelar por ele, dirigir a sua fixação e também a retirada, depois da festa, guardando-o para o próximo ano. O capitão do terno de congo de São Benedito Sebastião Anselmo dos Santos<sup>13</sup> esclarece que,

*O mastro no meu entendimento é um símbolo também da Festa de São Benedito, agora a abertura é a Alvorada, pode ter o Mastro, mas a abertura é a Alvorada. O mastro ele é sagrado, já sai da igreja benzido tem que ser sagrado, mas aqui tem que levantar mais umas duas imagens. Na festa de São Benedito, o mastro ali ele é assim um vai ali pra fazer uma promessa, isso aí é praticamente... Uns já vão por a Mão no mastro “a promessa minha aquilo ali...” então o mastro ele é uma coisa importante, significado assim aquela origem ali já vem vindo muito antigo, muitos antigo que vem vindo com a origem do mastro. O mastro pra nós é uma cultura muito grande.*

No depoimento do capitão Sebastião Anselmo dos Santos, o mastro é o símbolo da festa, é de grande importância tanto para os congadeiros quanto para os participantes. Ele ressalta também que, em outras localidades, há vários mastros e que deveria colocar um mastro para Nossa Senhora do Rosário e um para Santa Efigênia na festa de São Benedito na cidade de Machado (MG).

No dia do levantamento do mastro, uma vara de eucalipto que simboliza o início da festa é enfeitada pelos devotos e pessoas que fazem promessas ou agradecem as graças alcançadas. Já na narrativa do capitão Jorge Marcelino da Silva<sup>14</sup>

*Sobre o mastro. O certo do mastro é no dia que começa a novena né, mas isso em todo caso a novena começa na sexta feira, então passou o mastro pra domingo, aqui nós continuamos fazendo o mastro no domingo. O mastro é o símbolo da festa, no momento em que nós fincamos o mastro, a festa tá armada.*

Esse mastro serve como suporte para a bandeira de São Benedito. A festa se inicia quando se hasteia o mastro e termina com sua descida. É todo enfeitado com flores naturais, que são ofertas feitas ao glorioso Santo pelos cidadãos machadenses.

No dia do levantamento, o mastro é carregado festivamente pelas ruas da cidade, nos

---

<sup>13</sup>Capitão do terno de congo de São Benedito Sebastião Anselmo de Souza, entrevistado em 08/01/2012. (ANEXO XIII).

<sup>14</sup> Congadeiro Jorge Marcelino da Silva entrevista feita em: 14/02/2011 (AEXO XV).

ombros dos congadeiros e dos devotos de São Benedito, ao som da marimba e dos atabaques, ao repicar dos sinos e sob foguetório. É levantado no pátio fronteiro da igreja de São Benedito, à frente do cruzeiro, onde o próprio capitão do mastro abre uma cova para recebê-lo. Esse mastro tem na extremidade superior uma bandeira, quadrada, com a imagem de São Benedito, pois a festa da cidade de Machado (MG) leva seu nome.

FIGURA 5 – Mastro de São Benedito carregado pelo Capitão do Mastro e fiéis.



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Márcia de Paula -31/08/2009

FIGURA 6 – Andor de Santa Efigênia em frente a igreja Matriz da cidade de Machado (MG).



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Márcia de Paula -31/08/2009

FIGURA 7 - Andor de Nossa Senhora do Rosário em frente à igreja Matriz da cidade de Machado (MG)



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Márcia de Paula -31/08/2009.

FIGURA 8 - Andor de São Benedito em frente à Igreja Matriz da cidade de Machado (MG).



Fonte: Arquivo pessoal da Professora Márcia de Paula – 31/08/2009

O andor de São Benedito é disputado durante todo o trajeto e muitos fazem promessas de carregá-lo; outros procuram, pelo menos, tocá-lo. Segue-se o giro<sup>15</sup>, marcado para a procissão. A população caminha em fila de quatro de cada lado. Atrás do andor do santo festejado, segue uma grande aglomeração de pessoas. Retornando à Praça de São Benedito, ao término do cortejo, há uma missa campal e a nomeação dos novos festeiros para o próximo ano. Dada a bênção final, todos os congadeiros, retomando seus instrumentos, iniciam suas danças com força total, desfilam pela Praça de São Benedito, uns vão embora mais cedo e outros ficam, enquanto alguns ternos param para descansar, colocando suas caixas no chão, outros continuam a tocar e assim tocam até terça-feira à noitinha, quando retiram o mastro.

---

<sup>15</sup>Giro- As congadas se posicionam e fazem suas evoluções acompanhando os andores. No giro as duas fileiras das laterais saem e fazem uma meia lua, passando pelo resto dos Congadeiros, chegando até a frente. É dado como giro as vezes que os ternos vão buscar as rainhas em suas casas para fazerem parte do reinado. ( Alfredo João Rabaçal – As Congadas no Brasil)

FIGURA 9 – Guardas do congo e congadeiros conduzindo os festeiros até à Praça de São Benedito.



Fonte-Arquivo pessoal da Professora Márcia de Paula - 31/08/2010

Mas, no último dia da novena, no domingo, popularmente denominado “dia da festa”, realiza-se, à tarde, outra cerimônia religiosa – a procissão, que leva três andores: o de Santa Efigênia, o de Nossa Senhora do Rosário e o de São Benedito, que é o último a sair da Igreja, sendo carregado pelos congadeiros. Nesse dia, as ruas e, principalmente a rua que dá acesso à igreja, ficam lotadas.

As pessoas caminham por essa rua bem devagar, apreciando as barracas dos camelôs que vêm de outras cidades, trazendo novidades; há uma mistura de jovens, crianças e adultos. A partir daí, observa-se o que propõe Girardelli (1981, p. 115), quando diz que, apesar de tudo que foi referido a respeito da congada, ela influencia na economia da cidade, pois é capaz de incentivar o turismo, a economia, embora os congadeiros não tenham consciência desse fato. Durante os dias festivos, acontecem a visitação à tenda do congo, o festival de poesias envolvendo as escolas, as apresentações dos ternos mirins e, à noite, após a novena, os

ternos se apresentam, obedecendo a uma escala feita pela Associação dos Congadeiros. Todos esses eventos nos dias de festa são pontuados na narrativa da professora Márcia de Paula,

*Alguns rituais? Bom, a festa começa tradicionalmente, numa sexta-feira com a alvorada. No sábado, desde o ano de 2002, acontece a abertura da tenda do congo. No primeiro domingo, tem a subida do mastro. Na primeira quarta feira, desde 2002, também acontece o prêmio congada. No segundo sábado da festa, tradicionalmente, tem a festa do bumba meu boi, aliás, do bumba meu boi não, do boi de Oliveiras, que a origem dele é nas cavalhadas. No segundo domingo da festa, a gente tem a procissão de São Benedito, de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia. Na segunda feira a gente tem o Reinado. E na terça feira, a gente encerra com a descida do mastro e com o dia do Congo.*

Conforme a narrativa dessa professora, os rituais que compõem a festa de São Benedito são seguidos por todos os ternos de congo, escolas, comunidade pastoral. Todos os ternos, com seus uniformes das mais variadas cores, comparecem agrupados, carregando seus instrumentos num grande e respeitoso silêncio, acompanhados de numerosa multidão.

FIGURA 10 - Terno de São Benedito do senhor José Batista acompanhando a procissão 31/08/2010.



Fonte: Arquivo pessoal Professora Márcia de Paula

No próximo capítulo, abordaremos o terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, abordando seu processo de formação, analisando as tensões e conflitos fomentados por esse terno no cotidiano escolar, em particular nas disciplinas de Português, de História, de Artes e de Educação Física.

### 3 O TERNO DE CONGO MIRIM DA ESCOLA ESTADUAL PAULINA RIGOTTI DE CASTRO

#### 3.1 O Bairro, a Escola e a Comunidade Escolar

A festa de São Benedito é uma manifestação popular tradicional (HOBSBAWN; RANGER, 1997) que está presente na memória (LE GOFF, 1990; NORA, 1993) da população machadense. No ano de 1997, foi elaborada, na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, uma proposta de um projeto interdisciplinar sobre as congadas em Machado. A iniciativa partiu da supervisora pedagógica Maria Aparecida Cangussu, atualmente professora universitária; da professora entrevistada Silvana Cristina Pereira, professora das séries iniciais do Ensino Fundamental; e da então diretora Soniamar de Lima Ferri.

A Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro está localizada na região periférica<sup>16</sup> da cidade e, atualmente, atende cerca de 640 alunos em dois turnos: o matutino acolhe 380 crianças que estudam do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio e o vespertino atende a 260 crianças, que estudam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Não se sabe exatamente quando o bairro da Ponte, que fica mais próximo da escola, foi fundado. Sabe-se, apenas, que ele recebe esse nome porque existia no local uma ponte que fazia a ligação entre a cidade de Machado e as cidades vizinhas de Paraguaçu e de Poço Fundo. Esta ponte ficava sobre o Córrego Curtume. Segundo Rebello: (2006, Tomo II, p.972),

[...] em 1884 a Câmara mandou construir uma ponte na entrada da Cidade, no lugar denominado Ponte de Pedra. Ela ficava, segundo informações que não pude confirmar, sobre o Córrego atualmente conhecido como do *Curtume*. Com o correr do tempo o nome passou a designar um bairro urbano, de limites indefinidos, ao longo da atual Avenida Comendador Lindolfo de Souza Dias. [...]

---

<sup>16</sup>Periférica, chamada também de subúrbio, são locais distantes dos centros "desenvolvidos" dos municípios ou quaisquer instâncias políticas. Na maioria das vezes, refere-se aos locais com ineficiência de estruturas urbanas básicas como água encanada, energia elétrica, asfaltamento, etc.; Fonte: Ferreira (2004,p.112)

FIGURA 11 – Fachada da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro.



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro 20/04/1999

Esse bairro, em 1960, passou a se chamar bairro Santo Antônio, por existir no local a Igreja de Santo Antônio. Populares, ainda hoje, ao se referirem a esse lugar usam a expressão bairro Santo Antônio<sup>17</sup>. Em sua fundação era a principal via de acesso a outras cidades vizinhas, mas, a partir de 1974, com a construção das rodovias asfaltadas, tornou-se via de acesso secundário. O ano de 1994 foi um ano importante para o bairro, pois foi quando surgiu o primeiro loteamento Jardim Santo Antônio, que fica à margem da rodovia, em área desapropriada de José Wanderley Begalli.

Alguns alunos, que são moradores do antigo bairro da Ponte, atualmente conhecido como Santo Antônio são os integrantes do terno de congo da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro. Em sua maioria, são crianças e jovens que aprenderam e herdaram essa prática cultural, de seus pais, tios e avós que, em grande parte, são trabalhadores rurais que vivem da colheita do café, do plantio de milho, da pecuária leiteira e ainda do trabalho nas olarias manuais.

<sup>17</sup> Os principais logradouros desse bairro são: Rua Francisco de Carvalho Dias, Rua Olímpio Domingues Pinto e Rua Francisco Neves da Silva. (Tomo II, 2006, p.972).

Além dessas crianças e jovens do bairro da Ponte, outros alunos moradores dos bairros Chamonix, Santo Antônio I e Santo Antônio II, também fazem parte do terno de congo da escola, portanto, percebemos que o terno de congo, que é objeto desta dissertação, acolhe os moradores dos bairros vizinhos à escola. Neles, a congada já estava presente com o terno de congo do senhor Francisco Baiano, morador do bairro desde criança e instrutor das professoras da Escola Paulina Rigotti de Castro, no processo de formação do terno de congo escolar. As professoras estabeleceram contato com o senhor Francisco Baiano por meio da Casa dos Congadeiros, pois conheciam pessoas da diretoria que lhes indicaram esse congadeiro por morar nas proximidades da escola.

Com a implantação do Programa de Desenvolvimento Cultural (PRODEC), em 1998, a Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro iniciou um subprojeto com os alunos do 1º e 2º ciclos entre a faixa etária de 6 a 12 anos, com a finalidade de preservar o folclore dessa cidade, principalmente a congada. As professoras Maria Aparecida Cangussu<sup>18</sup> e Soniamar de Lima Ferri, então diretora da Escola Estadual Paulina Rigotti, juntamente com a professora Silvana Cristina Pereira iniciaram um trabalho inédito na área educacional de Machado ao levarem o estudo das Congadas para a sala de aula. Colocar em prática essa iniciativa, no início, encontrou algumas barreiras, conforme narrativa da professora Maria Aparecida Cangussu, Essa professora vinha de Montes Claros, localizada no Norte de Minas, uma região muito rica em folclore, especialmente o catopé, que um tipo de congada regional do estado de Minas Gerais, manifestação cultural muito valorizada na cidade. Assim, ela queria fazer o mesmo com as congadas nas escolas em Machado. Foi um trabalho de conquista. Segundo ela, quando chegou a Machado em 1996, começou a trabalhar na escola com a pedagogia de projetos. No mesmo ano, conheceu a festa de São Benedito e achou estranho a escola não se envolver com uma festa tão significativa para a cidade. Estranhou a festa acontecer no mês do folclore e a escola estudar folclore de outras regiões, sendo que em Machado, havia uma festa muito rica. O mesmo ponto de vista é ressaltado na narrativa da professora Silvana Cristina Pereira,

*O projeto “estudando a congada” traz para a comunidade o resgate da cultura que existe aqui. Justamente no mês de agosto, no dia do folclore, está acontecendo a festa aqui. Então quando a gente trabalha de pequeno, tem um resultado melhor,*

---

<sup>18</sup> Supervisora pedagógica e idealizadora do da Festa de São Benedito Maria Aparecida Cangussu. Entrevista realizada em sua residência na Rua Professor Francisco Vieira nº 154 no dia 22/03/2012, Centro, Machado (MG). (ANEXO X).

*então se pega na escola desde pequenos pra trabalhar essa cultura, faz um resgate e valoriza a cultura que existe na própria cidade.*

Conforme nos relata a professora Silvana Cristina Pereira, ao trabalhar a cultura dos indivíduos quando crianças, o resultado é melhor, porque contribui para a preservação e para ressignificação da cultura por elas. Segundo Hobsbawn (1997, p.14),

Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. Às vezes, as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais - religião e pompa, folclore e maçonaria (que, por sua vez, é uma tradição inventada mais antiga, de grande poder simbólico).

Tal fato propicia a continuidade desses rituais ao longo dos anos, permitindo que passem de geração para geração.

As narrativas das professoras Maria Aparecida Cangussu e Silvana Cristina Pereira vão também ao encontro do pensamento de Julia (2001, p.14) quando a autora propõe que “A cultura escolar evidencia que a escola não é somente um lugar de transmissão de conhecimentos, mas é, ao mesmo tempo e talvez principalmente, um lugar de inculcação de comportamentos e de hábitos”.

A escola, na perspectiva da construção da cidadania, precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade, e propiciar às crianças, pertencentes aos diferentes grupos sociais, o acesso ao saber e ao patrimônio cultural de sua região. Tais ideias vão ao encontro do pensamento de Itaqi e Villagraán (1998, p.17),

Resgatar o cotidiano, os elementos que constituem e fazem o ser e o agir, a cultura e os bens patrimoniais – naturais e sociais – devem ser uma das preocupações básicas da educação formal para a construção do sentido de cidadania.

Assim, os autores pontuam a importância do patrimônio cultural dos municípios e da identidade cultural de seus habitantes.

Ressaltamos que o termo resgate precisa ser tomado com ressalvas porque a ideia de “resgate” restringe a percepção do que se entende por patrimônio e variam historicamente.

É necessário reconhecer a importância de promover e de proteger a memória e as manifestações culturais representadas, em todo o mundo, por monumentos, por sítios históricos e por paisagens culturais. Mas não só de aspectos físicos se constitui a cultura de uma população. Há muito mais, contidos nas tradições, nas manifestações culturais (como exemplo as congadas), nos saberes, nas línguas, e em diversos outros aspectos, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção da herança cultural dos povos, dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial. Nesse sentido, Manique e Proença (1994, p.27) pontuam que,

Os estudos de história local revelam-se extremamente motivadores para os alunos porque lhes permitem realizar atividade sobre temas que lhes despertam o interesse, pela sua relação com o passado de que ainda reconhecem os mais variados vestígios. A motivação deve, contudo, ultrapassar a satisfação da simples curiosidade, para fomentar verdadeiro trabalho de investigação.

Para os autores, é motivador para os alunos o estudo de história, quando eles identificam elementos que os auxiliem na compreensão das suas relações sociais em sua comunidade e sabem respeitar as tradições e os costumes locais.

O terno de congo, durante muitas décadas, teve como espaço somente as ruas, as praças e a igreja da cidade. A partir do ano de 1997, ele começou a adentrar o espaço escolar da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, na tentativa de resgatar as tradições folclóricas locais e inserir a comunidade escolar nessa iniciativa. Entretanto, conforme já relatado pelas professoras idealizadoras dos Projeto, essa implantação não ocorreu de forma fácil. Muitos professores achavam que a congada não tinha ligação nenhuma com os conteúdos programáticos da educação formal. Alegavam, ainda, que o barulho da congada atrapalhava o desenvolvimento das aulas e que o espaço escolar não era lugar para sua inserção. Apesar das barreiras, a ideia deu origem ao primeiro Terno de Congo Mirim de Congada de Machado, para fazer parte dos festejos de São Benedito, sendo um fato novo na educação machadense.

Assim a Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, por ser uma escola pública e oferecer Ensino Fundamental (CBA1- Ciclo Básico de Alfabetização a 8º série, 9º ano na nomenclatura nova) estava apta a participar do Programa de Apoio às Inovações Educacionais (PAIE), que teve início no ano de 1997 e foi desenvolvido até o ano 2002, de acordo com a Resolução nº 8.036, de 1º de agosto de 1997. Esse Programa era financiado

pelo Banco Municipal e pelo Banco do Tesouro do Estado de Minas Gerais, com o objetivo de favorecer atitudes de busca de estratégias pedagógicas diferenciadas, que resultassem no enriquecimento do processo ensino-aprendizagem.

Para as escolas participarem do PAIE, elas precisavam cumprir algumas exigências, tais como, não ter uma taxa significativa de reprovação, não ter grande evasão escolar, e não ter baixo rendimento escolar em Língua Portuguesa e em Matemática. Além disso as escolas selecionadas para participar do PAIE tinham que desenvolver um projeto que atendesse aos objetivos desse programa.

Assim o projeto de criação do terno de congo mirim, que vai além do discurso pedagógico de costume, porque trabalha a cultura popular, veio ao encontro dos objetivos requeridos e a Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro foi aceita no PAIE, como várias outras do estado.

No ano seguinte, a Secretaria Municipal de Educação de Machado implantou um projeto semelhante, ou seja, trabalhar a cultura local, a congada, presente na festa de São Benedito, em duas outras de suas escolas: Escola Municipal Comendador Lindolfo de Souza Dias e Escola Municipal Carlos Legnani (CAIC).

As duas escolas citadas anteriormente, também atendiam às crianças de classe baixa, sendo que a Escola Comendador Lindolfo de Souza Dias situa-se no centro de Machado, e o CAIC, no bairro Santa Luiza, na periferia. Nessas escolas, diversas professoras estiveram envolvidas com a formação de ternos de congos mirins. Segundo as diretoras, Jomar Caproni, diretora da Escola Municipal Carlos Legnani (CAIC) e Adriana Cavalcanti Andrade, diretora da Escola Comendador Lindolfo de Souza Dias, desde que foi criado o 1º terno mirim em Machado, já foram feitas várias apresentações nas festas de São Benedito e em outros eventos na cidade, pois foi uma coisa nova que as escolas da redondeza não possuíam. É a partir da realidade e da relação com os saberes que a aprendizagem acontece. É importante ressaltar que o tema congada era inédito para a comunidade escolar e era preciso torná-lo parte integrante do processo e do contexto escolar. Isso se deu por meio de pesquisas, de palestras e de vídeos informativos produzidos pela comunidade em geral.

Na primeira etapa da educação básica, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB n. 9.394/96), é importante que os educadores proporcionem às crianças atividades que desenvolvam suas potencialidades nos aspectos cognitivo, afetivo, psicomotor e social. Vale destacar, nesse processo, a necessidade emergente e urgente de diretrizes para uma sólida

formação do profissional da educação, tendo como enfoque as relações étnico-raciais.

Na relação do professor com o aluno, no projeto de congada, houve o cuidado de trabalhar com conhecimentos básicos das manifestações afro-brasileiras, aspectos da história e da cultura que contribuíram para a aproximação das crianças com a cultura afrodescendente, rompendo barreiras e preconceitos existentes por parte dos alunos visando ao respeito e à valorização da cultura popular. Não restam dúvidas de que, mesmo existindo sérias barreiras à cultura afro-brasileira nas escolas, os avanços alcançados, até hoje, são importantíssimos, pois é na Educação Infantil que são formados os primeiros embriões dos valores humanos, dos costumes e dos princípios éticos. Então ali, com certeza, as manifestações discriminatórias poderão ser amplamente combatidas.

Para as professoras idealizadoras, o objetivo inicial do projeto era trabalhar com todas as disciplinas, mas isso seria muito difícil dado que o professor teria que preparar suas aulas voltadas para o projeto. Uns achavam que não era importante trabalhar a congada na sala de aula, outros não viam dificuldades por gostarem da festa, por entendê-la como uma manifestação cultural local.

Ainda de acordo com as análises realizadas, outras tensões puderam ser observadas na execução do projeto da congada mirim. Tais como as que puderam evidenciadas na entrevista realizada com a ex-diretora e supervisora Soniamar de Lima Ferri. Segundo a entrevistada, uma das dificuldades foi a falta de apoio por parte de professores, do diretor e até mesmo por parte de alguns alunos que, embora seus pais apoiassem a ideia, eles não se mostravam muito interessados.

Para Soniamar de Lima Ferri (anexo IV), o Projeto Folclore e a Festa de São Benedito tinham que ser reestruturados, para que todos trabalhassem e se envolvessem. Em seu relato, a professora afirmou que esse não era um pensamento só seu e que o projeto deveria se desenvolver com todos e não apenas com alguns dos professores. De acordo com Soniamar de Lima Ferri (informação verbal),

*A participação de alguns professores é simplesmente de auxílio, de olhar os alunos, aí faz o rodízio, por que conta dia letivo para a escola. Então cada dia escala seis ou sete professores para olhar os alunos, levá-los até a Praça de São Benedito. A parte de ensaio, alguns colaboram assim pra enfeitar a bandeira, ajudar na confecção das roupas como voluntários. Nos últimos anos enfraqueceu muito. São esquecidas as origens, muitos professores deixam a escola e outros são de outra religião. Não tem dedicação, não tem empenho de todo mundo. Aí precisa sentar todos os professores, supervisor, diretor e ver se é isso que todos querem, porque, se a maioria não quiser continuar o projeto, aí fica difícil.*

Além de que, alguns professores diziam que os congadeiros bebiam muito e poderiam dar mau exemplo para as crianças e até mesmo elas poderiam presenciar brigas. Observa-se, por meio do relato, que um dos motivos de alguns professores cumprirem a escala feita pela escola, ao acompanhar o terno de congo mirim, não foi valorizar o movimento em si, mas fazer a “barganha pedagógica”, ou seja, ganhar um dia letivo, o qual seria gozado posteriormente.

O relato da professora Maria Aparecida Cangussu foi ao encontro das ideias apresentadas pela professora Soniamar de Lima Ferri, ao afirmar em seu depoimento que houve muita resistência. No início, somente a professora Silvana aceitou iniciar um estudo como um plano de unidade em sua sala. O projeto foi assumido no começo por ela, pela professora Silvana Cristina Pereira e pela supervisora Soniamar de Lima Ferri. No primeiro ano do projeto, elas conseguiram instrumentos emprestados pela antiga Escola Agrotécnica Federal de Machado. Depois, com a verba que a prefeitura repassa para as congadas em Machado, elas conseguiram adquirir o material necessário. O que mais motivava era o interesse das crianças em participar. Quando começava o ano letivo, já vinham procurá-las para entrarem no terno. Saíram com 50 crianças. Alguns professores perguntavam para elas como conseguiram manter algumas crianças se comportando bem no terno, já que na sala de aula eram muito “danados”. Um dos requisitos para participar da congada era ser um bom aluno.

A supervisora Gláucia Begali (anexo VIII) em sua narrativa, abordou a importância do Projeto, como um meio de socialização dos alunos, para o enraizamento do folclore e para a manutenção da festa de São Benedito. Para ela, a escola não podia ficar centrada só em conteúdo programático do sistema de ensino. O ambiente escolar, em sua visão, tem que ser expansivo à transversalidade,

*Eu acho importante porque o projeto é um meio de socialização dos alunos e a escola não pode ficar centrada só em conteúdo programático do sistema de ensino. Tem que ser também expansivo à transversalidade. Então ele tem que estar abordando vários aspectos sociais. E esse projeto atende esse objetivo.*

Nesse sentido, a escola deve ser local de investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade étnica cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a

sociedade. A escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural.

Os professores entrevistados, em sua maioria, apoiaram a congada no espaço escolar. Aprovaram a formação do terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro e defenderam que é uma maneira de se estudar a cultura do município e que o projeto o Folclore e a festa de São Benedito têm que ser reformulados. É preciso repensar as maneiras de se trabalhar a congada em sala de aula com o envolvimento de todos os profissionais da escola. É fundamental que a escola construa uma ponte entre o conhecimento estabelecido, o patrimônio cultural da humanidade, e aquele conhecimento cultural que está ali presente, circulando na localidade.

Sabemos que, ao adentrar o espaço escolar, o terno de congo mirim trouxe várias tensões e conflitos, como o barulho, a movimentação de alunos nesse espaço, definição da hora dos ensaios, a mudança da rotina escolar, o que gerou um desconforto para os sujeitos que estavam no espaço escolar e que, por razões diversas, se negavam a fazer parte dele e da Festa de São Benedito.

### **3.2 O processo de formação do Terno de Congo Mirim**

Na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, tudo começou em 1997, a partir de um trabalho sobre as congadas em Machado. O trabalho foi desenvolvido pela professora Silvana Cristina Pereira e coordenado pela supervisora Maria Aparecida Cangussu, na gestão da diretora Soniamar de Lima Ferri. Na época, o projeto<sup>19</sup> teve duração de 15 aulas

---

<sup>19</sup>Entre os sites que relatam experiências da congada nas escolas estão: [www.folclore.adm.br/dancas.html](http://www.folclore.adm.br/dancas.html), consultado em: 22 maio 2008 às 17h; <[www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br)>, consultado em: 15 nov.2011 às 20h; [www.scielo.com.br/congada.htm](http://www.scielo.com.br/congada.htm)., consultado em: 20 jan. 2011 às 13h..A singularidade do projeto estudado na escola Estadual Paulina Rigotti de Castro é que os demais projetos apresentados nos sites relatam a duração de 8 a 15 aulas e não há nenhuma indicação de que eles estejam na proposta política pedagógica da escola e nem que tenham continuidade nos outros anos. Já no objeto de pesquisa, aqui apresentado, o terno infanto-juvenil está na proposta da escola e faz parte do programa da festa de São Benedito em Machado. Outro fator que difere é que as crianças já vêm de famílias de congadeiros e mesmo que haja uma troca no corpo docente da escola esse projeto se concretiza e é significativo para que a congada permaneça no espaço escolar, pois o projeto do qual faz parte é incorporado ao Projeto Político da escola. O projeto Cultura Afro-brasileira na escola: O congado em Sala de Aula de Jeremias Brasileiro cujo objetivo é contribuir para implementação da lei 10.639/2003, que trata da inclusão das disciplinas de História da África e da cultura Afro-Brasileira no ensino Fundamental e Médio. O estudo das congadas por meio da Matemática, do Português, da Literatura, das Artes, da Geografia, da História

aproximadamente, de 50 minutos, quando os alunos entrevistaram congadeiros, barraqueiros<sup>20</sup>, pesquisaram a origem das congadas, fizeram maquetes, poesias, finalizando com a criação do terno de congo mirim (Terno de São Benedito). Relato da professora Silvana Cristina Pereira<sup>21</sup>,

*Então aí no próximo ano é que a gente foi formar mesmo o terno. Foi preciso procurar a prefeitura para poder estar entre os ternos da prefeitura, para conseguir inclusive ajuda financeira, mas a parte da tradição, nem eu nem a Cida Cangussu tínhamos conhecimento. Então a gente foi atrás de congadeiros antigos que pudessem nos ensinar. Teve alguns congadeiros que deram entrevistas para a gente, teve um que foi até a escola. A gente formou um grupo de alunos que queriam participar à noite, após a aula, esse senhor que eu não me recordo o nome, mas deve ter registro na escola, ia até a escola e ensinou, não só para mim como para Cida, mas principalmente para os alunos que iam participar as tradições, o que significava cada parte, ele dava aulas mesmo, vamos dizer assim, à noite lá no galpão da escola. Explicando o que era o reinado, cada parte, a encruzilhada quando tinha que fazer a encruzilhada, porque, e como dançar, como bater... Nós não sabíamos nada disso. Então tinha vários ensaios à noite, depois que foram comprados os instrumentos. E esse ano por não ter condições de sairmos com um terno independente acompanhou o terno desse senhor. Fizemos a farda igual e acompanhamos o terno dele. A partir do outro ano, nós já tivemos condições de criar um terno somente da escola, dessa escola, com farda independente e já com a nossa programação de quando que iria sair e horário...*

Nessa narrativa, a professora Silvana Cristina Pereira descreve como se deu a formação do terno de congo mirim e como a escola se organizou para que o terno participasse da programação da festa de São Benedito; do levantamento do mastro; da procissão; do reinado e do dia do congo. De acordo com os congadeiros, o levantamento do mastro acontece na cerimônia realizada no primeiro dia da festa, quando todos os ternos de congo participam. Eles se reúnem em frente da igreja Matriz, de onde alguns ternos de congo vão em busca do mastro e outros em busca da bandeira. Quando voltam com a bandeira e com o mastro, eles se encontram em frente da igreja matriz novamente, sobem em cortejo até a igreja de São Benedito, onde o rei do congo se dirige para o interior da igreja e faz suas orações numa demonstração de fé. Ao sair da igreja, todos cantam e dançam, procurando tocar no mastro, pedindo a São Benedito que tudo corra bem, saúde e fartura e que, no próximo ano, todos

---

do Ensino Religioso e da Educação física também trabalha com a interdisciplinaridade como na escola de Machado mas ele é sugerido para outras escolas, por meio de palestras, vídeos, entrevistas. Não dá indícios de continuidade em nenhuma escola em que foi aplicado. Serve para contar a história das congadas passadas, de coroação de rainhas de congo e as crianças não participam da festa, de todo os processos para a formação do terno de congo como ocorre na pesquisa apresentada. (BRASILEIRO,2010)

<sup>20</sup> São vendedores ambulantes que vêm de outros estados e montam suas barracas na festa de São Benedito.

<sup>21</sup> Professora da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, Silvana Cristina Pereira. Entrevistada em 18/12/2011.

estejam presentes. O mastro é levantado pelas mãos dos congadeiros envolvendo todos os devotos. A procissão se realiza no segundo domingo da festa, encerrando a novena de São Benedito, ela homenageia em seus andores Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito. O ritual se inicia com uma missa solene na Igreja Matriz da cidade, com a presença de todos os ternos de congo. Após a missa, o cortejo segue da igreja Matriz até a igreja de São Benedito. O dia do congo é marcado pela apresentação de cada terno, quando há a premiação para os melhores. É o momento de despedida dos ternos que dançam e cantam fervorosamente agradecendo os dias de festa e as bênçãos recebidas durante o ano. A professora Márcia de Paula,<sup>22</sup> em seu relato, vem nos comprovar os acontecimentos desses rituais fornecidos pelos congadeiros aos alunos.

*Alguns rituais? Bom, a festa começa sempre, tradicionalmente, numa sexta-feira com a alvorada. No sábado, desde o ano de 2002, acontece a abertura da tenda do congo. No primeiro domingo, tem a subida do mastro. Na primeira quarta-feira, desde 2002, também acontece o prêmio congada. No segundo sábado da festa, tradicionalmente, tem a festa do bumba meu boi, aliás, do bumba meu boi não, do boi de oliveiras, que a origem dele é nas cavalcadas, e é o boi de oliveiras e o encontro da mulinha. No segundo domingo da festa, tem a procissão de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Na segunda-feira, tem o Reinado e, na terça-feira encerra com a descida do mastro e com o dia do Congo.*

FIGURA 12 - Integrantes do Terno do Sr. Antônio Baiano na Praça de São Benedito (1998), terno no qual os educandos do terno de congo mirim foram integrados no 1º ano do projeto.



<sup>22</sup>Márcia de Paula, quanto ao trabalho sobre congadas na sala de aula: Entrevista feita no dia 13/01/2012. (anexo VI)

Fonte: Arquivo da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro30/ 08/1998

Em 1998, dando continuidade ao estudo das Congadas, a escola incorporou o projeto “O Folclore e a Festa de São Benedito” em seu projeto político-pedagógico, e após a realização de diversas atividades pedagógicas, em sala e fora dela, houve uma apresentação do Terno de Congo Mirim durante a festa. Vale ressaltar que, antes de todos esses fatos, como o ritual da congada local não era muito conhecido pelas professoras, e se fazia necessária a inclusão do grupo de alunos em seu Terno de Congo, um congadeiro experiente, o capitão do Terno do Sr. Francisco Baiano, foi procurado para auxiliar. Conforme relato da professora Maria Aparecida Cangussu, o seu contato com ele se deu por intermédio de uma amiga que fazia parte da Associação dos Congadeiros,

*Foi o senhor Francisco Baiano, que me ensinou passo a passo sobre a congada. Achava desnecessário o ensaio, essa é a visão de quem vive a cultura, faz parte de suas vidas, a congada para ele era muito fácil. “E dizia Dona Cida é muito fácil, as crianças começam a tocar aqui em baixo e quando chega lá em cima já está sabendo”. Tentei várias vezes, mas não deu certo aí fui até sua casa e ele foi me ensinando passo a passo primeiro aprendi a bater as caixas, e repetia com as crianças na escola. No segundo ensaio, ao ouvir o som dos tambores, os pais avós que sabiam começaram a descer para a escola e nos ajudar. Aprendi com o senhor Francisco a tocar, cantar e dançar congo. Em seguida, levei algumas meninas do seu terno para ensinar as meninas da escola a dançarem. Perguntei a ele se era possível a gente sair no terno dele. Aceitou nossa entrada no seu terno e nos contou muitas histórias; fez até um preparado com alho e outras coisas para evitar o mau olhado nas crianças e recomendou que as crianças não deveriam aceitar nada para comer durante a apresentação porque existe muita inveja. Ensinou alguns rituais como, por exemplo, de fazer o fechamento do terno nas encruzilhadas.*

Segundo o relato da professora Maria Aparecida Cangussu, o congadeiro Francisco Baiano foi o agente principal para impulsionar a formação do terno de congo mirim. Ele fez uso de suas memórias para transmitir ensinamentos que contribuíram para a formação do terno mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro. Segundo o relato do congadeiro Francisco da Silva (Baiano<sup>23</sup>),

*.Quando fui procurado pelas professoras da Escola Paulina Rigotti de Castro, me senti muito honrado, primeiro achei que não precisaria ir até a escola, pois os passos eram fáceis, mas e depois fui até a escola para conversar com os alunos. Falei dos instrumentos, da dança do Moçambique, dos instrumentos que tem na congada. Naquele dia, percebi o interesse dos professores e dos alunos, muitos*

---

<sup>23</sup> Francisco da Silva(Baiano) – Congadeiro, ex- membro da Casa dos Congadeiros, auxiliou as professoras na formação do terno de congo, objeto desta dissertação. Entrevista feita 10/02/2012 \* Faleceu no dia 22/11/2012.

*alunos daquela escola são filhos dos congadeiros, pena que por causa da correria da vida não pude me dedicar mais. Eu ensinei a dona Cida a dançar. O que pude fazer foi feito. Deixamos as crianças sair no nosso terno. Foi bonito, aprenderam bem depressa. (Entrevista realizada em 10/02/2012)*

Nessa perspectiva, retomamos Le Goff: (1994, p.477) quando defende que a história cresce com a memória e dela se alimenta, ao salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens.

Tal afirmativa nos autoriza a considerar que as professoras, ao trabalharem com memórias, numa perspectiva de diálogo, possibilitaram que o senhor Francisco Baiano ajudasse na formação do terno mirim, trazendo suas experiências vividas, a fim de que elas não se perdessem no tempo, propiciando, assim, que a congada adentrasse no espaço escolar, como uma manifestação popular.

Além das contribuições dos congadeiros, a escola recebeu outros apoios, como, por exemplo, da Escola Agrotécnica Federal de Machado, que emprestou os instrumentos de sua banda marcial. Naquele momento, o terno contava com 21 componentes (8 meninas e 13 meninos). A responsabilidade dos ensaios era da supervisora pedagógica Maria Aparecida Cangussu, (Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, 2010, p. 7). Segundo a ex-diretora e professora Soniamar de Lima Ferri relatou sobre a Congada,

*Inicialmente ele [...] foi desenvolvido por uma única professora que foi a Silvana. Na época, ela dava aula no terceiro ano. Depois, como a escola abraçou esse projeto, nós fizemos com que todos os professores, na época, primário, desenvolvessem o projeto, que faz parte do projeto político pedagógico da escola. E faz parte do projeto pedagógico da escola. O projeto foi realizado de modo interdisciplinar. Cada sala de aula desenvolveu um tema sobre o folclore e a congada.*

Em 1999, segundo a professora Soniamar de Lima Ferri, diretora na época, o terno de congo mirim foi incorporado pela escola por meio das disciplinas de Português, de Matemática, de Educação Física e de História para que os alunos conhecessem a cultura local, a partir da congada e passassem a valorizá-la. Como os envolvidos no projeto não tinham conhecimento sobre a congada, foi preciso o envolvimento do congadeiro Francisco Baiano, para que os primeiros passos fossem desenvolvidos, o qual, por meio de narrativas passou suas experiências, tornando possível o desmembramento do terno de congo mirim de seu

terno, entretanto a aquisição de instrumentos para que ele se tornasse independente aconteceu gradativamente.

De 2003 a 2010, o terno se manteve com 52 alunos, sendo a maioria meninos, num total de 37, que tocavam os instrumentos, enquanto as meninas dançavam. A faixa etária variava entre 06 a 17 anos, uma vez que a escola funcionava desde as primeiras séries do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Conforme declaração de Soniamar de Lima Ferri, o Projeto foi muito importante para a cultura da cidade, tanto que fez parte do Programa de Capacitação de Professores do Estado de Minas Gerais (PROCAP). Outro aspecto também interessante é que foram surgindo novos projetos nas escolas estaduais e municipais devido ao valor que as professoras davam à cultura popular e à festa de São Benedito, não deixando, assim, os ternos de congo desaparecerem da cidade de Machado. Segundo a professora Silvana Cristina Pereira, idealizadora do projeto, a experiência com as congadas narrada para as professoras e crianças da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, aconteceu por meio de entrevistas e palestras.

Esse trabalho oral com os integrantes do terno de congo mirim acontecia sempre após as aulas, no final da tarde, pois o congadeiro trabalhava primeiro e, depois, ia para a escola. Houve o envolvimento de alunos e de professoras para aprenderem os ensinamentos do senhor Francisco Baiano. Como era novidade, e todos abraçaram a causa, e assim foram confeccionados alguns instrumentos pelos alunos, como pandeiro de lata de goiabada e tampinha de garrafa, chocalhos feitos de cabaça com contas de lágrimas<sup>24</sup> dentro. Assim que os alunos maiores pegaram os ritmos, eles os ensinaram aos menores que ingressavam no terno de congo. A escola, desse maneira, estimulava a valorização da cultura local. Os alunos pesquisaram junto com o professor sobre a congada e, a partir daí foram desenvolvidas as oficinas que resultaram na construção de maquetes, instrumentos, descoberta de músicas cantadas em louvor ao São Benedito. Construiu-se o conhecimento sobre essa manifestação cultural.

A iniciativa de formar um terno de congo foi importante e significativa para a cidade, tanto é que foram surgindo novos projetos seguidos nesse sentido, pelas escolas municipais e estaduais de Machado dentre as quais os da Escola Municipal Carlos Legnani e da Escola Municipal Comendador Lindolfo de Souza Dias. (Folha Machadense, nº 899, 22/08/87 p.2). O congadeiro Moacir Ferreira de Souza<sup>25</sup> fala da importância das crianças na congada,

---

<sup>24</sup>Contas de Lágrimas: sementes de um capim que são usadas na confecção de alguns artesanatos.

<sup>25</sup>Congadeiro- Moacir Ferreira de Souza entrevistado em 21/12/2011(anexo XII)

*A participação das crianças é uma satisfação que a gente tem. Porque as crianças são anjos que estão na frente ajudando nós. Elas ajudam a cantar, as meninas cantam muito mais que meninos que estão lá trás. As meninas do meu terno tudo pequenininha, você precisa ver, elas cantam, que gracinha. É importante sempre tem criança no terno, porque a gente vai ficando velho, as crianças vão crescendo principalmente as meninas que quando chega uma certa idade arruma namorado e aí param, os rapazes não, eles continuam se for da família dos congadeiros, pois se a família de congadeiros for perdendo seus membros como pai e avô, não tem ninguém para dar continuidade. No meu caso, se um dia eu chegar a faltar, eu tenho um neto que vai continuar a história do terno de congo de minha família.*

Desenvolver o Projeto na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro foi uma maneira criativa de trabalhar a cultura de uma comunidade que vem ao longo dos anos cultuando a tradição das congadas na cidade, as quais se manifestam durante a festa de São Benedito. A importância de se trabalhar as manifestações culturais no espaço escolar foi ressaltada na narrativa da professora Fabiana Augusta de Carvalho (anexo V),

*Sim, eu acho que é de grande valia, de muita importância. Hoje que a gente vê, a gente não encontra mais as crianças brincando na rua. As crianças hoje ficam mais presas dentro de casa, justamente por causa da violência. Hoje, os recursos tecnológicos tiram um pouco as crianças da rua, não existe aquele brincar mais das crianças. E com isso a criança não tem mais cultura do meu ponto de vista. Eu acredito que ela fica longe da cultura. Muitos ali nem conheciam a congada. Então a congada dentro da escola ela traz o resgate cultural que dessas crianças, ela mostra às outras crianças que vieram de outras cidades e de outros estados que não têm a vivência/não tinham a vivência cultural da congada o que é realmente a congada na nossa cidade. E ela mostra a cultura do povo, a cultura do negro. O porquê de levar isso pra escola foi que nós achamos importante resgatar uma cultura que é da nossa cidade sempre dentro da nossa escola.*

Podemos relacionar à importância de se trabalhar a cultura no espaço escolar dada pela professora Fabiana, com o relato do pesquisador José Vitor da Silva sobre as congadas (anexo XVII) ao se reportar a congada no espaço escolar,

*Vejo essa iniciativa com bons olhos. A congada mirim, foi assim, foi muito feliz a ideia da congada mirim. Porque, veja bem, cada terno você sabe que é uma escola. Tanto é que no terno você vê crianças. Você vê os velhos, vê os adultos e vê as crianças. As crianças, na verdade, em toda nossa história, a criança é o futuro. É o futuro do país, é o futuro da associação, é o futuro da empresa. Os jovens são o futuro. Então a criança na congada ela é história. Ela vai perpetuar e (qualificar primeiro) ali. Mas a escola tem papel mais importante, que a escola tem o poder de educar mesmo. A escola tem o poder de educar. A escola tem o poder de transformar. Então a congada mirim foi um projeto, foi ideia muito boa. Agora, precisa, eu acho que o problema que existe na congada mirim na escola é a falta de pessoas, não diria competentes, mas pessoas vocacionadas, corretamente preparadas para fazer a congada mirim de verdade. Porque tenho visto congada*

*mirim que tem muitos barulhos e está desvirtuada. Você põe o terno de demonstração e observa. Observa o terno de demonstração e a congada mirim. Então, às vezes, estamos próximos da reta da raiz mesmo. A escola tem esse poder de educar. Que na congada atual a criança entra na frente para ela (aprender). Ela aprende pela experiência dos outros, então aprende assim. A escola educa, fala. Você pode dar aula sobre congadas, pode e deve dar aula.*

Nesse trecho da entrevista do diretor do jornal A Folha Machadense, José Vitor da Silva discorre sobre a importância de se trabalhar a cultura no espaço escolar, pois a escola tem o poder de educar, de transformar. Relata, ainda, que, a seu ver, a escola tem a possibilidade de retomar a congada de raiz, ao trabalhar esse assunto em suas aulas.

### **3.3 O Terno escolar: tensões e embates no cotidiano escolar**

Ao analisar as narrativas dos professores, o primeiro embate encontrado estava relacionado com a oposição de alguns deles. Houve resistência para trabalhar a congada na sala de aula e também quanto à formação do terno mirim de congada na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro.

Ao ouvir as narrativas, observamos que alguns professores foram resistentes ao projeto pelo fato de as congadas estarem ligadas aos santos: São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário e por terem que acompanhar a congada mirim na procissão, da qual ela fazia parte, e no dia do reinado. Durante a festa de São Benedito, é comum às congadas cantarem em frente ao mastro para louvar São Benedito.

As narrativas das professoras, abaixo relacionadas, descreveram o embate por parte de alguns professores ao desaprovarem a execução do projeto na escola. É interessante analisar a maneira com que os professores utilizavam a congada para elaborar e reelaborarem os fatos observando a relação entre a religião e a cultura popular. A religiosidade foi abordada nas narrativas das professoras citadas a seguir,

*Rosa: Outro momento importante na festa de São Benedito que os congadeiros prezam mais é a missa solene que é feita no domingo, com todos os congadeiros dentro da igreja e logo após fazem a procissão. Essa procissão é realizada no*

*segundo domingo da festa. A procissão encerra a novena de São Benedito e homenageia em seus andores Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O ritual se inicia com a missa e depois esse cortejo, a procissão ela segue o trajeto da igreja matriz até a igreja de São Benedito. No roteiro ela se inicia na praça subindo as ruas principais até alcançar a praça de São Benedito. Os festeiros também são responsáveis pelas arrecadações de prendas, donativos, leilões, bingos e sorteios realizados durante a festa.*

Entrevistadora: -- E a questão da congada na escola e a sua ligação com a festa de São Benedito? Que você acha disso?

*Márcia: São duas coisas bem diferentes. A congada é uma cultura popular e ela não envolve a questão até, vamos dizer assim, muito religiosa. Já a festa de São Benedito, é uma questão mais complicada porque ela envolve uma religiosidade. Então são duas coisas que devem ser vistas de forma separada. É muito interessante que durante o concurso que a gente desenvolve o prêmio congadas inclusive evangélicos participam e já até ganharam o prêmio congadas com o tema congadas. Apesar deles não participarem da festa de São Benedito.*

Segundo a professora Rosa de Fátima Ferreira de Souza (anexo IX), os congadeiros se interessavam mais na festa de São Benedito pela parte religiosa, ou seja, a missa solene e a procissão realizadas no domingo da festa. Já para a professora Márcia de Paula, a parte religiosa e profana da festa de São Benedito devia ser olhada separadamente, pois alguns machadenses, por serem de outra religião, ou por não gostarem da congada vão à festa de São Benedito apenas para fazer compras nas barraquinhas que são montadas na rua em frente à Praça de São Benedito, as quais oferecem mercadorias mais baratas que as do comércio local. Nesse momento, não veem empecilho e participam da festa. No Festival de Poesias organizado pela Associação dos congadeiros, há a participação também de estudantes de outras religiões, ocorrendo uma certa competitividade entre eles e as escolas.

Conforme o relato da professora Fabiana Augusta de Carvalho, o projeto que deu origem ao terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro não tinha uma grande aceitação por parte dos demais professores, eram poucos os que se envolviam. Geralmente, ficava só a cargo das professoras Maria Aparecida Cangussu, Silvana Cristina Pereira, idealizadoras da ideia, e dela. E apoio total elas não tinham. Mesmo falando que era dia letivo, que era só para acompanhar o terno de congo mirim, eles relacionavam muito a cultura com a religião, muitos até questionavam isso, por falar de santos, por tender mais para uma fé voltada para o catolicismo. Tal ideia vai ao encontro do pensamento de Girardelli (1981, p.112), ao relatar que as promessas, ainda hoje, são um ponto forte no aspecto religioso dos congos, há pessoas que dançam nas congadas por promessa. Segundo Girardelli (1981, p.111) Dentre todo ritual das festas encontramos, entre congos, certas crendices muito interessantes, de cunho forte e determinante. É o caso do andor com a imagem de São

Benedito, que, nas procissões, tem que sair à frente, “senão chove”. Segundo a autora, a religiosidade é marcante entre os congadeiros. Em Machado, tal religiosidade é comprovada nas bandeiras que seguem à frente dos ternos com as imagens dos santos cultuados durante a festa e também nas bandeiras dos santos, que ficam na ponta do mastro.

Há tensão na participação do terno de congo mirim, ao precisar cumprir alguns compromissos que a congada tem no proclama da festa, como , por exemplo, a sua participação durante a procissão, pois a escola pública é laica, e cabe a ela desenvolver atividades informativas que colaborem para o respeito e a compreensão da escolha de consciência daqueles que são ateus. Para a Secretaria Nacional dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça: “como o Brasil é Estado laico, as escolas públicas não podem transformar-se em centros de divulgação religiosa, mas, sim, de abertura para a diversidade, o pluralismo, e de aceitação e respeito pelas diferenças” ( BRASIL, 2001, p. 203).

Assim sendo, as escolas públicas devem ter cuidado com atividades que envolvam religião. E na procissão da Festa de São Benedito da cidade de Machado, cultua-se São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. Para Girardelli (1981, p.113):[...],

Atualmente, voltando a comentar sobre as congadas, podemos notar que o povo nem sempre as conhece ou percebe como folclore, ricas em rituais, as quais são vistas com certa indiferença. Já os participantes ou pessoas a elas relacionadas levam a sério todos os rituais de festas, pois a tradição se mantém através da religião.

Voltando a comentar sobre as congadas, podemos notar, atualmente, que o povo nem sempre as conhece ou as percebe como folclore, ricas em rituais, sendo vistas, por alguns, com certa indiferença. Já os participantes ou pessoas a elas relacionadas levam a sério todos os rituais de festas, pois a tradição se mantém através da religião.

A autora salienta que muitos congadeiros desconhecem a congada como cultura popular e cantam e dançam para cultuar os santos homenageados na festa. Cabe-nos dizer que talvez os integrantes do terno de congo mirim, por acompanhar a tradição de seus familiares, dancem também por causa da religião.

### **3.4 A apropriação desta temática nas disciplinas de Português, de História, de Artes e de Educação Física desta escola.**

A introdução do tema “Congadas” nas atividades em sala de aula permitiu maior valorização sobre o assunto, ampliação do conhecimento da cultura local, possibilitando o entrecruzamento de uma diversidade de conhecimentos que promoveram novas habilidades, por se tratar de assunto que favoreceu atividades interdisciplinares<sup>26</sup>. Posto que: Brasil (1999, p. 89),

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados.

Perceber as disciplinas como processo histórico é entendê-las como parte fundamental para que a aprendizagem se efetue. As disciplinas escolares fazem parte do currículo e constituem os saberes, ou os conteúdos curriculares.

É impossível pensar a congada adentrando o espaço escolar sem pensar no currículo como saber, como poder e como identidade. Estudar a congada representa conhecer a identidade de um povo, o que até então não era entendido como saber. Saber de um povo que se significa através da música e da dança. Permitir que a congada adentre o espaço escolar significa repensar as práticas pedagógicas, o agir e o pensar. Segundo afirma Silva (1999, p.148) o currículo “é uma questão de saber, poder e identidade”, fazendo ainda uma relação entre as teorias críticas e pós-críticas do currículo: as teorias pós-críticas podem nos ter ensinado que o poder está em toda parte e que é multiforme. As teorias críticas não nos deixam esquecer, entretanto, que algumas formas de poder são visivelmente mais perigosas e ameaçadoras do que outras. É impossível conceber o currículo de forma ingênua e

---

<sup>26</sup>Nogueira (2001, p. 140) mostra que “não existe nenhuma relação entre as disciplinas, assim como todas estariam no mesmo nível sem a prática de um trabalho cooperativo”. Na Multidisciplinaridade, recorremos a informações de várias matérias para estudar um determinado elemento, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si. Neste caso, cada matéria contribui com suas informações pertinentes ao seu campo de conhecimento, sem que houvesse uma real integração entre elas. Essa forma de relacionamento entre as disciplinas é a menos eficaz para a transferência de conhecimentos para os alunos, visto que não ocorre nenhuma relação de trabalho cooperativo entre as disciplinas, sem troca de informações, de diálogo (as disciplinas são tratadas separadamente).

desvinculada de relações sociais e de poder.

Para Goodson (1995, p. 67), a história do currículo deve estar centrada na história social, ou ainda, na epistemologia social do conhecimento escolar, preocupada com os determinantes sociais e políticos desse conhecimento, pois o currículo não se constitui de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos. Assim Goodson argumenta,

[...] o que está prescrito não é necessariamente o que é apreendido, e o que se planeja não é necessariamente o que acontece. Todavia, como já afirmamos, isto não implica que devemos abandonar nossos estudos sobre prescrição, como formulação social, e adotar, de forma única, o prático. Pelo contrário, devemos procurar estudar a construção social do currículo tanto em nível de prescrição quanto em nível de interação (GOODSON, 1995, p. 78).

Devemos nos atentar para a importância do conhecimento e do entendimento do que vem a ser currículo prescrito e currículo como prática. No entanto, há riscos, caso se estude somente o currículo prescrito, que podem ser evitados quando se distingue currículo prescrito e currículo como atividade em sala de aula, ou seja, currículo ativo. Sabendo que o currículo prescrito tem por base o que podemos definir como os principais ingredientes do curso de estudos, ou seja, os conteúdos apresentados para estudo, um vínculo entre currículo e prescrição foi forjado desde muito cedo e, com o passar do tempo, fortaleceu-se, ganhando poder “para determinar o que devia se processar em sala de aula” tanto quanto para diferenciar. “Isto significa que até mesmo as crianças que frequentavam a mesma escola podiam ter acesso ao que representava ‘mundos’ diferentes através do currículo a elas destinado” (GOODSON, 1995, p. 33). O currículo origina os objetivos da educação escolar e traz um conjunto de ações adequadas às suas propostas, abrangendo um leque de possibilidades de temas para trabalhar no processo ensino aprendizagem. O currículo vem a ser a forma de organização do conhecimento escolar.

A escolha do currículo não é um elemento neutro, mas está vinculado às relações de poder, transmite visões intencionais, influenciando a construção de identidades individuais e sociais específicas. O currículo não é atemporal, ele tem uma história vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

Assim, alerta para a inadequação de se afirmar que o mais importante é a prática em sala de aula, mas, antes, é preciso compreender os parâmetros anteriores a essa prática. Esses parâmetros anteriores correspondem ao currículo prescrito que “nos proporciona um testemunho, uma fonte documental, um mapa do terreno sujeito a modificações ; constitui

também um dos melhores roteiros oficiais para a estrutura institucionalizada da escolarização” (GOODSON, 1995, p.2). Conforme nos lembra Silva (2001) o currículo é um espaço de produção de sentidos, de significados, de posições de sujeito. Nas palavras do autor

Desde sua gênese como macrotexto de política curricular até sua transformação em microtexto de sala de aula, passando por seus diversos avatares intermediários (guias curriculares, diretrizes, livros didáticos), vão ficando registrados no currículo os traços das disputas por predomínio cultural, das negociações em torno das representações dos diferentes grupos e das diferentes tradições culturais, das lutas entre, de um lado, saberes oficiais, dominantes e, de outro, saberes subordinados, relegados, desprezados. Essas marcas não deixam esquecer que o currículo é uma relação social. (SILVA, 2001,p.22)

O currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos.O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos.O currículo produz, o currículo nos produz (SILVA, 2001,p.27).

Segundo Silva (1999, p. 148), o currículo “é uma questão de saber, poder e identidade.” Para Goodson (2007, p. 243),

[...] o currículo foi basicamente inventado como um conceito para dirigir e controlar o credenciamento dos professores e sua potencial liberdade nas salas de aula. Ao longo dos anos, a aliança entre prescrição e poder foi cuidadosamente fomentada, de forma que o currículo se tornou um mecanismo de reprodução das relações de poder existentes na sociedade.

O currículo deve ser entendido como um processo, que envolve múltiplas relações, abertas ou tácitas, em diversos âmbitos que vão da prescrição à ação, das decisões administrativas às práticas pedagógicas. Para compreendê-lo e implementá-lo de modo a transformar o ensino, é preciso refletir sobre grandes questões como a cultura, a identidade, o saber, a subjetividade, o gênero etc.Nesse sentido, ensinar significa permitir que os sujeitos interfiram na realidade onde estão inseridos, de modo que se tornem sujeitos ativos da própria história.

Segundo as idealizadoras do projeto, Silvana Cristina Pereira e Maria Aparecida Cangussu, ele deveria funcionar de forma interdisciplinar, ao abranger várias disciplinas do currículo, sendo assim, todos os professores deveriam trabalhar este tema, entretanto muitos acharam complicado preparar as aulas de acordo com o assunto. Para a professora Silvana, o projeto,

*Envolvia todas as disciplinas por ser um projeto interdisciplinar. Todo professor poderia trabalhar de acordo com sua disciplina, vendo o que desse para ser aproveitado. Tivemos resistências, gostaria de deixar claro isso que temos algumas resistências. Professores que de repente, achavam que a sua área não daria pra trabalhar e outros que não gostavam do projeto em si, pois tinham que trabalhar o seu planejamento. Mas era um projeto da escola orientado para que fosse trabalhado. Foi apoiado pelas duas supervisoras e pelo diretor.*

Todos os professores envolvidos no projeto deveriam adequar suas aulas para que o tema proposto fosse trabalhado em consonância com seu planejamento. Contudo, a pedagogia de projetos ainda não era predominante no espaço escolar do município de Machado. Isso pode ter sido uma das causas do conflito. Houve resistência por parte de alguns professores, pois as congadas não faziam parte do currículo prescrito e, assim, eles achavam importante somente trabalhar os conteúdos cobrados nas avaliações sistêmicas. Nesse sentido, vamos ao encontro de Nóvoa (2007, p. 86),

As tarefas do professor exigem flexibilidade, maturidade psicológica, criatividade e complexidade cognitiva, na medida em que o professor atende às características e qualidade de desenvolvimento e culturais das crianças, às suas histórias de vida e contextos sociais.

Alguns professores foram resistentes, principalmente os da área de exatas, pois se configura um desafio utilizar outros espaços escolares. Ao trabalhar a congada no currículo escolar, as aulas teriam que ser planejadas de modo diversificado e significativo para ser possível abordar o tema proposto no projeto.

A professora Silvana Cristina Pereira<sup>27</sup>, uma das idealizadoras do Projeto da congada na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro,

*O projeto desde o início, inclusive o que foi gravado para fazer parte do PROCAP, é interdisciplinar. E esta é a vantagem de se trabalhar com projeto, abranger todos os conteúdos. E o planejamento das atividades depende da idade em que está trabalhando para se elaborar, pois este tem que ser desenvolvendo no nível da criança. Então em Português vai trabalhar leitura, leituras diversas, desde o texto informativo, da biografia do São Benedito, na escrita, a produção de texto, com realização de entrevistas com os pais, com congadeiro, com barraqueiro, tudo isso dentro do Português. Em Matemática, com situações-problemas reais, com dados reais, desde compras e vendas na festa, sempre observando a idade da criança. Em*

---

<sup>27</sup>Professora da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, Silvana Cristina Pereira. Entrevistada 18/12/2011. (Anexo II)

*Ciências, a gente trabalha a parte da saúde, da higiene, da alimentação. Em Geografia, o espaço, porque se a criança vai frequentar a festa e se tem a oportunidade de ir a uma excursão com a escola, chega lá se observa tudo com a orientação da professora, depois quando volta para escola, isso pode ser representado através de desenhos, através de maquetes, vai trabalhar o espaço da festa. Em História, vai trabalhar toda a parte histórica da festa, a origem da congada, toda parte histórica da festa. E em Artes, desde desenhos para murais até a construção das maquetes que poderiam ser feita com papel, usos de bonequinhos e dependendo da idade, como eu havia trabalhado com alunos menores às vezes maiores, dependendo da idade pode comprar os bonequinhos pra serem vestidos de acordo com as fardas ou pode ser se as crianças forem menores só colorir os bonequinhos para estarem montando a maquete. Então abrange todos os conteúdos.*

Como relata professora Silvana, por ser o projeto interdisciplinar, ele abrange todos os conteúdos e proporciona uma aprendizagem bem estruturada e rica, pois os conceitos estão organizados em torno de unidades mais globais, de estruturas conceituais e metodológicas compartilhadas por várias disciplinas, cabendo ao aluno a realização de sínteses sobre os temas estudados. O trabalho conjunto das disciplinas possibilitou e projetou situações específicas nas quais as aprendizagens se tornaram significativas, facilitando a consecução dos objetivos propostos. No caso do terno de congo mirim da escola estadual Paulina Rigotti de Castro, ao ser trabalhado de modo interdisciplinar, tornou possível a socialização das ideias e um conjunto de atividades planejadas com a finalidade de ajudar os alunos a assimilarem ensinamentos sobre a congada como bem cultural da cidade.

Na Educação Física, o professor introduziu a importância da dança folclórica e religiosa nas ações das aulas com a finalidade de pesquisar e valorizar as influências culturais locais e, com isso, preparar os alunos para o envolvimento com a temática. Após a sensibilização, o professor avaliou aqueles que se interessaram pelo assunto e que gostariam de participar da formação de um grupo de congadas que iria representar a escola nas festividades da comunidade local. Para isso, ele desenvolveu dinâmicas, individuais e coletivas, que envolveram sons e ritmos. Em seguida, promoveu atividades em forma de danças para analisar as habilidades dos alunos. Todos tiveram o direito de participar do projeto, independente da idade e do ano escolar em curso. Após as avaliações iniciais, o professor estruturou aulas que envolveram os ensaios com músicas de congadas e depois convidou congadeiros experientes para ensinar os alunos, conforme a tradição local. Os ensaios foram marcados em dias e horas escolhidos pelos alunos e os trabalhos foram desenvolvidos no pátio da escola. Foram enviados bilhetes aos pais para que pudessem acompanhar as atividades dos filhos menores.

No primeiro ano, os ensaios duraram quatro meses, e nos demais anos, foram destinados três meses, uma vez que em, cada grupo, os alunos que participavam da congada já

sabiam tocar e cantar as músicas folclóricas. Em seguida, os alunos eram levados ao local onde ocorreria a apresentação pública para um ensaio, para se familiarizarem com o percurso e com os obstáculos do evento, uma vez que a cidade possui muitos morros. Sabe-se que a espera pela chegada do mastro ou de todos os ternos de congo, no dia da procissão, é demorada, portanto os alunos do terno de congo mirim precisariam estar preparados para o cortejo.

Em Matemática, os alunos foram instruídos a coletar, em uma lista fornecida pela professora, e a analisar os valores pelos quais eram vendidas as mercadorias antes e depois da festa. Desse modo a professora pôde levar seus alunos a perceberem a variação de preços e desenvolver uma análise crítica das crianças.

No conteúdo de Artes, foram dadas aos alunos informações sobre as origens das Congadas, como era o ritual e como ela se envolvia com os conceitos religiosos e sociais ao longo do tempo. Em seguida, a professora de Artes desenvolveu atividades, em grupos, para a análise dos vestuários usados nas Congadas, para a escolha das cores das roupas, para o modelo e a idealização da bandeira do Terno de Congo e para o santo que seria homenageado na bandeira. Geralmente, as cores dos ternos eram alegres sem preocupação com as combinações e modelos. Os santos se relacionam com a devoção do grupo. No caso dos alunos, eles eram estimulados pela professora a perguntarem aos familiares para realizarem a escolha posteriormente com os colegas. Com o resultado da consulta, a professora solicitou a cada aluno que fizesse um relato para os demais colegas e, no final, foi escolhido o Santo a ser homenageado pelo terno.

FIGURA 13 - Maquete da Festa de São Benedito confeccionada por alunos



Fonte: Arquivo pessoal de Gláucia Aparecida Begali, 29/08/2010.

FIGURA 14 - Maquetes da Festa de São Benedito confeccionadas por alunos –28/ 08/2010.



Fonte: Arquivo pessoal de Gláucia Aparecida Begali.

FIGURA 15 - Maquetes da Festa de São Benedito confeccionadas por alunos



Fonte: Arquivo pessoal de Gláucia Aparecida Begali 28/08/2010

A professora de História contribuiu fazendo uma explanação sobre a origem histórica das Congadas e sua influência política, social e religiosa de acordo com o nível de compreensão dos alunos para que pudessem repassar para outros alunos das escolas do município. No aspecto histórico, ela abordou as hierarquias que eram atribuídas aos membros do terno de congo. A partir disso, fez dinâmicas com valores e atitudes hierárquicas para que os alunos pudessem entender como funcionava um reinado e transferissem para o terno de Congo. Com isso, os alunos entenderam o papel do rei, da rainha, das princesas e dos guardas de honra. A professora de História pediu aos alunos que fizessem uma maquete contendo todas as personagens de uma Congada e como eles se posicionavam nos rituais.

A professora de Geografia ensinou o nome das ruas onde ocorriam as exibições e o significado de cada nome para o município.

Para a professora de Português, coube a escolha dos textos que os alunos deveriam ler para compreender o tema, a correção dos bilhetes que seriam enviados aos pais para os ensaios e exibições públicas. Nas aulas de Português, foram desenvolvidas as atividades referentes à elaboração de poemas/poesias, a construção de textos curtos para a divulgação na

escola e foram incentivados os demais alunos a participar do concurso de poesias da casa dos Congadeiros. Os alunos entregaram os poemas/poesias para a professora que fez uma seleção inicial do material produzido. Depois, uma equipe de professores selecionou aquela que participaria representando a escola no concurso da Associação dos Congadeiros. Segundo Márcia de Paula,<sup>28</sup> quanto ao trabalho sobre congadas na sala de aula,

*Bom, é muito importante que o estudante conheça a cultura local. As congadas estavam sendo vistas como algo que incomodava a festa de São Benedito e na verdade não algo que vinha trazer uma melhoria para festa. Então a única maneira que eu vi de fazer com que os alunos admirassem, respeitassem a Congada que eles a conhecessem. E esse Prêmio Congada, que todas as escolas do município participam todo ano, veio incentivar esse estudo, essa busca do conhecimento sobre as congadas.*

A narrativa da professora Márcia de Paula, membro da Associação dos Congadeiros, relata que uma das possibilidades de tornar a congada conhecida, seria por meio do concurso de poesia. O silêncio, ao qual o indivíduo é levado, deixa de ser sinônimo de passividade para se efetivar como tática. Como concebe De Certeau (1994, p.102), tática é o movimento dentro do campo do inimigo e no espaço por ele controlado,

*As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um golpe, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos.*

Assim, para a professora, o concurso de poesias da Associação dos congadeiros, tem como objetivo tornar a congada conhecida, valorizada pelos educandos e pelos professores.

Assim, com esse intuito, os participantes do concurso de poesia entregaram os poemas/poesias para a professora que fez uma seleção inicial do material produzido por eles e depois uma equipe de professores selecionou a poesia/poema que representaria a escola no concurso de poesias sobre Congadas. A professora responsável pela sala de aula onde estivesse o classificado ou a classificada para representar a escola, ficaria responsável pelos ensaios necessários para que o aluno pudesse se apresentar. Também ficou a cargo da professora de Português repassar as letras de músicas das congadas que deveriam ser cantadas

---

<sup>28</sup>Márcia de Paula quanto ao trabalho sobre congadas na sala de aula: Entrevista feita no dia 13/01/2012

pelos alunos durante os ensaios e exibições públicas em colaboração com os demais professores. Os alunos copiaram as letras das músicas numa caderneta para facilitar o transporte e o manuseio durante os ensaios. As atividades realizadas em salas de aulas envolveram todos os alunos, independentemente de eles participarem ou não do terno de congo mirim. Assim, os professores ampliaram as informações disponíveis aos alunos e a aquisição de conhecimentos por todos, além de dar mais dinamismo ao contexto escolar durante as execuções das ações do projeto. Todas as fases do projeto foram fotografadas e/ou filmadas para uma montagem posterior de painéis, de DVD e de portfólio, de acordo com os propósitos do projeto e de outras divulgações no município e fora dele.

Para a professora de Ciências foi destinada a organização dos instrumentos e os reparos daqueles que estavam danificados para os ensaios e depois para a exibição pública. Além disso ela foi responsável por orientar o cardápio do lanche, a higiene corporal, a limpeza do local da festa, a forma como o lixo era condicionado, a quantidade de área de lixo, a conscientização do uso das dependências públicas, a orientação sobre a intoxicação alimentar e desidratação.

Dessa maneira, os professores que se empenharam no projeto desenvolveram suas aulas com a temática oferecida, e assim contribuíram para que os alunos conhecessem a congada e participassem levando para casa seu saber.

No dia da procissão, parte religiosa da festa, o terno se apresentava com roupas novas. No dia do Reinado (conhecida também por subida do Reinado) o terno iniciava o evento e era seguidos pelos ternos de tradição do município e demais convidados de outros municípios. Todos os professores escalados e os que participavam do projeto acompanhavam o terno de congo mirim. Após a apresentação, os alunos retornavam para a escola de origem, onde eram acolhidos pelas suas famílias. Participando desse ritual da festa, o terno de congo mirim completava mais uma etapa do cronograma a ser cumprido pelos ternos de congo na programação da festa de São Benedito.

### **3.5 Impactos socioculturais do terno de congo mirim na escola Estadual Paulina Rigotti de Castro**

O terno de congo mirim, ao adentrar na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, pelo que pudemos perceber, no decorrer da pesquisa, propiciou a aproximação das práticas e das manifestações culturais, deixando de se estudar os fatos históricos em linhas gerais, mas fazendo conexão com a realidade local. As aulas eram dadas seguindo a memória dos livros didáticos, então a cultura era apresentada de um modo geral. A partir do momento em que a escola iniciou um trabalho voltado para a prática da cultura local, começou aí uma ligação com a comunidade e a construção de uma identidade. A instituição escolar é primordial na educação dos indivíduos e é um espaço sociocultural onde convivem grupos e etnias em processo contínuo de construção e reconstrução de suas identidades. Esses grupos têm valores, comportamentos e regras adquiridos e construídos na família, na rua, nos grupos sociais e culturais.

Nesse contexto, a escola convive com o antagonismo, com a diversidade, com o desafio e com o conflito de culturas diferentes. Mas deve permitir um campo dialógico no qual seja possível alargar o discurso cultural e que todos possam expressar as suas diferenças culturais. Conforme cita Julia (2001, p.11),

[...] cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. [...]

Assim, para a autora, a cultura escolar não pode ser estudada sem um olhar preciso das relações conflituosas que mantém com a cultura. O projeto “Folclore e a festa de São Benedito” da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro possibilitou que alunos e professores conhecessem a história da congada. O papel da Educação, seja ela formal ou não, é estabelecer diálogo comunicativo dos seres humanos entre si, com os outros e com o mundo, de forma a fazê-los membros de sua sociedade, integrando-os, homens e mulheres, no seu meio sociocultural como atores e protagonistas de sua própria cidadania.

Ao realizar a leitura de cada entrevista, e principalmente os relatos dos congadeiros, compreendemos a importância que tem a festa para a maioria de seus participantes e como ela está presente, desde a infância, nas trajetórias de vida desses narradores.

Na cidade de Machado (MG), as pessoas vão à festa de São Benedito, observam, aplaudem e elogiam, mas a maioria não sabe a origem da congada. A escola vem, por intermédio do projeto que culminou na formação do terno de congo mirim, mostrar aos educandos e educadores a origem da congada, seus ritmos e dança. Por ser uma festa simples, que emerge das classes populares compostas principalmente por negros pobres, moradores de vilarejos e/ou vila de pescadores, muitos educadores nunca se interessaram em participar, nem ao menos conhecer as congadas, apenas participam da festa de São Benedito, mas não valorizam a manifestação cultural inserida nela. O envolvimento dos que fazem a Festa da Congada com o sagrado tem uma relação pessoal. É na Festa da Congada que se cumpre a promessa feita (em sua grande parte) pelos parentes ou por terceiros. Esse compromisso cria vínculos entre prometedores e prometidos, sustentando uma tradição religiosa.

Carlos Rodrigues Brandão (1985) propõe que congada é uma expressão devocional do aspecto religioso. Segundo o autor, é preciso ser devoto de Nossa Senhora do Rosário, pois as promessas feitas a ela são atendidas, criando assim, a figura daquele e daquela que faz a promessa.

Outra questão favorecida na implantação do terno de congo mirim na escola pesquisada é a tematização da cultura popular que pôde ser contemplada por todas as disciplinas. A possibilidade de sistematização do congo pôde acontecer por meio do desenvolvimento de atividades pedagógicas que favoreceram aos alunos a construção de uma identidade mais positiva. Entretanto, a inclusão de temas da cultura popular tem esbarrado na falta de formação de educadores para essas questões em suas aulas.

Ao analisar as narrativas dos professores, o primeiro embate encontrado estava relacionado com a oposição do professor, com a resistência para trabalharem a congada na sala de aula e também quanto à formação do terno mirim de congada na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro.

Ao ouvir as narrativas, observamos que alguns professores foram resistentes ao projeto pelo fato de as congadas estarem ligadas aos santos: São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário e por terem que acompanhar a congada mirim na procissão, da qual ela fazia parte, e no dia do reinado. Durante a festa de São Benedito, é comum as congadas cantarem em frente ao mastro para louvar São Benedito.

### 3.6 Tensões socioculturais apresentadas nas narrativas dos congadeiros

Nas narrativas dos congadeiros, houve pontos de concordâncias e discordâncias em relação às apresentações das congadas. De acordo com José Otávio, Sebastião Anselmo, não deveria haver premiação de ternos.

1- No que tange a batida e o jeito do som nas congadas, os capitães Sebastião Anselmo, João Batista e José Otávio não aprovaram as mudanças. Para eles, deveriam ser mantidas as formas originais.

2- Os capitães Sebastião Anselmo, João Batista e José Otávio, discordam da subida do mastro em homenagem apenas a São Benedito. Na opinião deles, deveriam ser levantados três mastros, sendo referenciadas também Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Para todos os capitães, os ternos durante a festa ainda obedecem à hierarquia tradicional e têm que ter muita responsabilidade. Todos os capitães destacam a importância da presença das crianças, porque elas alegram o terno de congo, levando essa manifestação cultural de geração para geração.

3- Com a mudança do ritual da festa, horário de subida do mastro, descida e subida do reinado os congadeiros Moacir de Souza, Jorge Marcelino e Sebastião Anselmo discordaram, pois há descumprimento de horários e mudanças nas apresentações.

O congadeiro Sebastião Anselmo<sup>29</sup>, ao se referir à origem da congada machadense, nos relatou o seguinte,

*A origem, a congada de Machado aqui ela não tem muito valor né... é pouco valorizada, porque olha, veja bem, muitas pessoas hoje, não são dizendo assim.... não gostam,. Isso aí você está fazendo essa pesquisa quando você voltar aqui pode olhar a mesma coisa, bem que o capitão me falou. Se eu chegar à casa de vocês, vocês vão me receber bem, mas se eu chegar numa outra casa... Agora se ir para Aparecida, em outras cidades de fora tem valor sim. A nossa cidade está faltando é humildade e a união tem um terno de congada ali, vamos fazer uma coisa ali, vamos dar uma alimentação para ele, eles não pensam isso. Agora a alimentação quando sai, é da Associação dos Congadeiros se chegar um terno aí, dificilmente uma casa aqui em Machado dá um café para os congadeiros isso aí é difícil.*

Na narrativa do congadeiro Sebastião Anselmo, temos indícios de que muitas pessoas não gostavam das congadas. Ele apresentou em seu discurso um embate entre classe social, o

<sup>29</sup> Congadeiro – Sebastião Anselmo de Souza entrevistado em 08/01/2012 (ANEXO XIII).

valor dado a essa cultura difere por parte de alguns moradores machadenses, o que não acontecia quando o seu terno de congo ia para outras localidades. Essa narrativa do congadeiro Sebastião Anselmo vai de encontro de Thompson (1991, p. 17) quando afirma que,

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”. E na verdade o próprio termo “cultura” como invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.

Pensar cultura de forma consensual é algo inconcebível. O conflito de classe no plano cultural é uma grande contribuição thompsoniana aos historiadores.

A entrevista realizada com o congadeiro Francisco Baiano aconteceu em sua residência na Rua Jerônimo Figueiredo, 124. Após vários contatos, foi na padaria que agendamos a entrevista, que teve a duração de 15 minutos.

O senhor Baiano, em nossa entrevista, confirmou que é capitão da congada há muito tempo e isso lhe dá satisfação. Toda a sua família dançava congada. Ele vem de família de congadeiros, suas irmãs sempre se estiveram na frente do terno, arrumando as roupas, a casa para ficarem bonitas na época da festa. Embora já tenha morrido muita gente de sua família, ele e seus companheiros tocaram o terno adiante. Segundo ele, não foi uma tarefa fácil, mas, com a graça de São Benedito e Nossa Senhora e Santa Efigênia, deu certo.

*Baiano<sup>30</sup> - Ser capitão é ter muita responsabilidade com o grupo, cuidar de arrumar a casa para o ranchamento, os ensaios e as apresentações, principalmente nos dias da festa de São Benedito. Desde menino incentivado pelas pessoas mais velhas que danço na congada. Venho de família de congadeiros, minhas irmãs sempre ajudavam a enfeitar as fardas, as bandeiras, dançavam na fita, infelizmente o povo vai acabando, e os jovens vão tomando o lugar e graças a Deus entra um do terno, sai outro. No nosso terno, sempre temos bastantes crianças, as crianças aumentam o terno, vão aprendendo a tocar os instrumentos. Começam com as caixinhas pequenas e vai indo.*

Segundo relato do congadeiro Baiano, o capitão na congada tem muitas responsabilidades. Ele era de família de congadeiro.

---

<sup>30</sup> Francisco da Silva(Baiano) – Congadeiro, ex- membro da Casa dos Congadeiros, auxiliou as professoras na formação do terno de congo, objeto desta dissertação. Entrevista feita 10/02/2012 \* Faleceu no dia 22/11/2012.

A entrevista realizada com o congadeiro João Batista aconteceu em sua própria residência na Rua da Fé, 144, Machado(MG), no dia 18/02/2012. Após vários contatos, na padaria, agendamos a entrevista.

O senhor João Batista, segundo seu relato, vinha de família de congadeiros. Depois da morte de seu pai, ele e seus irmãos tomaram a frente do terno de congo. Suas irmãs e cunhadas cozinham e tomam conta da farda. Não foi uma tarefa fácil quando ficou à frente do terno. O seu terno é um dos mais antigos da cidade de Machado. Quando seu pai montou o terno, ele era pequenininho e todos, quando a congada passava, saudavam o seu pai que tinha apelido de Zé Caixeta. Uma boa parte de sua vida passou na zona rural, para o seu pai era difícil. Antes, matava porco para dar comida para o congado. Ensaia num terreiro de café perto da sua casa, quando dava depois do almoço e o povo ia chegando, tudo era diferente, as pessoas mais fáceis de lidar, batiam com fé e vontade, eles eram unidos, seu pai muito se alegrava nos ensaios, tem muitas lembranças boa desse tempo. Os mais velhos ensinavam os mais novos. Passado um tempo, seu pai foi para a cidade, comprou um terreno perto da igreja de São Benedito, com sacrifício fez a sua casa. Com o passar do tempo, seu pai foi adoecendo, seu irmão mais velho teve problema de intestino e ele ficou responsável pelo terno. No relato do congadeiro João Batista quando discorre sobre a Casa dos Congadeiros,

*Foi muito bom criar aqui em Machado, a Suely, a presidente agora lhes ajuda muito, com o armazém, reúne e todos conversam. Ele só não gosto da premiação na terça-feira, pois nós dançamos para o São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e não para o troféu.*

A tensão aqui apresentada na narrativa do congadeiro João Batista é a questão da premiação dos congadeiros, sendo que antigamente não tinha nada disso e nem por isso as congadas deixavam de se apresentar e homenagear os santos de sua devoção.

A entrevista realizada com o congadeiro Moacir Ferreira de Souza aconteceu em sua própria residência, na Rua da São José, 562 no dia 06/02/2012. Desde o primeiro contato, o senhor Moacir se mostrou com boa vontade. Como nos relatou, o seu contato com a congada foi por intermédio da família que é de congadeiros, ele é da 3ª geração. Quando seu avô montou essa congada, ele e seu Chico Mole, ele era pequenininho. Foi o primeiro terno que existiu aqui em Machado. As ruas eram tudo de terra ainda e o terno foi fundado na Rua 13, onde hoje é a Rua Dom Hugo. As ruas eram de terra, ele era pequenininho, mas já dançava. O seu avô era contra-mestre, tio Chico era capitão. Depois que seus avós e seus tios faleceram,

seu pai quem comandava a congada e depois passou para ele. Tal relato vai ao encontro de Magalhães (2000, p. 37) quando defende que ,

As gerações são mais que cortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, ideias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis.

É importante destacar que, nos diversos níveis de relações sociais, existem as relações intergeracionais que consistem no intercâmbio entre grupos etários distintos e a troca que deve haver entre eles. E, em se tratando dos congadeiros, eles herdaram vários comportamentos de outras gerações. O congadeiro Moacir herdou de seus familiares o gosto pelas congadas.

Estudos feitos por Oliveira (1999) referem-se a relações entre as gerações, como o uma possibilidade de repasse do conhecimento dos mais velhos para os mais novos, tendo em vista que, no início do século XX, o idoso era considerado como o detentor do saber, o qual era transmitido muitas vezes, por meio de ordens e, ausência do diálogo. Dumazedier (1992, p. 9) complementa que:

As velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e às lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar, no lazer etc.; porque as pessoas idosas representam, antes de mais nada, uma memória coletiva.

Nesse sentido, ao se estabelecer a troca de experiências pode alcançar resultados relacionados à cidadania e à valorização do indivíduo. Entendemos que cada geração tem interesses próprios, decorrentes das vontades individuais e das influências políticas, econômicas, sociais e culturais, como também podem ter interesses comuns diante de determinadas questões relacionadas à vida, à atualidade, à política; e por essa diversidade é que surge a possibilidade de transmitir e adquirir novos saberes a partir das semelhanças e das diferenças de cada geração.

Ainda para o congadeiro Moacir, a participação das crianças foi uma satisfação porque

as crianças são uns anjos que estiveram na frente ajudando. Elas ajudam a cantar, há meninas que cantam muito mais que os meninos. É que era muito importante a presença das crianças na congada. Os congadeiros vão ficando velhos, as crianças vão crescendo e não vão deixando a congada machadense acabar.

A entrevista realizada com o congadeiro Jorge Marcelino da Silva aconteceu em sua própria residência na Rua Zamir Prado de Oliveira, nº 242, no dia 20/01/2012. Agendei a entrevista por duas vezes e seu Jorge se mostrou tímido, lhe informei o objetivo e ele concordou.

Seu Jorge Marcelino da Silva nos relatou que o seu contato com a congada foi através de uma promessa, que fizera de dançar por sete anos e o terno que o aceitou para dançar os sete anos foi nesse terno, que ele toca até hoje, q era do Seu Benedito Anselmo, um conhecido e que, em seu leito de morte, passou a congada para ele. Conforme nos relatou, ele não passará o terno para ninguém e, sim, o entregará no altar, onde o recebeu,

*Não, passo o terno para ninguém mesmo estando de idade porque o meu compromisso com ele, no dia que ele estava ruim pra morrer foi numa segunda-feira, eu morava na roça, ele mandou me chamar cheguei lá sentei na beira da cama dele, ele conversava comigo e puxava o fôlego e começava continuar outra vez, aí ele falou pra mim, O Jorge, você toca o terno pra mim enquanto o senhor puder, o dia que o senhor não puder mais, o senhor o entrega lá no altar de São Benedito. O senhor entrega lá, e depois de lá quem quiser tocar toca porque antes disso ele já tinha me entregado o terno. Pegou eu e a outra falecida minha e ele, eu na escada lá ele me entregou o terno e eu falei pra ele, não eu não quero tocar o terno na rua pro senhor, mas enquanto o senhor tiver vida deixa no teu nome. E toquei até a ultima hora de vida dele no nome dele aí foi a ocasião que ele passou pra mim depois que ele morreu que ele passou pra mim porque aí que eu vou voltar o assunto de novo, aí ele na segunda feira me chamou, passou o terno no meu nome pra mim senhor Jorge General porque o seu Jorge lá em baixo era capitão general chamou ele também e passou no meu nome e falou pra mim, o dia que o senhor não aguentar mais não puder mais que não tiver jeito senhor entrega ele lá no altar de São Benedito aonde eu te entreguei a primeira vez.*

Segundo relato de seu Jorge, conforme o prometido, o dia em que não puder mais, ele chamará duas testemunhas e entregará o terno de congo no altar de São Benedito. As narrativas do senhor Jorge vão ao encontro do pensamento de Brandão (1985), que trabalha com a ideologia da Congada, como expressão devocional do aspecto religioso.

O envolvimento dos que fazem a Festa da Congada com o sagrado terá uma relação profundamente encarnada numa realidade pessoal e comunitária. É na Festa da Congada que se cumpre a promessa feita.

A entrevista realizada com o congadeiro Sebastião Anselmo dos Santos aconteceu em

sua própria residência na Rua Madre Cruz, 156, no dia 13/01/2012. Agendamos a entrevista por duas vezes e seu Sebastião, no primeiro encontro, mostrou resistência. Fomos até sua residência pela segunda vez e ele concordou em fazer a entrevista.

O senhor Sebastião Anselmo nos relatou que a congada faz parte de sua vida desde pequeno, seu pai era congadeiro com quem aprendeu muita coisa.. Seu papel na congada é de capitão com muitas responsabilidades, como decidir farda, local do ranchamento, marcar ensaios, cuidar dos instrumentos, da alimentação. As narrativas citadas vão ao encontro de Benjamin (1994, p. 74), quando este defende que,

[...] o narrador entra na categoria dos professores e dos sábios. Ele dá conselho – não como provérbio: para alguns casos – mas como o sábio: para muitos. Pois lhe é dado recorrer a toda uma vida. (Uma vida, aliás, que abarca não só a própria experiência, mas também a dos outros. Àquilo que é mais próprio do narrador acrescenta-se também o que ele aprendeu ouvindo.) Seu talento consiste em saber narrar sua vida; sua dignidade em narrá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a mecha de sua vida consumir-se integralmente no fogo brando de sua narrativa.

Nessa citação de Benjamin, temos reafirmada a importância das histórias e das experiências que passam de pai para filho, suas tradições e raízes, mostrando assim a outras gerações a cultura de um povo.

Nas narrativas citadas acima e em documentos pesquisados, observamos que, na festa de São Benedito, os homens têm mais visibilidade. Isso ocorre porque as figuras de comando são masculinas: rei, capitão, general. De acordo com Scott,

[...] gênero é um termo utilizado para designar as formas de significar as diferenças nas relações entre os sexos, o que significa rejeição às explicações biológicas para as diversas formas de subordinação. É uma maneira de indicar que os papéis definidos para homens e mulheres são, na verdade, construções sociais, categoria extremamente útil, uma vez que “oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais consignados às mulheres e aos homens” (SCOTT, 1990, p. 7).

Segundo Scott (1990), o gênero é uma maneira de indicar os papéis que cabem ao sexo feminino e ao masculino e na congada não foi diferente. Na cidade de Machado, a tradição reza que o rei será escolhido pela irmandade do Rosário, a rainha então será escolhida em função do rei, assim como príncipes e princesas. Observa-se que o reinado tem uma figura predominante masculina. Em Machado, local onde a pesquisa foi realizada, o gênero masculino predomina, é um fenômeno recente mulheres tocarem instrumentos. Nas

narrativas não ouvimos nenhum capitão de terno de congo reverenciar as mulheres na congada a não ser para frisar que elas ajudavam a escolher as fardas e a cozinhar. Observamos que poucas mulheres tocam um instrumento ou outro, há duas guardas de honra de São Benedito apenas, o que prevalece é o sexo masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantas explicações esperamos ter justificado a pertinência e as potencialidades de análise que se colocou em pauta com nossa pesquisa sobre o terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro. Assim, acreditamos ter situado o leitor sobre as questões que mobilizaram nossas reflexões e procedimentos de pesquisa.

Com relação a hipótese inicial, concluímos que a cultura escolar é o conjunto de práticas, modos de vida, hábitos e de ritos e a escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, ao deixar a congada adentrar em seu espaço escolar, valorizou a cultura local e transmitiu saberes necessários para que essa cultura, que é passada de geração para geração, tivesse o seu devido valor e não caísse no esquecimento. Nesse sentido, poderíamos dizer que a cultura popular pode ser vista como uma forma de propiciar às crianças presentes no contexto escolar o acesso ao saber tanto no que diz respeito aos conhecimentos no âmbito regional, quanto ao local. Sabemos que a congada, ao ser trabalhada na sala de aula, pode vir a oferecer um novo olhar sobre aqueles que a formam, despertando o interesse, a reflexão e até mesmo a ação.

A pressuposição de que a formação do terno de congo mirim estimulou questões complexas, foi confirmada. Segundo as narrativas e os documentos oficiais, pudemos notar que, de fato, muitos foram os conflitos e embates como a preocupação com o currículo prescrito a ser cumprido; os horários para os ensaios; a reunião de todos os alunos envolvidos em horário extraescolar; o barulho dos instrumentos tirando a escola de seu ritmo “normal”. Nesse sentido, os envolvidos precisaram se organizar, passando por cima das dificuldades, o que não foi tarefa fácil porque a escola é um lugar de crenças, cultura, costumes e hábitos diferentes. Pelos documentos, arquivos e entrevistas, observamos que os homens sempre foram em número maior nas congadas. Isto se justifica pelo fato da figura masculina representar o poder dos reis, dos príncipes. Como as mulheres eram submissas aos homens, elas participavam por trás dos congados, ou seja, eram encarregadas somente de cozinhar nos ranchamento e preparar as fardas. Hoje, pela necessidade de manutenção da cultura, as mulheres passaram a tomar frente de alguns ternos de congo tocando e cantando. Observamos ainda que o terno de congo mirim foi formado por alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, os quais permanecem aí até atingir a adolescência, quando começam a namorar mudam seus interesses e deixam a congada. O grupo que forma a congada está sempre se renovando. Ou pelo fato dos participantes não acharem mais importante participar dela ou até mesmo por vergonha.

Ao analisarmos as narrativas dos envolvidos, concluímos que o objetivo das idealizadoras do projeto foi atingido somente no início, devido a vários fatores: a falta de envolvimento por parte de alguns professores; a não aceitação do vínculo das congadas com a religião; a ideia de o assunto não fazer parte do currículo escolar; a rotatividade de professores. As narrativas deixaram transparecer indícios de que mais que mobilizar a escola para trabalhar com a cultura é necessária uma releitura da valorização da diversidade cultural, uma inclusão de conteúdos que sejam capazes de privilegiar a cultura como meio de aproximar o aluno de sua realidade. E, neste sentido, valorizá-la.

Para tanto, o ambiente precisa ser propício, levando-se em consideração as experiências de vida dos sujeitos envolvidos, metas a serem cumpridas, organização, interesse, reflexão, ação e avaliação processual, a fim de que seja feita uma releitura da visão que se tem e que se quer para o aluno.

A congada mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro abriu um espaço para um leque de tensões envolvendo o corpo docente e discente da escola. Para o corpo docente, foi difícil compreender e aceitar a congada no espaço escolar, pois até então, na visão desses profissionais, a escola estaria deixando de lado sua função que era trabalhar a cultura escolar imposta pelo currículo que até então não prescrevia o estudo das manifestações folclóricas apesar de existir uma legislação que previa esse trabalho.

As pessoas tornaram-se mais tolerantes às questões raciais e religiosas, porém esse processo de novos vislumbres ainda está em evolução. Claro que houve avanço, quando comparamos os setores em geral de uma empresa de grande porte, ao poder judiciário e até à igreja, percebemos que essas divergências persistem e, com isso, a escola se mantém receosa em trabalhar a temática. É importante destacar que, para a inserção da temática na escola e para que ela seja um ponto somador na cultura das pessoas, é preciso que os professores tenham uma leitura de mundo mais qualificada e mobilizadora. Em sua maioria, os professores de todas as áreas só têm a leitura didática que aprenderam na escola e, portanto, não se interessam pela temática do contexto cultural, social, político e econômico.

Trabalhar a cultura é lidar com embates. Tendo em vista o contexto da congada adentrada no espaço escolar, esse embate fica evidente quando percebemos os conflitos gerados por questões relacionadas à religião, à mudança de paradigma até mesmo às práticas pedagógicas. A nova legislação (que veio a alterar a Lei 9.394/96 e a 10.639/2003) estabelece que o conteúdo programático inclua diversos aspectos da história e da cultura que formaram a população brasileira, levando-se em consideração os índios e africanos. Nesse sentido, é com

certeza um desafio desenvolver na escola novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro. É importante salientar que as professoras da escola onde se formou o terno de congo mirim, objeto da pesquisa em pauta, iniciaram os estudos sobre cultura afro-brasileira, antes mesmo da promulgação da lei.

Concluimos, ainda, que as professoras tiveram papel importante para a realização do projeto e de suas ligações com a tradicional festa de São Benedito de Machado (MG), que acontece todo mês de agosto com a apresentação de muitos ternos de congo adulto de Machado, nas cidades vizinhas e na região.

Cabe frisar que, ao ter uma congada mirim, a Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, tornou-se referência na elaboração de projetos, pois na área educativa em Machado, naquele período, pouco se falava em pedagogia de projetos.

A congada era convidada a se apresentar em outras escolas, em datas comemorativas da cidade e de região. Os pais passaram a valorizar mais a escola e a participar de reuniões, pois sabemos da importância da relação entre pais e escola para a aprendizagem do aluno. E ainda concluimos que a escola é o ambiente propício para a aprendizagem do respeito pelas culturas populares, pouco divulgadas na televisão (portanto diferente daquilo que se tornou normal para os jovens), obtido a partir do conhecimento de suas formas de expressão materiais e imateriais, na complexidade de suas dimensões históricas, geográficas, sociais, artísticas, religiosas. É preciso vencer o preconceito com a luz do conhecimento, para formar um público interessado em suas próprias raízes, não envergonhado, mas orgulhoso delas, com espírito aberto o suficiente para redescobrir e valorizar a cultura guardada na memória de seus pais e avós. Só assim a cultura popular poderá ser reconhecida e respeitada, visando alcançar a legitimidade de que hoje goza a cultura erudita, na escola ou fora dela.

A implantação do terno de Congo mirim na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro contribuiu para a dinamização de novos espaços escolares que puderam aprimorar a aprendizagem no contexto cultural e a aproximação das famílias na comunidade escolar.

Nas ações iniciais do projeto, as demandas são comuns a qualquer ambiente escolar, com incertezas e com dúvidas quanto à viabilidade de uma atividade que especificamente é destinada aos adultos e principalmente implantá-lo com crianças da Educação infantil, pertencentes a uma região do município que convive com inúmeras tensões sociais. Os coordenadores do projeto entendem que a escola, a família e a sociedade são responsáveis não

só pela transmissão de conhecimentos, de valores, de cultura, mas também pela formação da personalidade social dos indivíduos.

Alguns professores se envolveram com o projeto desde o princípio, ao perceberem a possibilidade de uma nova estratégia para efetivar uma melhor aprendizagem na escola, outros, entretanto, afirmavam que era apenas uma forma de tirar os alunos que não se interessavam pela educação formal, da sala de aula. Essa visão tradicionalista de educação ainda é muito forte nas escolas quando se pretende a implementação de projetos que fogem do tradicional.

O projeto contou com o interesse da direção da escola, que já acompanhava o desenvolvimento de ternos de Congos mirins em outros estabelecimentos de ensino do município e as aquisições de conhecimentos viabilizados para os alunos. Esse interesse facilitou as parcerias com o público necessário para que o projeto pudesse ser desenvolvido e alcançasse os resultados previstos pelas coordenadoras. A escola antes tinha como tema central os valores e normas universais, os alunos tinham que interiorizar uma disciplina escolar e investir numa aprendizagem de conhecimentos.

A apresentação do projeto, para a comunidade, durante a festa de São Benedito, além de envolver professores no dia da apresentação, também dependeu de esforços de outros setores da escola. Com isso, foi necessário um trabalho de sensibilização com os funcionários, já que os últimos dias da tradicional Festa de São Benedito coincidem com feriado no município. Portanto, a gestão escolar teve papel fundamental, e a culminância pôde contar com a maioria dos membros que compõem a escola.

Esse processo de aquisição de conhecimentos da herança cultural da sociedade machadense contribuiu para que os professores de todas as áreas pudessem aprimorar sua informações. Outro fator a ser considerado é a influência do projeto para minimizar as disparidades étnicas sociais discriminatórias, possibilitando aos diferentes atores o uso da voz para divulgar a sua importância na história do município e do país. Portanto, a hierarquia no terno de congo é respeitada não por imposições de leis, mas pela historicidade e pela moralidade que envolve a estrutura das congadas desde a sua origem.

Diante desses pressupostos, a capacidade de integração social de diferentes agentes favoreceu a ampliação do diálogo entre as pessoas, essencial para a socialização eficaz tão almejada pelos educadores em todos os níveis. Os alunos aprenderam por meio de pessoas experientes, de familiares ou não, a ouvir e a contar sobre as raízes que dão suporte para todos

os brasileiros, uma vez que o negro, no Brasil, foi o representante mais sofrido, e o que mais contribui com a cultura brasileira em todas as áreas que requerem uma viabilidade maior da socialização.

Por intermédio dessas tensões e conflitos é que se torna cada vez mais importante o estudo das diferentes culturas para que os jovens não percam a identidade cultural adquirida e construída no Brasil. O projeto também possibilitou a projeção da escola e, com isso, intensificou suas ações junto à Superintendência de ensino de Varginha da qual faz parte, apresentando o terno de congo mirim para todos os municípios pertencentes a essa Superintendência.

A pesquisa sobre a história do terno de congo mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro foi uma viagem histórica, mas, acima de tudo, uma viagem de encantamento pela memória e pelas lembranças de um lugar.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha Campos. O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. In: MELLO e SOUZA, Marina de. **Reis Negros no Brasil escravista: História da Festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002. p. 387.

AGUIAR, Jose Marcio de. **Vade-Mécum dos profissionais da Educação e dos Secretários de Escola de Educação Básica: Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Lâncer, 2011.

ALMEIDA FILHO, Naomar. **Transdisciplinaridade e saúde coletiva**. Ciência & Saúde Coletiva II (1-2), 1997.

ALMEIDA, Renato. História da música brasileira. In: MELLO e SOUZA, Marina de. **Reis Negros no Brasil escravista: História da Festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002. p. 387.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ANDRADE, Mário de. **Os congos**. Lanterna Verde, Rio de Janeiro, n.2, p.36-53, fev.1993.

\_\_\_\_\_. Os congos. Danças Dramáticas do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982. Tomo II. *Apud* MELLO e SOUZA, Marina de. **Reis Negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore nacional, festas, bailados, mitos e lendas. São Paulo: Melhoramentos, 1967 *apud* CAPRONI, C.G; REIS, M.S. **A festa de São Benedito em Machado-MG**. Machado: Gráfica Folha Machadense, 1979.

BARBEIRO, Martin, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas II).

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A festa do santo preto, Rio de Janeiro: Funarte/INF; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985. In: MELLO e SOUZA, Marina de. **Reis Negros no Brasil escravista: história da Festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002. P. 17 - 387.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ensino Médio**. Brasília: 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça, Secretaria de Estado de Direitos Humanos. **Direitos humanos no cotidiano: manual**. 2. ed. Brasília. 2001.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação a Distância. **Proinfo: projetos e ambientes inovadores**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.

BRASILEIRO, Jeremias. **Cultura afro-brasileira na escola: o congado na sala de aula**. São Paulo: Ícone, 2010.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAPRONI, Caproni Gonçalves; REIS, Marilda Signoretti. **A festa de São Benedito em Machado-M.G.** Machado, Gráfica Folha Machadense, 1979.

CARVALHO, Murilo et al. **Artista e festas populares**. Cena Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1954.

CHERVEL, A. **História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Revista Teoria e Educação, Porto Alegre, v.2, p. 177-229, maio/ago. 1990.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do folclore brasileiro**. Salvador: CNF, 1995. Disponível em: <<http://www.museodofolclore.com.br>>. Acesso em: 15 jan. 2007.

COSTA, Homero. **Contribuição à História de Machado**. Machado: Serviço de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal, 1977. p. 47 apud CAPRONI, C.G e REIS, M.S. A festa de São Benedito em Machado – MG. Machado, Gráfica Folha Machadense, 1979.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada: A renovação do presente pelos filhos do Rosário**. 2006. 241 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade de Brasília, 2006.

CRUZ, Jairton Ortiz da. **A educação patrimonial e a açorianidade em Gravatais/RS**. Santa Maria – RS Disponível em: <[http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279501349\\_ARQUIVO\\_ArtigoparaaANPUH.pdf](http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279501349_ARQUIVO_ArtigoparaaANPUH.pdf)>. Acesso em: 16 set. 2011. Apud MANIQUE, Antônio Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. **Didática da História Patrimonial Local**. Lisboa : Texto , 1994.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELBEM, Danielle Conte. **Folclore, identidade e cultura**. Araras, v.1, n.1, p.19-25, 2007.

DUMAZEDIER, Joffrer. Criação e transmissão dos saberes. **Revista Gerontologie et société**, n. 16, jul. 1992.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Trad. Leonardo Martinho Simões e Gisela Moniz 2. ed. Lisboa: Editorial Presença 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dicionário escolar da língua portuguesa** – Curitiba, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dicionário escolar da língua portuguesa** – Curitiba, 2005.

GIRARDELLI, Élsie da Costa. **Ternos de Congos: Atibaia**. Rio de Janeiro, MEC-SEC-FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981. 116 p.il.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. Currículo, Narrativa e o Futuro Social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35 maio/ago. 2007.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das Culturas e das Práticas Escolares: Perspectivas e desafios teórico-metodológicos. In: VALDENARIN; SOUZA. **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicos e desafios para a pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 31-57.

HOBBSAWM, Eric; J.RANGER Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE, Diretoria de Pesquisas – DPE. Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS. NOTA: **Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2011**. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 23 fev. 2012.

ITAQUI, José; VILLAGRÁN, Maria Angélica. **Educação patrimonial: a experiência da quarta colônia**. Santa Maria: Pallotti, 1998.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**. Campinas: Sociedade Brasileira de História da Educação: Autores Associados, n.1, p. 9-43, jan. /jun. 2001.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.] - Campinas: UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. **História e memória**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. Intergeracionalidade e cidadania. In: PAZ, Serafim. **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBCISS-ANG/RJ, 2000.

MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. **Didática da história patrimonial local**. Lisboa : Texto , 1994.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Guia do Especialista em Educação Básica. SEE-MG** Instrumento Didático destinado a orientação e suporte do trabalho do Especialista em Educação Básica da Escola Pública.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. **Reflexões e contribuições para a educação patrimonial**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002. 152p. *apud* OLIVEIRA, Marta Kohl et al. . Piaget, Vigotsky, **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus ,1992.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

NÓVOA, António et. al. **Vidas de professores**. Porto-Portugal, 2007. (Coleção Ciências da educação, 2)

OLIVEIRA, Adriana Alvim de. **Vidas compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Hucitec, 1999.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade**. Projeto História. São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev.1997 a.

\_\_\_\_\_. **O que faz a história oral diferente: projeto História**. São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997b.

\_\_\_\_\_. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História. São Paulo, n. 15, p. 13-50, abr. 1997c.

\_\_\_\_\_. **História oral como gênero: projeto história**. São Paulo, n. 22, p. 09-32, jun.2001.

RABAÇAL, Alfredo João. **As Congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

REBELLO, Ricardo Moreira. **O município do Machado até a virada do milênio**. Machado, 2006. Tomo I e II.

ROMERO, Silvio. Cantos populares do Brasil. In: MELLO e SOUZA, Marina de . **Reis Negros no Brasil escravista: História da Festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.p. 17. - 387.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o Negro na Geografia do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2009. p. 22-23. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez., 1990.

SILVA, Renata Nogueira da. **A Festa da Congada: Tradição Ressignificada**. Trabalho apresentado - REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26. , 01 e 04 de jun, Porto Seguro, Bahia, Brasil, no GT Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

\_\_\_\_\_. **Documentos de Identidade : uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Valdir Luciano Pfeifer. **As Congadas em São Paulo: Canções, Narrativas e Palavras**. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

TABORDA, Marcus Aurélio. O pensamento de Edward Palmer Thompson como programa para a pesquisa em história da educação: culturas escolares, currículo e educação do corpo. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.16, p.147-169, jan. /abr.2008.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. A formação da classe operária inglesa. A maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.v. 2.apud TABORDA, Marcus Aurélio. O pensamento de Edward Palmer Thompson como programa para a pesquisa em história da educação: culturas escolares, currículo e educação do corpo. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.16, p.147-169, jan./abr.2008.

\_\_\_\_\_. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: Projeto História**. São Paulo, n. 15, p.51-71, abr.1997.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura escolar como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tiempos escolares, tiempos sociales**. Barcelona: Ariel Practicum, 1998.

ZAMITH, R. M. B. Aspectos internos do fazer musical num Congado de Minas Gerais. **Revista Música**, São Paulo, v.6, n.1/2, p. 190-202 maio/nov. 1995.

### **Entidades consultadas**

Arquivo do Jornal Folha Machadense.  
Avenida Ricardo Annoni Filho, 240.

Biblioteca da Casa do Congadeiro “Tio Chico”.  
Rua da Consolação s/nº.

Casa da Cultura de Machado.  
Praça Olegário Maciel, nº 9

Secretaria Municipal de Educação de Machado.  
Praça Olegário Maciel, 25.

### **Fontes primárias**

Arquivo pessoal das professoras Márcia de Paula e Gláucia Begali

Arquivo da Escola Estadual Paulina Rgotti de Castro

Portfólio das apresentações do Terno de Congo Mirim da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro.

Proclamas da Festa de São Benedito dos anos de 1997, 1998 e 2000- acervo da Casa dos Congadeiros.

Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro do ano de 2010.

Revista A festa de São Benedito em Machado-M.G. 1. ed. Machado, Gráfica Folha Machadense, dez.1979.

Revista Congadas. Projeto: Desenvolvimento e reestruturação da congada de Machado e do Estado de Minas Gerais, Gráfica Folha Machadense, v.I, n.1. Ago. 2004.

Fotografias

Entrevistas semiestruturadas:

Professora Silvana Cristina Pereira (uma das idealizadoras do e a Congada, (ANEXO II )

Professora Kátia Maria da Silva (ANEXO III.)

Professora, ex-diretora e bibliotecária Soniamar de Lima Ferri (que sempre ficou à frente das atividades da congada, ensaios, vestimentas, ANEXO IV)

Professora Fabiana Augusta de Carvalho (ANEXO V)

Professora Márcia de Paula (ANEXO VI)

A diretora entrevistada foi Luiza Lopes, a qual estava na época em que se iniciou a pesquisa da formação do terno de congo mirim da Escola estadual Paulina Rigotti de Castro. Sua formação acadêmica é matemática e pedagogia. Antes de se tornar diretora, atuava na área de matemática. Professora e diretora aposentada Luiza Lopes (ela conduziu a escola até o mês de outubro de 2011, ANEXO VII).

Supervisora pedagógica Rosa de Fátima Ferreira de Souza (ANEXO VIII)

Supervisora pedagógica Gláucia Begali (ANEXO IX)

Atualmente professora universitária do Instituto Federal de Machado, Maria Aparecida Cangussu (uma das idealizadoras do projeto, que, na época de sua formação, era a supervisora pedagógica). (ANEXO X).

Os congadeiros entrevistados foram os que fizeram parte da formação do terno de congo mirim e que deram sua contribuição para a pesquisa.

João Batista que é atualmente capitão do terno de congo de São Benedito. Ele com muita persistência, aliada a sua experiência de muitos anos, mantém firme a tradição desse terno, que foi fundado pelo seu pai.

José Luiz Pereira, conhecido por todos como João Caixeta. Este terno tem aproximadamente 100 componentes. (ANEXO XI)

Moacir Ferreira de Souza, mecânico aposentado, capitão do terno de congo também chamado São Benedito. (ANEXO XII),

Sebastião Anselmo de Souza, chapa, agricultor, pedreiro, capitão do terno de congo Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia (ANEXO XIII)

José Otávio Filho (Dadu), agricultor, capitão do terno de congo São Benedito (ANEXO XIV),

Jorge Marcelino da Silva, lavrador aposentado, capitão do terno de congo São Benedito, recebeu de seu amigo no leito de morte a missão de ser o capitão desse terno.(ANEXO XV).

Antônio Pereira da Silva (o Baiano), membro da Associação dos Congadeiros e um dos responsáveis pela criação do terno infanto-juvenil, pois ajudou a professora Maria Aparecida Cangussu a ensaiar as crianças e lhes ensinou tudo sobre as congadas. (ANEXO XVI)

Pesquisadores dos ternos de congo de Machado: Ceila Caproni Gonçalves, ex-diretora, pesquisadora das congadas e professora universitária; José Vitor da Silva, professor aposentado de Língua Portuguesa e Literatura, jornalista e diretor do jornal Folha Machadense. Seus artigos foram escolhidos por contribuírem significativamente para com a pesquisa.

O diretor do jornal A Folha Machadense, fundador do terno modelo, José Vitor (ANEXO XVII).

Historiadora Ceila Caproni Gonçalves (ANEXO XVIII).

## ANEXOS

### ANEXO I

#### QUESTÕES PARA AS PROFESSORAS, SUPERVISORAS E DIRETORAS

1. Qual o nome do(a) senhor(a)?
2. Qual o cargo e função do(a) senhor(a)?
3. Qual a área de formação do(a) senhor(a)?
4. Quem participou da elaboração do Projeto “Folclore e a Festa de São Benedito”, da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG)?
5. Quando aconteceu?
6. Como foi que esse projeto foi elaborado?
7. Como foi a trajetória de formação do terno de congo infanto-juvenil de São Benedito?
8. Quais as contribuições e as dificuldades decorrentes desse projeto no cotidiano da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG)?

#### QUESTÕES PARA OS CONGADEIROS

1. Qual é o nome do senhor?
2. Qual é a idade do senhor?
3. Qual é o papel do senhor no terno de congada?
4. Quando o senhor começou a participar do terno de congada?
5. Por que o senhor participa do terno de congo?
6. O senhor colaborou com a formação do terno de congo infanto-juvenil de São Benedito, criado a partir do Projeto “O Folclore e a Festa de São Benedito”, da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG)?

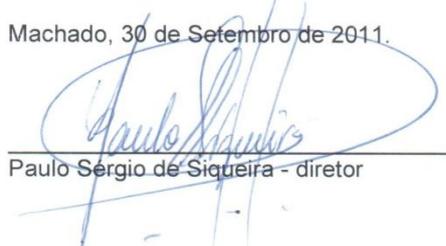
**TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (1ª via )****PROJETO DE PESQUISA****O TERNO INFANTO-JUVENIL DE CONGADA NA ESCOLA ESTADUAL PAULINA RIGOTTI DE CASTRO, DE MACHADO (MG)**

Eu, Paulo Sergio de Siqueira. RG- M.8392552 abaixo assinado responsável legal da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro da cidade de Machado (MG), dou meu consentimento para professoras e supervisoras participem como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade das pesquisadoras Maria de Fátima Guimarães e Jussara Maria da Silva, do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1. Esta pesquisa tem por objetivo:  
Pesquisar o processo de inserção e permanência ou não do terno de congo infanto-juvenil da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro da cidade de Machado (MG).
- 2- Durante o estudo, esta entrevista irá contribuir para o desenvolvimento da pesquisa empírica a ser desenvolvida nesta pesquisa
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação na referida pesquisa;
- 4- A resposta a este (s) instrumento(s)/ procedimento(s) não apresentam riscos conhecidos à sua saúde física e mental, não sendo provável, também, que causem desconforto emocional.
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa, bem como ele estará livre para interromper a sua participação, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;
- 6 – Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11 - 24548981;
- 8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Jussara Maria da Silva, sempre que julgar necessário pelo telefone 35-32952115.
- 9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Machado, 30 de Setembro de 2011.

  
Paulo Sérgio de Siqueira - diretor

  
Paulo Sérgio de Siqueira  
Diretor  
Ato nº 3553/2011 Masp 821301-9

**E. E. Paulina Rigotti de Castro**  
Ensino Fundamental e Médio  
R.O.4.5.B.2 Decreto Nº 24.539/85  
Parecer 37/2004 - Portaria 82/04  
R. Artur Pereira Caixeta, 235 CEP 37750-000  
Telefax: (35) 3295-5097 Machado-MG

ANEXO II - Entrevista da professora Silvana Cristina Pereira

Data: 13/12/2011

Local: Rua Bahia nº 63 – Bairro Bom Recanto

Hora: 14h30min.

Duração: 25 minutos

- Boa Tarde Silvana.

Silvana: Boa Tarde.

- Qual que é o seu parecer diante do projeto “Congadas” para a cidade, já que você foi a idealizadora do projeto “Congadas Folclore e a Festa de São Benedito” na escola estadual Paulina Rigotti de Castro?

Silvana: O projeto “estudando a congada” traz para a comunidade o resgate da cultura que existe aqui como. Justamente no mês de agosto, no dia do folclore, está acontecendo a festa aqui. Então, quando a gente trabalha de pequeno, tem um resultado melhor, então se pega na escola desde pequenos para trabalhar essa cultura, faz um resgate e valoriza a cultura que existe na própria cidade.

- Você tem na escola algum filho de congadeiro? As crianças participam?

Silvana: Muitas crianças, às vezes deixam, de participar da congada com os pais para participar da congadinha da escola. E muitos filhos de professores participam da congadinha, as minhas duas meninas estudaram, uma ainda estuda, e as duas dançaram, e a minha menina de 12 anos ainda dança.

- E como que partiu esse gosto, esse amor, pelas congadas?

Silvana: Meu?

- É!

Silvana: Eu não sou Machadense. Eu mudei para cá aos 13 anos. Apesar de morar próximo, morar em Campestre, eu nunca tinha vindo participado da festa de São Benedito. Ouvia falar lá, mas nunca tinha vindo presenciado. Quando eu mudei pra cá, achei tudo muito diferente. Até a parte mesmo da festa com as barracas, achei tudo muito diferente por não fazer parte da

minha convivência, mas a congada sempre me chamou a atenção. E enquanto eu era mais nova, eu estranhava muito pessoas que gostavam muito da festa, que gostavam de frequentar as barracas, mas que as vezes eu via não valorizar a congada. Achava ruim a congada passar ali pela Av. Santa Cruz, quando tinha bastantes barracas ali, antigamente, achava que o barulho era ruim. E eu não entendia, porque eu desde aquela época eu sentia que era a cultura da cidade, era a cultura da festa aquilo ali. E com o tempo quando, nessa época em que eu fiz o projeto, o primeiro projeto, que eu fui perceber que se eu estava estudando o folclore e eu estava estudando com eles só lendas e fábulas, porque não aproveitar o folclore vivo que estava acontecendo na cidade. E quando eu comecei a estudar, Quando a Cida Canguçu e eu fomos atrás dos congadeiros, quando começamos a perceber mesmo o que significava, a construir, porque foi de pouco que foi construído tudo, o entendimento de como acontecia, porque eu gostava, mas não entendia... Depois, cada vez fui gostando mais, fui aprofundando, fui gostando e até hoje. O dia que eu não vou trabalhar com a congada eu vou para assistir. Eu vou à procissão, é o dia que eu adoro, o dia da procissão, por eu ser católica eu gosto muito do dia da procissão com as congadas. Então é um gosto que foi me pegando aos poucos mesmo, à medida que eu fui trabalhando, que eu fui conhecendo. Foi me completando.

- E nessa conquista, o projeto ele vem acontecendo a anos na escola, e quais são as matérias que ele abrange? Como que é trabalhado o projeto dentro dessas matérias?

Silvana: O projeto, desde o início, desde o primeiro projeto, que inclusive foi o que foi gravado pra fazer parte do PROCAP, ele é interdisciplinar. Ele tem essa vantagem de trabalhar com projeto, seria essa, dele ser interdisciplinar a abranger todos os conteúdos. E isso depende da idade em que está trabalhando para se elaborar, desenvolvendo no nível da criança. Então em Português vai trabalhar leitura, leituras diversas, desde o texto informativo, da biografia do São Benedito, na escrita, a produção de texto, com realização de entrevistas, que você pode mandar fazer uma entrevista com os pai, com congadeiro, com barraqueiro, tudo isso dentro do Português. Em Matemática, com situações-problema reais, com dados reais, desde compras do que vende na festa até outras, sempre dentro da idade da criança. Em Ciências, a gente vai trabalhar a parte da saúde, da higiene, da alimentação. Em Geografia, o espaço, porque se a criança vai frequentar a festa e se tem a oportunidade de ir a uma excursão com a escola, chega lá se observa tudo com a orientação uma orientação da professora, depois quando volta pra escola, isso pode ser representado através de desenhos, através de maquetes, vai estar trabalhando o espaço da festa. Em História, vai trabalhar toda a parte histórica mesmo da festa, como que começou, origem da congada, toda essa parte da

parte histórica mesmo da festa. E em Artes que vai ser desde desenhos pra murais até a construção da maquete que pode ser feita todinha só com papel, pode ser feita com bonequinhos e dependendo da idade, como eu havia trabalhado com alunos menores às vezes maiores, dependendo da idade pode comprar os bonequinhos para serem vestidos de acordo com as fardas ou pode, se as crianças forem menores, só colorir os bonequinhos para estarem montando a maquete. Então abrange todos os conteúdos.

- As crianças elas opinam, os alunos eles opinam na escolha da farda, na escolha das cores? Eles ajudam a ornamentar a indumentária?

Silvana: As fardas, isso aí como atinge a parte financeira, fica mais por conta da organização mesmo, a diretora, a Soniamar. Porque vai depender de ter o dinheiro para comprar. Então, quando faz o equepé, que é aquele gorriinho que coloca na cabeça, já procura fazer que dê pra aproveitar com várias fardas. Tem um branco que a gente procura também, sempre já tem as cores da África, não sair muito da cultura, se a congada é africana, às vezes em até terno adulto que inventa tanto que sai da cultura. Então, a gente procura não sair da cultura, pegar as cores básicas da África. Então o equepé que é branco, com as fitinhas com as cores da África, amarelo, vermelho e preto se eu não me engano. Esse equepé ele bate com várias roupas. Tem um outro que é vermelhinho então bate com várias fardas. Faz a farda não precisa fazer o equepé. O ano de 2010, como o dinheiro estava pouco e os instrumentos estavam muito estragados já não pôde fazer farda. Teve que usar a farda utilizada e comprar instrumento com a verba que tinha. Então, nem sempre... Às vezes, pega algum aluno maior, que seja maior, sempre têm os alunos maiores que até ajudam a treinar e acabam sendo o capitão do terno mirim. E ele até que ajuda mais no geral é direção de acordo com até a verba que tem. Mas procurando sempre valorizar a cultura e as cores da África.

- Como que foi elaborado esse projeto que deu a culminância o terno de congo?

Silvana: Então aí no próximo ano é que a gente foi formar mesmo o terno. Foi preciso procurar a prefeitura para poder estar entre os ternos da prefeitura, para conseguir inclusive ajuda financeira, mas a parte da tradição, nem eu nem a Cida Cangussu tínhamos conhecimento. Porque a gente gostava, mas não tinha conhecimento. Então a gente foi atrás de congadeiros antigos que pudessem nos ensinar e teve alguns congadeiros que deram entrevista pra gente, teve um que foi até a escola. A gente formou um grupo de alunos que queriam participar à noite, após a aula. Esse senhor que eu não me recordo o nome, mas deve ter registro na escola, ele ia até a escola e ensinou, não só para mim com a Cida, mas principalmente para os alunos que iam participar, as tradições, o que significava cada parte,

ele dava aulas mesmo, vamos dizer assim, à noite lá no galpão da escola. Explicando o que era o reinado, cada parte, a encruzilhada quando tinha que fazer a encruzilhada, porque, e como dançar, como bater... Nós não sabíamos nada disso. Então tinha vários ensaios à noite, depois que foram comprados os instrumentos. E esse ano, por não termos condições de sairmos com um terno independente, nós acompanhamos o terno desse senhor. Fizemos a farda igual e nós acompanhamos o terno dele. A partir do outro ano, nós já tivemos condição de criar um terno somente da escola, dessa escola, com farda independente e já com a nossa programação de quando que iria sair e horário...

- E quais foram as dificuldades? Além da roupa? Qual foi o envolvimento dos profissionais da escola?

Silvana: Nesse primeiro ano, basicamente o trabalho foi da diretora que na época era Soniamar nos apoiando, a Cida Cagussu, eu e nos dias de sair com as crianças, devido à responsabilidade de estar olhando essas crianças, de alguns professores ajudar, levar da escola até lá na praça central, acompanhar e trazer de volta, porque daí é que surgiu o projeto "Folclore e Festa de São Benedito" na escola mesmo e que se decidiu trabalhar na escola toda, na escola inteira e que virou um projeto.

- E esse projeto está na proposta politico-pedagógica da escola?

Silvana: Até hoje. Apesar de depender de cada professor a maneira que vai ser trabalhado, a profundidade de ser trabalhado, mas até hoje ainda está e até hoje a escola sai com o terno.

- Então o trabalho da congada envolve todas as disciplinas?

Silvana: Envolve todas as disciplinas. Deve envolver todas as disciplinas, que é um projeto interdisciplinar que do sexto ano para frente todo professor possa trabalhar de acordo com sua disciplina, vendo o que dá para ser aproveitado. Deve ser trabalhado com todas as disciplinas. Temos resistências, gostaria de deixar claro isso que temos algumas resistências, em professores que de repente acham que a sua área não daria pra trabalhar, ou que não gosta do projeto em si. Mas é um projeto da escola, é orientado para que seja trabalhado, é muito apoiado pelas duas supervisoras atuais e pelo diretor atual.

### ANEXO III – Entrevista da professora Kátia Maria da Silva

Data: 14/12/2011

Local: Praça Rui Barbosa nº47

Hora: 19 horas.

Duração: 8 minutos

- Qual o nome do(a) senhor(a)?

Kátia : Kátia Maria da Silva

- Qual o cargo e função do (a) senhor(a)?

Kátia: Professora na rede municipal e estadual. Na rede municipal, sou eventual e na rede estadual, estou lecionando no 1º ano de escolaridade.

- Qual a área de formação do(a) senhor(a)?

Kátia: Pedagogia e Letras

- Quem participou da elaboração do Projeto “Folclore e a Festa de São Benedito”, da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG)?

Kátia: Não cheguei a participar da elaboração do projeto nem da formação do terno de congo mirim da escola. Sei que as idealizadoras foram a professora Silvana e a pedagoga Cida Cangussu que já não se encontra mais na escola. Há 5 anos que vim trabalhar nesta escola, depois de ter perdido meu cargo para uma outra professora. Trabalho o projeto Folclore e a congada desde que entrei nesta escola. Ajudo a enfeitar a bandeira da rainha e a arrumar as roupas da congada. Nos últimos dias da festa, sempre sou escalada pelo menos um dia para acompanhar o terno em sua apresentação na festa de São Benedito ou na procissão.

- Qual sua opinião sobre a congada no ambiente escolar?

Kátia: A congada no ambiente escolar é uma nova maneira de trabalhar as congadas da cidade, de se ensinar o que é a congada, instrumentos, os santos que fazem parte da festa. Estudar a vida de São Benedito. Alguns dos meus alunos fazem parte da congada e sinto neles que gostam. Trabalho mais na oralidade, pois minha turma é do 1º ano de escolaridade. No ano em que pego uma turminha que já frequentou a creche, esses já têm os traços definidos aí trabalhamos com maquetes. Eles fazem entrevistas com os familiares e depois contam na rodinha. É uma das formas de se trabalhar o currículo diferenciado, aproveitando a festa tradicional de Machado.

- Você já teve contato com asa congadas?

Kátia: O meu contato com a congada se deu na minha infância. Vovô era congadeiro e o mais engraçado é que ele gostava de tocar violão e sanfona. Nas tardes de domingo, ele se sentava na porta da cozinha embaixo do abacateiro e tocava ora a sanfona ora o violão, mas vovô gostava mais era da sanfona, a gente tinha vontade de tocar os instrumentos mas vovô nunca deixou. Na minha rua, morava a rainha da congada, uma senhora alta, de pele escura, seus dentes eram alguns de ouro, era muito respeitada. A congada que meu avô fazia parte era do terno do senhor Deca, que saía do final da rua da máquina, onde começou a cidade. Os ensaios eram nas tardes de domingo, e subiam até a praça de São Benedito e, para chegar lá, passavam em frente a minha casa e era comum o terno fazer uma paradinha em frente minha casa para tocar para meu pai. Em dia de festa, especialmente no dia do reinado, na minha casa, nós participávamos do reinado. Colocava uma bandeirinha vermelha na janela e a congada passava e nós acompanhávamos até a igreja. Assistíamos à missa campal e entregávamos o envelope de dinheiro, eu e meus irmãos. Participávamos, minha mãe muito caprichosa arrumava a nossa roupa. O tempo passou, crescemos e meu irmão José Augusto se tornou um congadeiro, alto, alegre e tocava banjo.

#### ANEXO IV – Entrevista da professora Soniamar de Lima Ferre

Data: 8/12/2011

Local: Avenida Artur Bernardes, nº 270

Hora: 10h30min.

Duração: 13 minutos

- Qual o seu nome completo e o cargo?

Soniamar de Lima Ferre. Eu trabalho/minha função agora é professora de (nível técnico).

- E qual que foi a sua participação na elaboração do projeto “Folclore e Festa de São Benedito”?

Soniamar: Foi como diretora da escola. Tanto que a gente, a professora Silvana veio com o projeto folclore daí surgiu a ideia da gente montar um projeto. Então a gente veio, a gente veio organizar.

- E quando que aconteceu a primeira apresentação do terno de congo, como que ele surgiu?

Soniamar: Através de um projeto que a professora Silvana desenvolveu, nós tivemos a ideia de desenvolver o terninho de congo e nós saímos a primeira vez dentro de outro terno. Nós tivemos a ajuda e nós saímos dentro dele. A primeira vez que nós participamos junto com os outros ternos.

- Esse projeto foi elaborado pelas professoras e elas abraçaram esse projeto? Quais foram as disciplinas que ele abrangeu? Ele faz parte do projeto político-pedagógico da escola? Conta para mim isso.

Soniamar: Inicialmente, ele foi desenvolvido por uma única professora que foi a Silvana. Na época, ela dava aula no terceiro ano. Aí, depois, como a escola abraçou esse projeto e nós fizemos (o projeto) todos os professores, na época primário, desenvolveram o projeto. E faz parte do projeto pedagógico da escola. Possivelmente, ele passou todos os anos passados para desenvolvê-lo .

- E quais as matérias em que ele foi trabalhado? Ele abrangeu todas as matérias?

Soniamar: Todas as disciplinas, foi interdisciplinar. Cada sala de aula desenvolveu um tema sobre o folclore e da congada. Foi interdisciplinar.

- E conta para gente a trajetória desde o início. Tinha instrumentos, não tinha? Como que foi a vestimenta? A Casa de Congadeiros deu apoio para comprar? Como que foi isso?

Soniamar: Na época não tinha ainda a Casa de Congadeiros. A primeira vez que nós saímos, nós saímos com o terno de congo, aí eles emprestaram e a roupa a escola fez com recurso próprio, a primeira vez. Depois nós conseguimos, como a gente já fazia parte do projeto, conseguimos verba através da prefeitura.

- E a questão dos instrumentos? Como que foram conseguidos os instrumentos?

Soniamar: Através da verba e posteriormente (incompreensível).

- Teve a participação do Estado, sendo o Paulina Rigotti uma escola estadual?

Soniamar: A participação do Estado veio mas o desenvolvimento do projeto, nós recebemos a verba para desenvolvimento do projeto que chamava O Folclore e a Festa de São Benedito. Então a gente desenvolveu esse projeto, estudo de campo/outras verbas/a verba/o projeto como era inseria outros, outros projetos, um jornal, então a verba era muito pequena. Então sobrava muito pouca coisa para congada. Mas posteriormente, a gente já recebia verba específica da prefeitura. Uma verba para desenvolver projetos...

- E quais que/as dificuldades no dia-a-dia da escola, para manter a congada, ela se mantém como começou? Está tendo dificuldade pra continuar? Como que ela vem se mantendo?

Soniamar: Acho que com apoio, com o decorrer dos anos, foi modificando o tema. (Faltou apoio) do diretor, professores... Da parte dos alunos, não. Eles são muito interessados. E como a gente, de repente, não quer estender muito a congada, para não ficar muito grande, porque é difícil trabalhar com bastantes alunos, a gente tem até que limitar o número de alunos. A participação de alunos é muito boa. Os pais também, a maioria apoia. É mais assim, administrativo mesmo. Foi desgastando o projeto. Eu acho que precisa renovar. O ano passado, os três ou quatro últimos anos, eu to trabalhando com a congada principalmente sozinha.

- Eu sei que a congada iniciou na sua gestão. No seu parecer, ela tende a continuar, o que será feito? Como que você vê isso?

Soniamar: Nós estamos com um diretor novo e ele diz que vai apoiar. Na meta dele, objetivo/ele gosta muito do folclore, de São Benedito, então ele pretende apoiar. Só que eu acho que tem que se renovada a metodologia trabalhada na sala de aula, que está desgastada, precisa voltar, porém como começou, se quiser continuar, porque muitos professores acham que não está sendo desenvolvido o projeto, eu também acho isso, que atualmente, está ficando só o terno de congo. Não tem condição de estar desenvolvendo um trabalho sobre a congada, é um ou outro professor do primário só...

- O que você acha? Por que essa não aderência por todos? Qual que é o fator que contribui para isso não acontecer?

Soniamar: Acho que é falta de envolvimento administrativo em renovar o projeto, fazer mudanças enquanto grupo na filosofia, em como trabalhar, inovar. Acho que foi caindo assim na rotina, todo ano a mesma coisa, não criou uma coisa nova, um jeito novo de trabalhar no folclore e no terno de congo. Acho que foi caindo numa rotina, todos os anos a mesma coisa, a mesma coisa, os alunos cansados, os professores também, acho que tem que inovar. Ultimamente não está sendo/ultimamente está ficando mais no terno de congo mesmo... Algumas coisas acabam no folclore mas muito poucas. Agora para o ano que vem a gente espera que seja melhor porque o diretor Paulo Sérgio é um dos/ele é muito eficiente na parte de folclore, gosta muito da festa de São Benedito, da (festa) do congo. Pelo que ele me falou ele vai continuar, só que o ano que vem eu estou aposentando, então está complicado. Mas (incompreensível) para abraçar isso daí e não deixar morrer não, porque acho muito rico... cultivar um folclore, uma tradição da cidade para nós que é o terno de congo. Se depender dos alunos, continua. Tem que depender também do diretor, dos professores...

- Então para que isso/para que o terno de congo permaneça na escola, em sua opinião, precisa do envolvimento de todos. A família não deixa a desejar?

Soniamar: A família não. A família colabora.

- A família colabora?

Soniamar: Colabora.

- Então mais por parte dos professores...

Soniamar: Diretor e professores, a parte pedagógica mesmo. Os pais (que apostam). Levam, incentivam, a maioria, os alunos gostam também. Então precisa de apoio, além de quem está

coordenando o projeto, a coordenadora de projeto, o coordenador da congada e assessoria, não tem como uma pessoa sozinha levar isso (aí para a frente).

- Os professores que participam no acompanhamento do terno de congo, nas apresentações, como que isso acontece? Qual o papel deles?

Soniamar: É simplesmente de auxílio, de olhar os alunos, aí faz o rodízio, porque conta dia letivo para a escola. Então, cada dia escala seis - sete professores. É simplesmente um rodízio, para olhar os alunos, leva/pega aqui na escola (incompreensível), pega na escola e devolve aqui. Muitos ficam na festa com os pais, simplesmente uns rodízios mesmo. Porque é dia letivo para escola. Então parte de ensaio, alguns até tem um pouco mais que colaboram assim para enfeitar a bandeira, a (incompreensível) na época ela costurava, ajudou a costurar as roupas, na confecção das roupas. Então tem alguns voluntários. Mas na parte mesmo de ensaio, de sentido de trabalhar o projeto com os alunos, colocar um (bingo), incentivar e fazer estudo de campo (na festa e São Benedito), participar de algum ensaio de outro terno de congo... Aí, nos últimos anos está bem raro, enfraqueceu muito, estas esquecidas as origens. A gente tem que voltar, como isso? Não tem dedicação, não tem empenho de todo mundo. Aí precisa sentar todos os professores, supervisor, diretor e ver se é isso que todos querem, porque se a maioria não quiser continuar o projeto, aí fica difícil.

ANEXO V – Entrevista da professora Fabiana Augusta de Carvalho

Data: 19 /12/2011

Local: Rua Joaquim Antônio de Moura, nº 169

Hora: 17 horas.

Duração: 24 minutos

- Boa Tarde. Qual é o seu nome?

Fabiana: Fabiana Augusta de Carvalho.

- Qual que é a sua idade?

Fabiana: 29 anos.

-Qual que é a sua formação?

Fabiana: Professora de educação física

- Você já trabalhou com a congada na escola?

Fabiana: Sim, já.

- Você já dançou congada?

Fabiana: Sim, eu comecei a dançar aos 2 anos e dancei até os 10 anos. Sempre na festa aqui na nossa cidade que é a tradicional festa de São Benedito, onde tem a tradição da congada, dos reis perpétuos. E eu comecei a dançar no terno do Seu Deca. Esse Senhor Deca já é falecido, mas foi passando de geração para geração. Então, o terno de congada hoje está a cargo dos filhos dele, ele tem até um filho que faz parte do reinado da cidade. Que é o tradicional que tem o reinado, do capitão. Então ele tem um filho que continua nessa tradição, e o terno continua até hoje.

- E qual que era o seu papel no terno de congo?

Fabiana: Eu era uma das meninas que vinha junto com a fita, acompanhando a bandeira. Que existe a rainha que sempre está na frente, segurando a bandeira, e as meninas que ficam na

fita, e as meninas que ficavam também, na chamada espadas, que elas ficavam como se fosse uma defesa, ajudando a defender o terno sempre dançando na frente.

- Você vem de família de congadeiros?

Fabiana: Não. Eu tive o interesse vendo a festa. Na minha família nunca teve nada. Aí meu pai me levava na festa até que um dia eu vi e pedi. Aí todo ano eu saía junto com esse terno que não é da rua onde eu moro também, é no outro bairro, era distante. Mas nunca teve, para falar que teve influência na família, não. Foi eu mesmo vendo a tradição da cidade.

- Você participava dos ensaios?

Fabiana: Sim. Participava. Que começa a ensaiar no comecinho de agosto, que antigamente que era. A festa geralmente pega as duas últimas semanas de agosto, aí a gente começava a ensaiar no início do mês.

- Você participou da colaboração do terno infanto-juvenil da escola estadual Paulina Rigotti de Castro?

Fabiana: Sim. Eu acompanhei a congada mirim deles, que foi a primeira congada que teve mirim da nossa cidade. Acompanhei junto com as crianças os ensaios, justamente por ser professora de educação física, já mais voltada pra essa área. E acompanhei as apresentações deles também.

- Você chegou a participar da formação do terno de congo? Conta pra nós um pouquinho dessa história.

Fabiana: Sim. Então, a escola Paulina Rigotti de Castro por ser uma escola de periferia, já era oriundo deles, a participação em congadas da cidade. Então aí surgiu a ideia de lançar o projeto. No começo, foi muito difícil porque não tinha instrumentos, não tinha ajuda de ninguém. A prefeitura ajuda os ternos de congo da cidade, destinando uma verba para a confecção de roupas e ajuda com alimentação. Só depois de alguns anos que o terno mirim começou a ter esse apoio. Então a gente usava as aulas de educação física para ensaiar as danças, trabalhando com ritmo, trabalhando a letra das músicas. De certa forma, foi fácil, porque já é da vivência das crianças. Eles já conviviam com isso, as famílias deles já vinham de tradição para tradição, de avós para pais, de pais para filhos. E nós trabalhamos sempre puxando pra ver a letra da música. Aí houve também as palestras, nós recebemos as visitas de congadeiros que foram até a escola para dar palestra, explicando mais sobre essa tradição. E

foi um projeto muito bem aceito pelas crianças e pela comunidade. No entanto que até hoje ainda existe o terno mirim que faz apresentações não só na festa, nas regiões e nas outras escolas também que não têm o projeto deles.

- Você acha importante a presença da congada dentro da escola? Como que você vê isso? Houve participação de todos os professores na época que você estava na escola? Qual foi a participação da diretora, das pedagogas? Fala um pouquinho.

Fabiana: Sim, eu acho que é de grande valia, de muita importância. Hoje que a gente vê, a gente não encontra mais as crianças brincando na rua. As crianças hoje ficam mais presas dentro de casa, justamente por causa da violência. Hoje, os recursos tecnológicos tiram um pouco as crianças da rua, não existe aquele brincar mais das crianças. E, com isso, a criança não tem mais cultura do meu ponto de vista. Eu acredito que ela fica longe da cultura. Muitos ali nem conheciam a congada. Então a congada dentro da escola ela traz o resgate cultural que dessas crianças, ela mostra às outras crianças que vieram de outras cidades e de outros estados que não tem a vivência/não tinha a vivência cultural da congada o que é realmente a congada na nossa cidade. E ela mostra a cultura do povo, a cultura do negro. O porquê de levar isso pra escola foi que nós achamos importante resgatar uma cultura que é da nossa cidade sempre dentro da nossa escola. O projeto teve início através das professoras Silvana e a Cida Cangussu, que como culminância surgiu a ideia da formação de um terno de congada mirim. Hoje, ele já sobrevive com recursos próprios e ainda em ajuda da prefeitura, tem os instrumentos próprios, eles constroem as fardas deles cada ano, cada ano de uma cor diferente, igual a um terno regional da cidade. E ele faz as apresentações, geralmente, na segunda e na terça-feira da última semana da festa. E os professores, eles, são/existe uma escala de quem vai acompanhar essas crianças e juntamente os pais que participam e gostam do projeto por ser voltado para essa área de cultura e de realmente foram o que os pais viveram na adolescência deles. Eles se apresentam, acompanham a procissão, se apresentam no dia do congo que é marcado na última terça-feira, que é o dia do congo. Todos os ternos se apresentam nesse dia, no dia do reinado, em que são escalados os novos festeiros. E esses dias são contados como dia letivo pros professores. Existe resistência de alguma parte, de alguns professores, sim. Mas a maioria ajuda a execução do projeto.

- Quando saiu da escola, que você falou que não está naquela escola mais, você deixou a congada de lado? Como que/ou você deu continuidade nisso? Você continua exercendo a sua profissão?

Fabiana: Sim. Hoje eu leciono em outra escola. Eu trabalho no projeto Escola de Tempo Integral, numa escola que tem trabalho voltado mais para o ensino fundamental das séries finais e lá nós temos um projeto voltado para a congada sim. Como já existia o terno mirim, nós tivemos a ideia de fazer o bumba-meu-boi, foi no ano 2008 a primeira vez que nós criamos, juntamente com a professora Dalila e a professora Luiza de Paula. Nós procuramos um senhor aqui da cidade, que é quem constrói o boi da cidade, que existe o boi das oliveiras, que eles saem no último sábado da festa. E nós para dar continuidade na cultura e resgatar essa parte na nova escola, nós procuramos o senhor Antonio Rizzo que construiu para a gente um bumba-meu-boi. E a primeira parte do projeto que nós fizemos, nós resgatamos a história do bumba-meu-boi, apresentamos para as crianças, qual que é a história do bumba-meu-boi, como que ele é confeccionado, a história do bumba-meu-boi na cidade de Machado, quem trouxe, porque ele não é oriundo da nossa cidade, ele foi trazido por Antonio... Quem trouxe foi o Antonio Manoel, teve o apelido de Chico-Mole e ele atravessava uma longa avenida da nossa cidade, puxando esse boi e cantando, ele cantava e atrás os congadeiros repetiam. Então nós construímos o boi, a ornamentação é feita pelas crianças, sempre trabalhamos uns 15 dias antes da festa. A gente leva a esteira, que ele é construído de (esteira) de bambu com uma cabeça mesmo do boi, e as crianças mesmo fazem a ornamentação, deixando ele bem enfeitado, bonito. Essas crianças que fazem parte desse projeto já são filhos e netos de congadeiros, então eles mesmo trazem para escola as músicas, a gente trabalha em cima das letras, vendo que sempre puxa para a parte religiosa. Nós temos aí as oficinas, em cima dessas músicas a gente faz oficinas de interpretação de texto onde a gente já puxa trabalhando o Português com eles nas leituras. E o ritmo, nós não temos os instrumentos próprios, na época que a gente vai se apresentar, a gente sempre vai à casa dos congadeiros, que são considerados amigos da escola, onde eles emprestam para a gente as caixas, os cinturões, os cambitos que eles chamam que é o que eles usam para bater nos bumbos eles até mesmo chamam de cambitos. Aí a gente passa pede os instrumentos, leva e faz apresentações. A gente faz as apresentações dentro da própria escola, em outras escolas e nos apresentamos também no dia da abertura da tenda do congo.

- E o que é essa tenda do congo?

Fabiana: Essa tenda do congo é onde fica relatada a história da festa de São Benedito da nossa cidade, desde o primeiro ano que surgiu. São fotos, existem fotos, existem os/a história dos ternos, dos ternos que são os mais antigos, do terno modelo que existe hoje. e nós nos apresentamos no dia dessa abertura, que aí é o dia da abertura da tenda do congo e o concurso

de poesia, que a associação manda para as escolas trabalhem com as crianças a poesia voltada para a congada. Aí nesse dia é feito o concurso que tem a premiação, o primeiro, segundos e terceiro lugar, separado por séries, por idades.

- A tenda do congo, quem manda o projeto poesia das congadas para as escola é a tenda do congo? Ela é associada à Casa do Congadeiro ou não? A Casa do Congadeiro e a prefeitura ajudam nesse grupo do bumba-meu-boi que sai da sua escola?

Fabiana: Ah sim, elas são associadas, sim. Quem manda então para a gente o projeto é a Associação dos Congadeiros, e a tenda do congo é mantida pela associação, e nós não temos ajuda nenhum. No entanto que o que a gente tem/nem instrumentos a gente tem. A gente pede para os congadeiros. Aí a questão, a gente vai na casa do congadeiro, coloca o instrumento dentro do carro, leva pras crianças ensaiarem, depois a gente vai e devolve, e antes deles apresentarem a gente faz um ensaio todos com eles, aí a gente devolve, depois vai buscar de novo, no dia da apresentação, apresenta, coloca no carro de novo e devolve. Nós não temos ajuda de ninguém.

- Você acha importante o terno de congo mirim e o bumba-meu-boi? Qual que é a importância que eles têm para a congada da cidade? Como que você vê isso?

Fabiana: Eu vejo que é não deixar a cultura morrer. Porque um dos intuitos da gente lançar esse projeto foi resgatar e mostrar pros alunos mesmo da nossa escola o porquê da congada, o porquê dessa cultura. Nem mesmo eles conhecem a própria cultura da cidade. São mais uns que já têm essa parte, que já faziam parte, que os avós faziam parte os pais faziam parte das congadas, que seguem de tradição para tradição. Mas muitos dos adolescentes não sabem nem o que é isso. Eles só veem que lá no dia festa à noite, que geralmente quando eles vão, que tem um terno batendo e cantando. Eles não sabem realmente o porquê daquele terno, o que aquilo significa na nossa cultura.

- E nessa escola que você está agora? Como que é a aceitação dos professores? Como que eles veem o bumba-meu-boi enquanto cultura, enquanto parte da festa de São Benedito? Como que eles veem esse projeto dentro da escola? A posição do aluno perante a cultura? Como que os professores veem isso?

Fabiana: Olha, não tem uma grande aceitação, não. São poucos os professores que se envolvem. Geralmente, fica só a cargo de quem está nesse projeto mesmo, que são duas professora e mais eu. E apoio total a gente não tem não. Mesmo falando que é dia letivo, que

é só para acompanhar, eles relacionam muito a cultura com a religião, muitos até questionam isso, por falar de santos, de puxar mais para essa fé voltada para o catolicismo. Eu acredito que deveria ter uma abertura maior para as crianças, até mesmo porque elas gostam, elas sabem o que ele está fazendo, já é da cultura delas, elas estão passando isso para os demais alunos, mas não é tão aproveitado como deveria ser. Até mesmo por alguns professores que nem sabem que tem esse projeto na escola.

- Diante de todos esses relatos, qual é a ligação da escola de tempo integral com o projeto bumba-meu-boi e a congada? Qual que é essa ligação?

Fabiana: Que a principal estrutura da escola de tempo integral é o trabalho através de oficinas pedagógicas. Então nós aproveitamos o mês de agosto, que é voltado para o folclore e é quando é realizada a festa de São Benedito aqui na nossa cidade. E começamos a trabalhar a formação do bumba-meu-boi, estudando desde a origem do bumba-meu-boi, quem trouxe a história do bumba-meu-boi pra cidade, quem foi o primeiro que confeccionou o boi, como que ele é confeccionado, o porquê do nome bumba-meu-boi, e estudando desde essa origem até a sua confecção. Como eu já disse, as próprias crianças que fazem a ornamentação do boi. E a gente pesquisa, faz um trabalho em cima das pesquisas sobre as músicas. Além do resgate do folclore, as crianças também se divertem, mesmo durante as apresentações, que aí existem as chamadas investidas que a gente dá o nome, que é quando o boi vai para cima da plateia que está assistindo, dá as investidas, então isso pra eles já chega até a ser uma diversão. E o estudo das letras, essas letras, essas músicas são trazidas pelos próprios alunos do projeto, que eles realizam essas pesquisas em suas casa, pois a maioria vem da família de congadeiros. Então desde aí a gente já nota um interesse maior nesses alunos. A seleção dessas músicas são feitas por eles mesmos, durante as apresentações, quem vai cantar, quem não vai, que música canta, o momento que vai se cantar... um puxa a música e os outros respondem o refrão que é cantado por todos... o puxador do boi tem que ser uma pessoa mais esperta, um aluno mais esperto, que tenha uma desenvoltura maior, para que a apresentação fique mais bonita, para que a evolução dele seja diferente. E é uma coisa que a gente nota que é bem diferente de outros projetos é a participação da família, eu acredito por já ser da vivência deles, por isso a aceitação e a participação da família é maior. E tendo também ressaltar que a direção desde o primeiro momento que a gente surgiu com esse projeto, nos ajuda, nós já enviamos vários vídeos pra secretária da educação mostrando o projeto que é desenvolvido na nossa escola. Agora, uma coisa que se deixa a desejar é a participação dos outros professores, eles não gostam muito. Até mesmo alguns porque são de outra religião e até chegam a reclamar dos

barulhos que a gente faz durante o ensaio, que a gente já começa a ensaiar com eles com os instrumentos próprios mesmo, para no dia da apresentação tudo certinho.

- Já que desde a direção apoia, mas e quanto à participação das crianças? Todos aceitam? Como que eles veem isso?

Fabiana: Não são todos que participam, não. Mas de alguma forma eles acabam participando, indireta ou diretamente. Se eles não participam saindo com o bumba-meu-boi, participando das apresentações, eles acompanham e durante a ornamentação e os trabalhos feitos dentro da sala de aula, existe a participação de todos, sim. Porque é até um momento divertido, que a gente sobe com o bumba-meu-boi, deixa ele lá no pátio da escola e a gente passa ali duas ou três horas só enfeitando. Aí a gente trabalha com eles a parte da educação artística também, a parte de arte que é a ornamentação do bumba-meu-boi.

- Você como professora contratada, saindo da escola, pensa que o projeto vai ter continuidade ou não?

Fabiana: Eu acredito que não. Porque eu vivenciei essa cultura na minha infância. Eu cresci junto com a congada, eu cresci acompanhando a festa de São Benedito. Então o meu interesse por esse projeto é muito grande, porque ele fez parte da minha vida quando criança, e acho difícil outro professor retomar sem saber dessa vivência inteirinha, sem ter a mesma visão da cultura que eu tenho hoje.

- Você acha que a religião interfere ao trabalhar a congada ou não?

Fabiana: Eu acredito que interfere sim e muito.

- Conhecendo o corpo docente da escola, você acha que os professores, não sendo católicos, vão trabalhar o folclore?

Fabiana: Não. Não vão trabalhar porque eles puxam para essa parte da religiosidade. Não veem o folclore como uma cultura, veem esse folclore como voltado para a fé, para a religião e voltado para catolicismo. Então voltando para essa questão da religiosidade, na nossa escola nós temos um grupo de professores que são evangélicos, e os mesmos se recusam a participar desse projeto por questão da religião e até mesmo se negam a nos acompanhar nas apresentações, mesmo sendo considerado como um dia letivo, mesmo sabendo que o papel deles é estar do lado do aluno, e estar participando de um projeto, que é um projeto escolar, é

um projeto da escola, é um projeto folclórico. Mas eles já veem por outro lado, eles acreditam que é um projeto mais voltado para a religiosidade e eles não aceitam.

- Todo esse tempo que você tem o contato com a congada, teve algum fato que te marcou? Conta pra nós.

Fabiana: Sim. No ano passado, nós realizamos no mês de agosto mesmo uma/nós chamamos como a noite da congada. O que foi feito... Na nossa escola, existe também o curso de magistério, então em culminância de um projeto, os professores, nós resolvemos abrir as portas da escola para a comunidade. Nós recebemos a visita de um terno de congo, que é considerado o maior terno de congo da cidade, e ele nos prestigiou com a apresentação e nesse mesmo dia nós saímos com a congada do bumba-meu-boi, no final estava o terno de congo, o boi e as crianças tocando junto e cantando. Foi uma noite muito agradável e para finalizar foi feito um jantar onde todo mundo sentou junto, conversamos, fomos falando sobre a história da congada...

- E esse momento que todos sentaram juntos, te lembrou do quê? O primeiro ranchamento, da época...

Fabiana: Ah, sim! É porque geralmente quando/desde a época que eu dançava, a gente esperava chegar segunda-feira para ir almoçar na casa do dono do terno de congo. Aí sempre era frango, macarrão, feijão, guaraná, até tinha assim é a própria comunidade, o povo da onde é/do bairro da onde era o terno, eles ajudavam a fazer esse almoço para a gente. E existem também muitas famílias que recebem os congadeiros em casa para servir um café da manhã, um café da tarde ou até mesmo um almoço.

ANEXO VI – Entrevista da professora Márcia de Paula Souza

Data: 13/01/2012

Local: Rua Zamir Prado,115 – Bairro Jardim das Oliveiras

Hora: 14h30min.

Duração: 18 minutos

- Boa tarde, qual o seu nome?

Márcia: Márcia de Paula Souza.

- E qual a sua formação?

Márcia: Sou professora. Formada no normal superior e sou pós-graduada em educação especial também.

- Conte um pouco da sua vida e qual é a sua ligação com a congada.

Márcia: Bom, eu sou uma apaixonada pela congada. Eu venho de uma família de congadeiros. Eu sou bisneta, neta, filha e sou mãe de congadeiro hoje em dia. Meu pai pertenceu a um terno de congada dos mais tradicionais da cidade de Machado que é o terno do Caixeta, conhecido como Terno do Caixeta. Meu bisavô era rei da congada, minha filha dança congada desde menos de um aninho de idade.

- E o seu avô era o rei. E como que é essa escolha do rei da congada?

Márcia: Bom, a questão do rei da congada, ele é um rei perpétuo, é uma questão hereditária. Ele vem passando de pai para filho. E quando já não tem mais ninguém naquela família que possa ser um dos rei da congada, a associação dos congadeiros se reúne, junto com todos os capitães de terno e eles elegem alguém do meio dos congadeiros para ser o novo rei.

- E você por muito tempo vem participando da associação, participou da associação dos congadeiros, está envolvida com a festa de São Benedito, e conta pra mim um pouquinho dessa ligação sua com a casa de congadeiro, como isso aconteceu.

Márcia: Bom, eu entrei na associação de congadeiros propriamente dita, desde o ano de 2000. Quando houve um processo de renovação da associação de congadeiros. A associação de congadeiros vinha passando por praticamente uma ditadura. E os congadeiros, os capitães que estavam lá dentro já não tinham mais interesse de estar participando da associação. Então houve uma mudança de diretoria e nessa renovação eu comecei a fazer parte dessa diretoria desde 2000. Eu era uma secretária e, durante essa participação na minha diretoria, eu elaborei alguns projetos para a associação dos congadeiros visando à reestruturação das congadas em Machado. Um deles foi o projeto da re-significação da congada com a Tenda do Congo, o Prêmio Congada e o retorno do Dia do Congo.

- E como que acontecia esse Prêmio Congada? Era premiado o quê? Que critérios eram usados para essa premiação?

Márcia: O Prêmio Congada foi um concurso de poesias criado no intuito de fazer com que a comunidade educacional da cidade participasse ativamente dessa cultura local que é a Congada. Então os alunos passaram a estudar sobre as congadas no mês de agosto, e a partir daí elaborar poesias. E sempre no primeiro final de semana da festa de São Benedito, após o primeiro final de semana da festa de São Benedito, todos os estudantes da cidade se reúnem na praça de São Benedito para prestigiar esse concurso de poesia.

- Quer dizer que, no seu parecer, a congada ligada ao ambiente escolar é válida? O que você acha da congada dentro da escola?

Márcia: Bom, é muito importante que o estudante conheça sua cultura local. As congadas estavam sendo vistas como algo que incomodava a festa de São Benedito e na verdade não algo que vinha trazer uma melhoria para a festa de São Benedito. Então a única maneira que eu vi de fazer com que os alunos admirassem, respeitassem a Congada é que eles conhecessem a Congada. E esse Prêmio Congada veio incentivar esse estudo, essa busca do conhecimento sobre as congadas.

- E a escola, respondeu e responde ao objetivo da associação dos congadeiros quando fala em resgate de cultura, em respeitar a cultura?

Márcia: Hoje ela está além das nossas expectativas. No último concurso de poesias, na realização do último prêmio congada, praticamente todas as escolas da cidade participaram. Rede estadual, rede municipal e rede particular.

- E quanto aos cursos que são ministrados pela associação dos congadeiros? O que você fala desses cursos?

Márcia: Esses cursos foram realizados quando foi desenvolvido um projeto da Petrobrás na associação dos congadeiros em meados de 2004. Esses cursos tinham o objetivo de auxiliar os congadeiros, principalmente na confecção de indumentárias, na confecção de roupas, de uma forma que os congadeiros passassem a economizar na confecção de suas roupas, na confecção de instrumentos. Então, esses cursos foram muito importantes e principalmente quanto ao resgate do significado da cultura das congadas para eles,

- E você acha que isso melhora a vida dos congadeiros, ou só a questão dos instrumentos?

Márcia: Não, isso melhorou muito a vida dos congadeiros. Teve curso de corte e costura que possibilitou a muitas mulheres, filhas, mães, esposas de congadeiros, a conseguir melhores empregos na cidade.

- E esses cursos são ministrados até hoje? Tem uma verba?

Márcia: Não. Esses cursos foram realizados na época do projeto da Petrobrás, que foi mandado um projeto e recebeu uma verba específica para isso. Hoje, a associação ministra alguns cursos, mas são poucos e não têm a mesma proporção dessa época.

- Para que a associação ministre esses cursos, vem verba da prefeitura?

Márcia: Não. Hoje, a associação não recebe verbas para curso, da prefeitura. Hoje, a associação dos congadeiros tem uma verba de subvenção que é entregue aos congadeiros no mês de agosto, alguns dias antes de iniciar as festas. Essa verba é utilizada pelos capitães dos ternos para comprar a sua indumentária e para adquirir alguns instrumentos que estejam necessitando ter. Hoje, a prefeitura também auxilia quanto à estrutura da festa de São Benedito.

- E a questão do dinheiro que é arrecadado dos barraqueiros? Esse dinheiro ajuda a associação?

Márcia: Ajuda. Com esse dinheiro são feitas melhorias no prédio, na estrutura da associação de congadeiros, onde os congadeiros se reúnem. Com esse dinheiro, alguns ternos vão fazer passeios, vão fazer algumas viagens, são feitos intercâmbios.

- E a quantos anos foi criado o Terno de Demonstração? Você sabe por que surgiu esse terno?

Márcia: Esse Terno de Demonstração também foi criado na época quando da proposta desse projeto da Petrobrás. Esse terno foi criado porque as congadas Machadenses estavam perdendo as suas características. Elas estavam assumindo características, algumas até de escola de samba, um batuque que não tinha nada mais a ver com a raiz das congadas. E esse terno veio de uma pesquisa feita pelo professor José Wilker sobre a raiz da congada e ele fez essa proposta desse terno de demonstração que vinha resgatando realmente as músicas da congada, os ritmos da congada e inclusive os instrumentos adequados da congada.

- Você acha que o que foge da origem da congada, o que vai fugir da origem da congada, são as danças, os instrumentos... O que que mais distancia a congada original lá das suas raízes a de hoje?

Márcia: Bom, Machado é uma questão bem peculiar. Machado tem 19 ternos de congada adultos e 3 mirins. A formação de cada um dos ternos aqui tem uma origem. Existem ternos que têm origem baiana; existem ternos que têm uma característica das congadas de Santos, do litoral de Santos; existem ternos que têm características das congadas de Goiás. Então, os nossos ternos são ramificações de vários tipos de congadas do Brasil. E existem ternos aqui também que vieram com origem de escolas de samba da própria comunidade. Então não há como a gente falar que eles estão descaracterizados, propriamente dito. Eles precisam rever a sua base.

- O que diferencia um do outro então é a questão da composição dos instrumentos?

Márcia: Também. Também, principalmente. Os cantos são muitos parecidos. As músicas cantadas por todos os ternos são muito parecidas. O que diferencia uma da outra são os toques.

- O programa da festa, os passos, tudo que os congadeiros têm que seguir, é a associação que determina, é decidido no coletivo, como que é?

Márcia: É uma tradição. Aquele programa é uma tradição, é um ritual que vem desde os primórdios do tempo da congada. Cada um dos dias da semana, cada final de semana, tradicionalmente tem um acontecimento. E tudo isso é decidido no coletivo, nas reuniões das associações de congadeiros, com a diretoria e os capitães de terno.

- Você podia descrever alguns rituais?

Marcia: Alguns rituais? Bom, a festa começa sempre, tradicionalmente, numa sexta-feira com a alvorada. No sábado, desde o ano de 2002, acontece a abertura da tenda do congo. No primeiro domingo, tem a subida do mastro. Na primeira quarta feira, desde 2002 também, acontece o prêmio congada. No segundo sábado da festa, tradicionalmente, tem a festa do bumba meu boi, aliás do bumba meu boi não, do boi de oliveiras, que a origem dele é nas cavalhadas, e é o boi de oliveiras e o encontro da mulinha. No segundo domingo da festa, a gente tem a procissão de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Na segunda feira, a gente tem o Reinado. E, na terça feira, a gente encerra com a descida do mastro e com o dia do Congo.

- Quanto ao mastro, há todo um ritual, um processo para arrumá-lo? Como que funciona isto?

Marcia: Tradicionalmente, tem um... Nós temos o capitão da bandeira e o capitão do mastro. A bandeira fica guardada na casa de um senhor, que é o capitão da bandeira, durante todo o ano, e quando chega a época da festa ela é toda enfeitada e ela tradicionalmente sai naquele dia, naquele horário e vai até a igreja matriz onde encontra com o capitão do mastro e o mastro também e seguem os dois juntos até a praça de São Benedito. A mesma coisa acontece com o mastro, ele fica guardado, que é aquele pau que fica guardado o ano todo na casa do capitão do mastro. Quando chega a época da festa, ele é todo enfeitado, preparado para esse encontro na igreja matriz e depois segue junto com a bandeira pra praça de São Benedito onde, após um ritual de entrada na igreja, de orações, com o rei congo, o rei perpétuo e toda a guarda ele vai ser levantado na praça de São Benedito.

- E como que é feita a escolha dessa guarda?

Márcia: Bom, os guardas se candidatam na associação dos congadeiros e eles são avaliados pela diretoria e pelos capitães e, se aprovados, eles são aceitos pela corte do rei.

- Houve já algum caso de alguém não ser aprovado?

Márcia: Bom, que a gente saiba não.

- Fala um pouco para mim sobre a questão da congada entrar na escola. Já que você é professora qual que é sua visão?

Márcia: Bom, eu acho muito importante esse conhecimento da cultura das congadas dentro da escola. A congada é riquíssima. Tem rituais, tem ritos, ela tem música, tem dança, tem ritmo. Então ela é um veículo de conhecimento muito rico para a cultura escolar. E eu acredito que ela é muito importante para o educando.

- E a questão da congada na escola e a sua ligação com a festa de São Benedito? Que você acha disso?

Márcia: E a ligação com a festa de São Benedito?

- É.

Márcia: São duas coisas bem diferentes. A congada é uma cultura popular e não envolve a questão até, vamos dizer assim, muito religiosa. Já a festa de São Benedito, é uma questão mais complicada porque ela envolve uma religiosidade. Então são duas coisas que elas devem ser vistas de forma separada. É muito interessante que durante o concurso que a gente desenvolve o prêmio congadas inclusive evangélicos participam e já até ganharam o prêmio congadas com o tema congadas. Apesar deles não participarem da festa de São Benedito.

- A questão de não usar a parte profana na escola, embora as escolas participem da procissão. O que você acha da congada, ela já tá desde criança, ela já é passada desde as crianças, isso faz com que ela se perpetue? O que você acha?

Márcia: Isso é muito importante para que a congada se perpetue. As crianças vão tomando gosto pelo conhecimento desde pequenas e depois quando adultas. Hoje, por exemplo, existem em ternos de congadas, crianças que eram aprendizes nas congadas mirins e que hoje se tornaram até capitães de ternos adultos. Que continuaram, começaram quando eram crianças e hoje comandam os ternos adultos.

## ANEXO VII – Entrevista da diretora Luíza Lopes

Local: Rua Dona Olívia, nº 98

Hora: 14 horas.

Duração: 10 minutos

- Qual o nome do(a) senhor(a)?

Luíza: Luíza Lopes

- Qual o cargo e função do(a) senhor(a)?

Luíza: Professora e ex-diretora aposentada

- Relate como e de onde surgiu a ideia de formar o terno de congo.

Luíza: A ideia surgiu da supervisora Cida Cangussu e da professora Silvana Cristina, pergunte a elas são elas que sabem tudo.

- Como foi seu contato com o congada?

Luíza: O meu contato com a congada vem de muito tempo, pois sou de família machadense e desde criança vejo os congados. Aqui na escola foi através do projeto Folclore e a Festa de São Benedito.

- Qual a área de formação do(a) senhor(a)?

Luíza: Fui professora de Matemática na gestão da professora Soniamar, trabalhei mais de 20 anos na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, de onde saí para aposentar, na escola sempre apoie as meninas com o projeto.

- Quem participou da elaboração do Projeto Folclore e a Festa de São Benedito da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG)?

Luíza: Foram as professoras e a supervisora Cida, em especial a professora Silvana, a Rose também ajudava nos ensaios, depois que eu fui para a direção no lugar da Soniamar, a Sonia passou à se dedicar a congada e à biblioteca e a Rose que era a minha vice- diretora na época também ajudava na congada junto comigo. Eu ficava mais para ir às reuniões na Associação

dos Congadeiros, escolher e confeccionar a indumentária. Por um tempo fui membro da Associação dos congadeiros. O projeto foi interdisciplinar, todos participavam e os mais velhos ensinavam os mais novos. As famílias sempre apoiavam, uma vez que muitos dos participantes do terno de congada mirim já vêm de família de congadeiros. Os professores, na sua maioria também aderiram ao projeto. Na nossa cidade na época, foi uma novidade. Depois de nós, duas escolas da rede municipal criaram seus ternos de congo.

- Quando aconteceu?

Luíza: Em 1996, em uma das turmas e depois foi se estendendo para toda a escola.

- Como foi a trajetória de formação do terno de congo infanto-juvenil de São Benedito?

Luíza: No começo da implantação do projeto folclore, as professoras da escola resolveram estudar o folclore vivo da cidade de Machado. Embora nenhuma das duas idealizadoras do projeto, por não terem nascido na cidade de Machado, viram as congadas e tomaram gosto. A Cida sempre falou que no Norte de Minas, tem um tipo de dança parecido com a congada. Acho que sua paixão pela congada vem de lá. Já a Silvana, é natural de Campestre e conheceu a congada aqui porque lá não tem festa de São Benedito.

- O que você acha da congada dentro da escola?

Luíza: Bom, a congada dentro da escola é uma maneira das crianças conhecerem de perto a cultura da cidade. Trabalha-se na sala de aula a origem da congada, instrumentos, costumes. Uma maneira diferente de se trabalhar a cultura de um povo.

- Você acha que com sua saída o terno vai continuar?

Luíza: Bem, antes de me aposentar já estava observando em alguns professores o desinteresse pela congada. Mas o professor Paulo Sérgio é uma pessoa dinâmica e tenho a impressão que ele não deixará esse projeto de muitos anos se acabar.

ANEXO VIII – Entrevista da professora e supervisora Gláucia Begali

Data: 14/12/2011

Local: Praça Rui Barbosa, nº47

Hora: 9 horas.

Duração: 10 minutos

- Bom dia, Gláucia. Qual o seu nome e o seu cargo dentro da escola?

Gláucia: Eu sou Gláucia e meu cargo é de especialista em educação básica.

- Qual que é a sua área de formação?

Gláucia: Pedagogia.

- Você participou da elaboração do projeto "Folclore e Festa de São Benedito"?

Gláucia: Na época da elaboração do projeto, eu atuava como professora da educação básica. Eu participei da elaboração como professora da escola. Mas quem tomou a frente foi a supervisora Cida e a professora Silvana.

- Conta para mim quando aconteceu e como que aconteceu a elaboração do projeto "Folclore e Festa de São Benedito" que resultou na congada infanto-juvenil da escola.

Gláucia: A congada começou pela iniciativa de uma professora que trabalhava com seus alunos nas séries iniciais e ela sugeriu para a supervisora que ela estava desenvolvendo esse projeto e se não queria estender pra toda a escola. A supervisora achou a ideia interessante e aí nós nos reunimos os professores com a supervisora, e cada professor ficou responsável por desenvolver um tópico do projeto.

Gláucia: Trabalhava um tema. Relacionado ao folclore de um modo geral e ao folclore da festa de São Benedito que é da nossa cidade. Então a gente trabalhava um aspecto, uma sala ficava sobre alimentação; como que era a alimentação; como que era a questão da higiene; outra sala trabalhava a questão da população da festa, de onde vinham os barraqueiros, questão geográfica e as músicas que eram cantadas nas congadas. Então, cada sala tinha um

aspecto relacionado ao folclore e, num determinado dia da culminância, a gente, cada sala, apresentava sua pesquisa para as outras turmas.

- E qual que foi sua participação na formação do terno de congo?

Gláucia: A minha participação foi de estar incentivando os alunos a participarem do terno de congo porque o supervisor convidava os alunos de todas as salas, então competia ao professor o estímulo para esses alunos estarem entrando para... Conversava com os pais e estimulava.

- E como aconteciam os ensaios?

Gláucia: Os ensaios sempre aconteceram durante as aulas. Os alunos saíam, os alunos que participavam da congada, saíam na última aula e ensaiavam em volta da escola.

- E esse horário estendia um pouquinho, do final da aula?

Gláucia: Estendia um pouquinho, até 15 para as 6h, porque que eram alunos pequenos.

- E houve dificuldades na formação do terno de congo?

Gláucia: Não. Foi bem aceito pelos pais. Os alunos brigavam entre si, vamos dizer assim, para poder pegar a vaga da congada porque eram muito concorridas as vagas. Então, era até difícil estar escolhendo esse ou aquele aluno. De preferência, pegávamos aqueles alunos que davam mais trabalho de disciplina para poder incentiva-los à participação, à melhorar a disciplina na sala de aula.

- Alguns alunos já eram de famílias de congadeiros?

Gláucia: Já. Muito aluno já vem de famílias de congadeiros. Mas o projeto era muito concorrido porque todos queriam dançar.

- E qual a tua opinião a respeito do projeto hoje?

Gláucia: O interessante do projeto é essa interação entre os alunos. Porque o projeto até hoje ele vem assim, ele foi... A cada ano, o aluno mais velho ensinava para o aluno mais novo. Então, o interessante do projeto é esse, que até hoje alunos que iniciaram o projeto, ainda está..., alunos do segundo colegial, aluno que hoje já está com séries avançadas, vem para a escola para poder introduzir os meninos pequenos. Isso é interessante.

- Você como supervisora, é importante o projeto está no plano político-pedagógico? O que você acha disso?

Gláucia: Eu acho importante porque o projeto é um meio de socialização dos alunos e a escola não pode ficar centrada só em conteúdo programático do sistema de ensino. Tem que ser, também, expansivo à transversalidade. Então ele tem que estar abordando vários aspectos sociais. E esse projeto atende esse objetivo.

ANEXO IX – Entrevista da professora e Supervisora Rosa de Fátima Ferreira de Souza

Data: 13/12/2011

Local: Vila Nova n° 20

Hora: 17h 30 min.

Duração: 17 minutos

- Boa Tarde.

Rosa: Boa Tarde.

- Qual que é o seu nome?

Rosa: Rosa de Fátima Ferreira de Souza

- Qual que é sua área de atuação?

Rosa: Sou supervisora pedagógica.

- Qual que é sua ligação com a congada?

Rosa: A minha ligação com a congada é que eu sou de Machado, e Machado/a festa folclórica de São Benedito é o grande ponto da/dentro do folclore/e o congado é a parte principal dessa festa. Em Machado, as danças de congo surgiram nas fazendas. Essas festas religiosas realizadas desde a abolição da escravatura compunham de baile, danças, as mais variadas. As danças eram como gingados, evolução. Com o passar dos anos, as festas das fazendas passaram para as cidades e as danças com aqueles gingados receberam o nome de dança de congada e festa de congada. Essas danças traziam características primitivas dos escravos africanos. Seu Murilo Carvalho, em comovente artigo de seu livro “Artistas e Festas Populares”, transcreve “Fábula ouvida do Rei Perpétuo Joaquim Santana” sobre a origem do congado entre nós. “Teve um princípio muito bonito, aqui no Machado. No tempo do cativeiro, tinha uns que gostavam de caçar bodoque aconteceu que caçando acharam um inhambu que aparecia e sumia, aparecia e sumia. Eles foram uns atrás, aí deu num rochedo de pedra que o inhambu sumiu. Derradeiro, e eles viram ali uma santa preta, uma estátua em cima da pedra, no lugar onde o inhambu sumiu. Aí, eles eram três companheiros, levaram a

mão na santa, embora para casa. Chamaram outros cativos e voltaram. Uma porção de homens rezando em redor dela. Ainda não puderam tirar a santa. Ela não saiu do lugar. Voltaram pra casa e inventaram outro modo, que nem na África. Um arranjou uma violinha, outro uma caixa, um pandeirinho e todos vestiram uma saia colorida, que nem na África e voltaram. Aí chegaram e tocaram e dançaram. Vamo, vamo, Nossa Senhora, vamo, vamo, Nossa Senhora. E quando viu, a Santa deitou. Eles puderam trazer. Puseram em riba de uma mesa e foram rezando, dançando, admirando ela. Adorando de vela acesa. Eram todos gente africana. Cantava enrolados numa língua velha que era a deles. Daí nós continuamos todo sempre com nosso canto e a nossa dança, pra homenagear a Santa e ao São Benedito que ajudou nossa Senhora criar o Menino Jesus e foi cozinheiro preto.” Os antigos congadeiros sempre contam essa história e eu ouvi do meu avô.

- E na escola, qual que é a sua ligação com a congada? Você participou da criação ou você entrou á pouco tempo?

Rosa: Olha, eu entrei na escola Paulina Rigotti de Castro em 2009. Sem contato com a congada, mas eu não participei do início. Hoje em dia, nós trabalhamos na escola com essa congada. Mas quem começou o projeto foi a professora Maria Aparecida Cangussu e a diretora Soniamar de Lima. A Sônia, até hoje, ela continua à frente da congada. Ela continua na escola trabalhando com os alunos.

- E o que mais você sabe sobre o terno de congo infanto-juvenil?

Rosa: Com a implantação do PRODEC em 1998, a escola Paulina Rigotti de Castro iniciou um projeto com os alunos de primeiro e segundo fixo, com a finalidade de preservar a (incompreensível) dessa cidade, principalmente a congada. As professoras Maria Aparecida Cagunssu e Soniamar Lima (Ferre), então diretora da escola, iniciaram um trabalho inédito na área educacional. Levando o estudo da congada para a sala de aula e criando assim o primeiro terno mirim da congada para fazer parte dos projetos de São Benedito. A congada passou a ser grande motivação para os estudantes. Desde que foi criado o primeiro terno mirim em Machado, já foram feitas brilhantes apresentações na festa de São Benedito e em outros eventos da cidade.

- Você sabe quem ajudou a formar o terno de congo? As professoras sabiam sobre as congadas? Qual que era o conhecimento das professoras?

Rosa: As professoras tinham um conhecimento muito por cima do que acontecia na congada. Mas aí o que aconteceu, pediram ajuda pros pais, pros avós, pros tios dos alunos que ajudaram nos ensaios, e nos ensaios foram ensinando os alunos. E daí os próprios alunos mesmo, com ajuda do pai e do avô eles foram aprendendo. Porque muitos alunos da escola são filhos de congadeiros. Eles já vivem nessa família de congadeiros então eles já têm certa experiência. Tem aluno que já vem desde novinho junto com a família mexendo com congada. Então eles mesmos já sabem como conduzir a congada.

- Quando que acontece o projeto folclore? Conte pra nós como que é essa ligação do projeto com o terno de congo?

Rosa: Primeiro pela professora Silvana Cristina e coordenado pela supervisora da época Maria Aparecida Rodrigues Canguçu na gestão da diretora Soniamar de Lima (Fere). Na época, o projeto teve duração de 15 aulas aproximadamente, quando os alunos entrevistaram, pesquisaram, fizeram maquetes, poesias, finalizando com a criação do terno infanto-juvenil “Terno de São Benedito”. Em 1998, dando continuidade ao estudo das congadas, a escola incorporou ao projeto pedagógico o desenvolvimento do projeto “O Folclore e a Festa de São Benedito”, culminando com a apresentação do terno mirim durante a festa.

- Como era o ritual das congadas? Quem ensinou os professores da escola esse ritual?

Rosa: Como o ritual da congada local não era muito conhecido pelas professoras, o capitão do terno, seu Francisco Baiano, foi procurado para auxiliar. Ele incluiu o grupo em seu terno. Houve também a colaboração da escola Agrotécnica que emprestou os instrumentos. Naquele ano, o terno tinha 21 componentes, 8 meninas e 13 meninos. A responsabilidade dos ensaios é até hoje feito pela supervisora Maria Aparecida Canguçu, idealizadora da congada mirim em Machado. Em 1999, a escola tornou-se independente com instrumentos e vestimentas próprias. Nesse ano, o grupo era composto de 21 crianças. No ano seguinte, o terno contou com a participação de 49 crianças. Em 2001, saiu com 50 crianças. E, em 2002, os componentes aumentaram de 37 meninos e 22 meninas. O projeto foi muito importante para a cultura da cidade. Tanto que fez parte do programa de capacitação de professores do estado de Minas. Outro aspecto também importante é que estão surgindo novos projetos nas escolas estaduais, municipais e particulares.

- Como é a aceitação e participação das crianças no projeto congada?

Rosa: As crianças, aceitam muito bem o projeto. Gostam de participar. Se dispõe a ensaiar, ajudam nos ensaios. Os pais também têm uma participação muito ativa, porque levam os filhos nos ensaios, ajudam, e também levam nas apresentações quando necessário. Porque a maioria das vezes quem leva é o professor, mas o pai também aceita muito bem o projeto.

- Como supervisora como você vê a congada?

Rosa: Como supervisora da escola, na época das congadas, vejo-a como uma manifestação da cultura popular. Ela envolve professores, alunos, pais e toda a comunidade escolar. É uma maneira de não deixar a cultura de um povo acabar. Pois em Machado as congadas são uma tradição que passa de pai para filho.

- Qual é um dos momentos mais importantes da festa de São Benedito e os quais a congada mirim fazem parte?

Rosa: Olha, a congada mirim faz parte da alvorada, que acontece no primeiro dia da festa. Depois vem a novena, que são nove dias de/que a parte religiosa da festa. Na primeira semana da festa, vem o levantamento do mastro. É uma cerimônia realizada no primeiro domingo da festa. Toda congada participa, reunindo-se na praça de onde parte o terno de congo, e eles vão em busca do mastro e outra arte vai em encontro da bandeira. O mastro fica em uma casa e a bandeira fica em outra casa. Logo em seguida, eles passam pela igreja e é feito o levantamento do mastro. O responsável pela guarda da bandeira fica na casa do senhor Lázaro dos Santos. A casa do capitão da bandeira é o lugar onde os ternos se reúnem. O mastro e bandeira se encontram em frente a igreja, subindo em cortejo até a igreja de São Benedito.

- E a congada participa de todo esse cortejo? O professor acompanha?

Rosa: Sim. A congada participa e o professor acompanha os alunos até a subida do mastro que é feito no domingo. O mastro é levantado pelas mãos dos congadeiros envolvendo a todos os devotos. A festa de São Benedito tem também a abertura com a tenda do congo, é o lugar onde eles expõem todos os retratos das festas já (passadas), todos os instrumentos usados na festa...

Rosa: Outro momento importante na festa de São Benedito que os congadeiros, que eles prezam mais é a missa solene que é feita no domingo, com todos os congadeiros dentro da igreja e logo após fazem a procissão. Essa procissão é realizada no segundo domingo da festa. A procissão encerra a novena de São Benedito e homenageia em seus andores Santa Efigênia,

Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O ritual se inicia com a missa e depois esse cortejo, a procissão ela segue o trajeto da igreja matriz até a igreja de São Benedito. O roteiro se inicia na praça subindo as ruas principais até alcançar a praça de São Benedito. Os festeiros também, são responsáveis pela festa, pelas arrecadações de prendas, donativos, leilões, bingos e sorteios realizados durante a festa.

- Como os festeiros veem a participação das crianças, o terno mirim na festa de São Benedito?

Rosa: Esses festeiros são compostos de três casais e eles incentivam para que essa congada mirim tenha continuidade porque é muito importante essa continuidade para que essa cultura não se desfaça. Então, para os festeiros, a congada mirim em São Benedito é uma parte muito importante. Outro momento muito importante da festa de São Benedito é o reinado. O reinado acontece na última segunda-feira de festa. Os ternos de congados vão buscar os integrantes da corte que fazem parte da festa. O rei perpétuo, o rei congo, as rainhas e princesas. Eles buscam nas suas residências e esses reis descem a caráter com seus mantos e coras. Os cortejos seguem para a igreja matriz e a comitiva com pressa dirige-se para a igreja de São Benedito, seguindo o mesmo roteiro da procissão. Nesse momento, acontece a coroação dos festeiros do ano seguinte, cerimônia realizada pelo pároco da cidade. A coroação ocorre após o canto do hino da cidade e compreende a troca de coroas e de mantos. O reinado é o momento mais bonito da festa, quando os ternos de congo encenam a tomada da coroa do rei com danças usando fitas e artifícios nessa tentativa. Outro momento é a descida do mastro, é o dia do congo e a descida do mastro. Ele é marcado pela apresentação individual de cada terno e a premiação das congadas. É o momento de despedida dos ternos que dançam e cantam fervorosamente, agradecendo os dias de festa e as bênçãos recebidas durante o ano. A descida do mastro é o último e mais emocionante momento da festa.

- Em qual outro momento a congada mirim participa da festa de São Benedito a não ser no dia da procissão, da subida e da descida do mastro?

ANEXO X – Entrevista da professora Maria Aparecida Rodrigues Cangussu

Data: 22/03/2012

Local: Rua Professor Francisco Vieira, nº 342

Hora: 15 horas.

Duração: 25 minutos

- Boa Tarde, qual seu nome?

Maria Aparecida - Maria Aparecida Rodrigues Cangussu

- Qual o cargo e função?

Maria Aparecida - Professora no Instituto Federal do Sul de Minas Campus - Machado atualmente, mas já trabalhei por muitos anos na rede estadual de educação. No período em que trabalhei na escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, ocupei o cargo de supervisora, trabalhei também no Norte de Minas, já tive muito as experiências na educação. A cada escola que passamos são realidades diferentes.

- Relate como e de onde surgiu a ideia de formar o terno de congo. A ideia surgiu porque eu vinha de uma região muito rica em folclore Norte de Minas e, lá em Montes Claros, o catopé (um tipo de congada, é um termo que define a congada regional do Estado de Minas Gerais) é uma festa muito valorizada na cidade, traz muita alegria, queria fazer o mesmo com as congadas na escola.

- Como foi seu contato com o congadeiro que ensinou as coisas da congada para vocês na escola?

Maria Aparecida - Foi o senhor Francisco Baiano, fui até sua casa e ele me ensinou passo a passo, já que achava desnecessário o ensaio, essa é a visão de quem vive a cultura, faz parte de suas vidas, a congada para ele era muito fácil. Mas aceitou nossa entrada no seu terno e nos contou muitas histórias fez até um preparado com alho e outras coisas para evitar o mau olhado nas crianças e recomendou que as crianças não deveriam aceitar nada para comer durante a apresentação porque existe muita inveja. Ensinou alguns rituais como por exemplo de fazer o fechamento do terno nas encruzilhadas.

- Qual a área de formação do(a) senhor(a)?

Maria Aparecida - Pedagogia

- Quem participou da elaboração do Projeto Folclore e da Festa de São Benedito da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG)?

Maria Aparecida - Foi um trabalho de conquista. Assim que cheguei em Machado (vindo do norte MG), em 1996, comecei a trabalhar na escola com pedagogia de projetos e no mesmo ano conheci a festa de São Benedito e achava estranho a escola não envolver com uma festa tão grandiosa. Não concordava em a festa acontecer no mês do folclore e a gente estudar folclore de outras regiões sendo que aqui havia uma festa muito rica. Porém houve muita resistência e no início somente a professora Silvana Cristina aceitou iniciar um estudo como um plano de unidade de sua sala. O projeto foi assumido no começo por mim, pela professora Cristina e pela diretora Soniamar. No primeiro ano, conseguimos instrumentos emprestados pela antiga escola agrícola, depois, com a verba que a prefeitura ajuda, as congadas em Machado, conseguimos adquirir o material necessário.

- Quando aconteceu?

Maria Aparecida - Começou em 1996 com um projeto pedagógico em uma sala do 4º ano.

- Como foi que esse projeto foi elaborado?

Maria Aparecida - Como um plano de unidade de uma sala do 4º ano com a professora Silvana Cristina. Em seguida, foi incorporado através do PRODEC no currículo da escola no PPP.

- Como foi a trajetória de formação do terno de congo infanto-juvenil de São Benedito?

Maria Aparecida - Foi um pouco complicado porque eu não sabia nada sobre congadas. Então, comecei a pesquisar sobre o assunto e encontrei no Livro de Saul Martins, um folclorista de MG. Assim começamos a estudar sobre a congada. Primeiro, fizemos pesquisa bibliográfica; depois, uma pesquisa de campo. Em seguida, surgiu a ideia de fazer um terno. Fui atrás do congadeiro senhor Francisco para ir na escola nos ensinar, mas o mesmo dizia assim “ não precisa, D. Cida é muito fácil, as crianças começa a tocar aqui em baixo e quando chega lá em cima já tá sabendo”. Tentei várias vezes, mas não deu certo. Aí, fui até sua casa e ele foi me ensinando passo a passo primeiro aprendi a bater as caixas, e repetia com as

crianças na escola. No segundo ensaio, ao ouvir o som dos tambores, os pais avós que sabiam começaram a descer para a escola e nos ajudar. Aprendi com o senhor Francisco a tocar, cantar e dançar congo. Em seguida, levei algumas meninas do seu terno para ensinar as meninas da escola a dançarem. Perguntei a ele se era possível a gente sair no terno dele. E imediatamente concordou, daí então conversei com a diretora Soniamar, que mandou confeccionar as roupas das crianças igual ao do terno do senhor Francisco e, no dia da festa, saímos na frente do seu terno (a escola tem foto dessa época). No ano seguinte, resolvemos sair sozinhos e o projeto foi incorporado no PPP da escola e todos aderiram. Alguns, com mais resistência e outros, mais envolvidos. Assim, foi criado o terno e, em seguida, registrado na Associação de Congadeiros. Percebemos que os envolvidos nas congadas pouco sabiam de sua história

- Quais as contribuições e dificuldades decorrentes desse projeto no cotidiano da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG)?

Maria Aparecida - O mais difícil foi convencer os professores porque havia muito preconceito, alguns diziam que os congadeiros bebiam muito e era perigoso para as crianças, mas mesmo assim insisti. O que mais motivava era o interesse das crianças em participar. Quando começava o ano letivo, já vinham me procurar para entrar no terno, saíamos com 50 crianças. Alguns professores perguntavam como conseguíamos manter algumas crianças comportando bem no terno, já que na sala de aula eram muito danadas. Acabou servindo de contrato entre a escola e as crianças. Para frequentar a congada, tinha que ser um bom aluno. Na cidade, penso que houve uma mudança na maneira das pessoas perceberem a congada. Alguns senhores de ternos até choravam no dia em que o terno saiu nas ruas de Machado pela primeira vez. As outras escolas começaram a trabalhar e até criaram também mais dois ternos nas escolas municipais. Percebi que o fato das crianças se arrumarem muito para se apresentar também influenciou os congadeiros, já que nos primeiros dias de festa se apresentavam com qualquer roupa e a escola guardava o uniforme de um ano para o outro e usava os mesmos nos primeiros dias e as congadas da cidade começaram a fazer o mesmo. Outra coisa que observei era que os ternos usavam bonés com propaganda e, no nosso terno, eu introduzi um modelo de chapéu africano e hoje a maioria dos ternos usam. Outro ponto positivo foi que a escola foi convidada para gravar um vídeo para a SEEMG PROCAP, mostrado em todas escolas de MG como um exemplo de pedagogia de projetos no curso de formação continuada de professores. Tínhamos um pouco de dificuldade em convencer os professores a trabalharem durante o feriado. Soube que, no mandato da diretora Luisa Lopes, o projeto deu uma esfriada e que a

ex-diretora Soniamar é que o mantém funcionando mesmo estando na biblioteca. Sei o quanto é difícil colocar a congada na rua, os ensaios, a escolha da farda, os bilhetes para os pais deixar ensaiar, o compromisso com as crianças nos dias de apresentação. Sei tudo. Mas com a troca de diretor sinto que será revigorado, pois o Paulinho é muito dinâmico, sangue jovem. Não estou mais na escola, saí em 2009, mas fico contente em ver que, mesmo depois de tanto tempo, o terno continua. Para mim foi uma experiência maravilhosa aprendi a dançar, cantar e dançar congo. Acho que sou mais congadeira que muitos machadenses (risos). Sinto que a congada ganhou força. Com a entrada das escolas na festa, outros projetos foram criados como o das escolas municipais.

## ANEXO XI – Entrevista do Congadeiro João Batista Pereira

Data: 06 /12/2011

Local: Rua da Fé, nº144

Hora: 14 horas.

Duração: 14 minutos

- Qual seu nome?

João Batista - João Batista Pereira

- Qual sua idade?

João Batista - 66 anos

- Seu contato com a congada de onde começou. Você vem de família de congadeiros?

João Batista - Venho de família de congadeiros, depois da morte de meu pai eu e meus irmãos tomamos a frente do terno de congo. Minhas irmãs e cunhadas cozinham e toma conta da farda. Não foi uma tarefa fácil quando fiquei a frente do terno. O nosso terno é um dos mais antigos da cidade de Machado, como você sabe numa das nossas apresentações, quando fomos fazer uma participação no CD do Martinho da Vila, nosso ônibus teve problemas e sofremos um acidente. O meu sobrinho perdeu a perna, foi muito tempo de tratamento, recebemos ajuda do cantor, ele deu apoio mas não é fácil pois saímos tudo bem e voltamos com problemas. Sabe como é né.

- Conte um pouco dessa história. Desde a época em que seu pai iniciou na congada.

João Batista - Quando meu pai montou o terno, eu era pequenininho e todos quando o terno passava saudava o meu pai que tinha apelido de Zé Caixeta. Seu pai sempre emprestava as caixas da escola de samba para o congado e quando chegava o carnaval nos devolvia e emprestava as nossas. Uma boa parte de minha vida passou na zona rural, para o meu pai era difícil. Antes matava capado para dar comida para o congado. Ensiava num terreiro de café perto de casa, dava depois do almoço e o povo ia chegando, tudo era diferente, as pessoas mais fácil de lidar, batiam com fé e vontade, nós era unido, meu pai muito se alegrava nos

ensios, tenho muita lembrança boa desse tempo. Os mais velhos ensinava os mais novos. Passou um tempo e meu pai foi para a cidade, comprou um terreno perto da igreja de São Benedito, com muito sacrifício fez a nossa casinha, minha mãe trabalhou muito também tanto para ajudar a construir nossa casa tanto para que o terno de congo saísse nas ruas para alegrar o povo. Com o passar do tempo, meu pai foi adoecendo, meu irmão mais velho que eu teve problema de intestino e eu fiquei o responsável pelo terno.

Na casa da minha irmã tem um cômodo na casa que meu pai já construiu para guarda os instrumentos. Saímos na festa e dois dias antes do início da festa, limpo todos os instrumentos, aperto as caixas, peço emprestada outras e assim vou sustentando o terno. Sabe que hoje em dia é mais fácil que na época do meu pai, agora tem a Associação, a prefeitura ajuda, temos o armazém, pouco mais tem. Já aposentei mas trabalho para ajuda as filha, nos dias da festa paro para arrumar os instrumentos, colchão para os congadeiros que vem da roça, do Douradinho..Muitos dos nossos congadeiros moram na roça e sabe né tem que arrumar desde o colchão para eles dormirem.

- Quem ajuda o senhor a arrumar tudo?

João Batista - Meus irmãos e sobrinhos, minha esposa, no ensaio sempre arrebeta as peles. Temos dificuldade em arrumar caixas pequenas porque se o pai dança e o filho quer dançar esse não pode ficar sem caixa.

- Qual é a função a sua função dentro da congada?

João Batista - Função do capitão, capitão cabeça da congada. Um dos meus irmãos é o contra mestre que fica do outro lado do cordão dos congadeiros, do lado esquerdo e nos dois levamos o congado. As dançarinas são as minhas sobrinhas.

- O que o senhor acha da casa dos Congadeiros?

João Batista - Foi muito bom criar aqui em Machado, a Suely, a presidente agora nos ajuda muito, com o armazém, reúne todos, conversa sobre as apresentações. Eu não gosto daquela premiação na terça-feira pois nois dança pro São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e não para o troféu

- Quando acontecia a festa de São Benedito?

A festa sempre acontecia no mês de agosto, tenho a lembrança. Meu pai panhava café e com o

dinheiro sempre ajudava.

- O que o senhor acha das escolas montarem um terno de congo?

João Batista - Eu achei uma ideia muito boa. Nós já fomos dançar na escola e gostei muito. As crianças é uma maneira dos congadeiros não acabar. Não só na congada da escola como em todas as congadas as crianças estão e isso é muito bom. Elas são luz.

- O que é o mastro na festa?

João Batista - O mastro significa o começo e o final da festa. Aqui no Machado levanta um só e nas cidades que nos vamos dançar levanta um para cada santo. Ele serve para colocar a bandeira de São Benedito. É no pé do mastro que os congadeiros louvam São Benedito. No dia da subida do mastro é muito bonito ver a devoção do povo. Todo mundo quer tocar o mastro. É uma vara de eucalipto enfeitada que é guardada na casa da dona Maria D'Bem, essa família já faz muito tempo que enfeita o mastro.

- Fale para mim um pouco da dança do congado.

João Batista - A dança veio de Moçambique e aqui nos adaptamos. As meninas dançam na fita que a rainha leva a bandeira e dela sai as fitas. Os congadeiros dançam e fecham o círculo em torno das dançarinas. É muito bonito. O meu terno tem bastante moça e muitas crianças, elas dançam muito.

ANEXO XII – Entrevista do congadeiro Moacir Ferreira de Souza

Data: 06 /12/2011

Local: Rua Joaquim Antônio de Moura nº 169

Hora: 14 horas

Duração: 27 minutos

- Qual seu nome?

Moacir: Moacir Ferreira de Souza

- Qual sua idade?

Moacir: 46 anos.

- Qual seu papel no terno de congo?

Moacir: Sou capitão.

- Seu contato com a congada de onde começou. Você vem de família de congadeiros?

Moacir: Vim de família de congadeiros sou da 3º geração , pais e meus avós de pai pra filho.

- Conte um pouco dessa história. Desde a época em que seu pai iniciou na congada.

Moacir: Quando meu avô montou essa congada, ele e seu Chico Mole, eu era pequenininho. Foi o primeiro terno que existiu aqui em Machado. Aí as ruas eram tudo de terra ainda e o terno foi fundado na rua 13, onde hoje é a rua Dom Hugo .As ruas eram de terra, eu era pequenininho, mas já dançava. O meu avô era contra mestre, tio Chico era capitão. Depois que meus avós faleceram, meus tios, aí passou a ser meu pai. Do meu pai passou para meu tio e, depois, passou para mim.

- E essa passagem aí da congada como é dividido?

Moacir: Mestre, Contra-mestre, Capitão.

- Qual é a função de cada um dentro da congada?

Moacir: A função do capitão, ele é o cabeça da congada. O contra-mestre auxilia o capitão, entendeu? O capitão fica do lado direito e o contra-mestre do lado esquerdo.

- E as bailarinas? A rainha, as bandeireiras?

Moacir: Elas também fazem parte da congada.

- Como é os passos da congada? De onde veio?

Moacir: Isso veio de Moçambique. Coisa da África. Aí, a gente foi modificando, foi mudando os passos.

- Mas como que é essa dança?

Moacir: É uma dança tipo de acordo que a congada vai tocando. Você dança no ritmo que você sabe, eu danço de um jeito. O contra-mestre já dança de outro jeito, mas o certo é dançar os dois iguais.

- Como a congada se dispõe na rua pra ela formar?

Moacir: Aí tem que ser bom. No dia principal da festa, primeiro nós estamos indo para a procissão, missa; após a procissão, saímos fardados e toca o barco até o fim.

- Como que acontece o reinado?

Moacir: O reinado é uma coisa que já tem na própria congada. Se não tiver o reinado, o reinado anima a festa. A turma vai mais por causa do reinado.

- E quem faz parte do reinado? Todas as congadas tocam ao mesmo tempo? Ou tem uma ordem ali para as congadas seguirem as procissões? Como que é?

Moacir: Não, no reinado a congada bate normal samba corrido; agora na procissão, vai batendo só marcha e cantando música de São Benedito e Nossa Senhora.

- Os andores de quais santos formam a procissão?

Moacir: 1º São Benedito; depois Santa Efigenia e Nossa Senhora do Rosário e tem Nossa Senhora Aparecida também.

- Nossa Senhora também faz parte?

Moacir: Faz.

- Ela vai no andor?

Moacir: Vai.

- Então são 4 andores?

Moacir: 4 andores.

- Fale para mim um pouquinho. A escolha do Rei do Congo, como ela é feita?

Moacir: A escolha do rei, aí já depende de quando surgiu esse negócio de rei escolher uma pessoa mais de idade que pertence à congada, que é dono de congada. O primeiro rei que nós tivemos foi Joaquinzinho Santana e depois passou para o filho dele que é hoje José Vitor Santana.

- E essa coroa vai passando?

Moacir: De família para família, de pai para filho.

- As congadas são feitas entre família; como é feita a escolha de quem toma conta da congada?

Moacir: Não, tem terno de congo geralmente o nosso terno de São Benedito a maioria antes era só família. Pai, primo, irmão, né. Hoje não, porque muita gente já se foi, já morreu e hoje também nós dependemos de quem é de fora. Desde que ele seja congadeiro, pertence a nós, é da nossa família.

- E os instrumentos? Quais os instrumentos que compõem a congada?

Moacir: Viola, banjo, cavaquinho, pandeiro, chocalho, tarol.

- As músicas, quem escolhe é o congadeiro ou segue, essas músicas já existem, vocês criaram?

Moacir: Não, essas músicas, o congadeiro que tem que criar. Cada capitão, vamos supor, se a gente vai dançar congo na Aparecida do Norte, Belo Horizonte vai nesses lugar cada capitão tem que cantar a sua música.

- E qual que é a sua relação com a Associação?

Moacir: Tem que participar. Capitão, principalmente. Todos capitão tem que ir.

- E a Associação ajuda você?

Moacir: Ajuda.

- De que maneira?

Moacir: A Associação ajuda nós em farda, mantimentos para comer.

- E a casa? Vocês também vão para o ranchamento?

Moacir: São os próprios participantes da congada , a Ditinha , se a Dalva fosse ela podia ser. Já tem cozinheiras próprias do congado.

- E você faz parte do terno de demonstração? Como surgiu isso? Conta pra mim um pouquinho disso.

Moacir: Esse terno aí, foi o professor José Vitor que fundou esse terno. Então esse terno de cada terno eles tiram 3 componentes. Mas, tem terno que tem mais. Vamos supor, no meu terno, era eu, Jairo, Marquinho, hoje só está eu e o Marquinho. O Jairo não quis mais. Mas de todos os ternos tem um, dois ou três.

- Mas você sabe por que ele criou esse terno de demonstração?

Moacir: Esse terno, vamos supor se a gente vai dançar fora, esse terno vai fazer homenagem a Machado.

- Mas esse terno é diferente dos outros; o que ele faz? O que faz ele ser diferente?

Moacir: Não tem diferença dele, não tem aquela igual nós dança. É tudo igualzinho à outra. Aí você pode ver os passos, é igualzinho ao outro e as música, as coisas todas silenciosas.

- Mas esse terno chega mais próximo da congada, quando ela iniciou, ou não?

Moacir: O batido é o mais certo. Este terno foi criado pelo estilo de terno mais antigo.

- Então é um resgate?

Moacir: É um resgate da congada original.

- E o que o Senhor acha da participação das crianças?

Moacir: A participação das crianças é uma satisfação que a gente tem. Porque as criança é um

anjo que está aí na frente ajudando nós. Elas ajudam a cantar Meninas que cantam muito mais que meninos que estão lá trás. As meninas do meu terno tudo pequenininha, você precisa de ver elas cantarem , que gracinha.

- Então a participação das crianças é importante?

Moacir: É importante sempre, porque a gente vai ficando velho, as criança vão crescendo, principalmente rapaz as moças não, chega uma certa idade arrumam namorado aí param. Os rapazes, não, eles continuam se for da família então morre, como morre da minha família, pai, avô, vamos supor, eu, no meu caso, se um dia eu chegar a faltar, eu tenho um neto que vai.

- Para dar sequência?

Moacir: Para dar sequência.

- O senhor faz parte do boi no Salvado?

Moacir: Isso.

- Da onde surgiu?

Moacir: Esse boi veio da Bahia. Eles fizeram aquele negócio de boi Bumba. Eles falam Boi Bumba, né. Ai nós acompanhamos esse boi e pusemos esse no nosso terno.

- E quem que trouxe para Machado isso?

Moacir: Foi meu pai.

- Segue os mesmos traços da Bahia ou foi adaptado?

Moacir: Não, aqui é deferente, o boi é igual o de lá, a nossa dança é que é diferente.

- Vocês criaram passos?

Moacir: No dia do boi, tem a música só do boi.

- O senhor pode cantar?

Moacir: Posso, só que é o seguinte a música é o seguinte é só duas palavras.

O meu boi é brabo.

E a turma do outro lado. Ei, boi!

O meu boi é soberano.

Ei, boi!

Faz a pega meu boi.

Ei, boi!

O meu boi é laranja.

Ei, boi!

O meu boi é maiado.

Ei, boi!

O meu boi é soberano.

Ei, boi!

É só isso daí, direto e reto.

- O congado dança é a devoção? O que o Senhor me fala disso?

Moacir: Não, isso aí pra quem gosta é a devoção. Vamos supor, tem gente que dança um tempo, para, não quer dançar mais. Eu já danço porque sou devoto de São Benedito, de todos os santos da congada e danço porque gosto.

- Dança por prazer?

Moacir: Por prazer e por obrigação também.

- Por obrigação, por quê?

Moacir: Porque eu gosto, já trago a tradição anterior, então eu sou obrigado a sustentar.

- A sustentar o terno para não deixar ele cair?

Moacir: Isso pra não deixar ele cair.

- Obrigada!

ANEXO XIII - Entrevista do congadeiro Sebastião Anselmo de Souza

Data: 08/01/2012

Local: Rua Madre Cruz, nº 153 - Bairro Novo Milênio

Hora: 9h 30 minutos.

Duração: 15 minutos

- Bom dia. Qual seu nome?

Sebastião: Sebastião Anselmo de Souza

- Qual sua idade?

Sebastião: 56 anos

- Qual o papel do senhor no Terno de Gongo?

Sebastião: Eu sou o capitão do terno.

- E o que o capitão faz?

Sebastião: O capitão, ele comanda seja lá 60, 80 pessoas. A responsabilidade é muito grande.

- E quando o senhor começou a participar da congada?

Sebastião: Olha, isso aí vem de geração né, isso aí eu tenho que uma capacidade aí de uns 14 a 15 anos já estava mexendo, não sendo capitão, mas congadeiro eu era.

- Como que o senhor passou a capitão do Terno de Congo?

Sebastião: Olha, eu já tinha bem entendimento com meu pai que era o Benedito Anselmo, eu já tinha bem um pouco de sabedoria, não é grande sabedoria, era um pouco de sabedoria.

- Porque o senhor participa e por que o senhor quis ser o capitão ou... por quê?

Sebastião: Olha, ser o capitão é assim... suponhamos, ali vem uniforme...capitão que tem que movimentar, instrumento... capitão que tem que movimentar, então veja, uma parte dessa aí que o capitão faz a responsabilidade dele não é brincadeira num congado.

- E o que o senhor acha da congada de antes, da época de seu pai e da congada hoje em dia?

Sebastião: Olha, 100% mudou muito, veja bem. Antigamente ela fazia caixa dessas caixas de corda, cavaquinho e veio vindo da origem cultural, agora hoje já não tem essas convivência mais, é pouco terno que você vê com instrumentos desses, porque dá um instrumento desses para o congadeiro, ele vai chegar e vai fala para o capitão, não eu quero é essa caixa nova aqui, essa de percussão, ele não pega então é onde eu falo para você, hoje o congado nosso dismudou muito, eu vou falar uns 100%.

- Como que o senhor vê a participação das crianças na Congada?

Sebastião: Muito importante essa pergunta. Muito importante porque nós já vamos acabando, a geração nossa já vai acabando. Então, já tem que começar deles, já vim treinando eles, você vai ficar de capitão aqui, você vai ficar de contra-mestre, você vai cantar aqui, então é uma coisa muito importante essa pergunta que você me fez.

- Qual que é a dança que é feita na congada?

Sebastião: Olha, a dança tem muito tipo de dança, tem o Moçambique. Agora, o congado a dança dele é uma dança África que é acompanhada pelos pretos. Veio pelo batido da caixa, porque o batido da caixa manda muito, porque hoje nós não estamos batendo o batido original já virou outra bateria. O batido antigo é um batido compassado normal para você dançar.

- A rainha do congado como que ela é escolhida?

Sebastião: Ela representa uma imagem no meu pensamento, né. Uma imagem que é uma coisa importante. Ela pode representar Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia é uma coisa uma pergunta importante que você me fez ela representa, ela é um símbolo dentro da congada.

- O senhor sabe a origem da congada em Machado?

Sebastião: A origem, a congada de Machado, aqui ela não tem muito valor, né... é pouco valorizada, porque olha veja bem, muitas pessoas hoje, não são dizendo assim.... não gostam. Isso aí você está fazendo essa pesquisa quando você voltar aqui pode olhar a mesma coisa, o bem que o capitão me falou. Se eu chegar na casa de vocês, vocês vão me receber bem, mas se eu chegar em outra casa... Agora se iremos pra Aparecida, em outras cidades de fora, tem valor, sim. A nossa cidade está faltando é humildade e a união tem um terno de congada ali, vamos fazer uma coisa ali, vamos dar uma alimentação para eles, eles não pensam isso. Agora

a alimentação, quando sai, é da Associação dos Congadeiros se chegar um terno aí, dificilmente uma casa aqui em Machado dá um café para os congadeiros. Isso aí é dificilmente.

- E por que o senhor acha que eles não dão, que não dão esse valor?

Sebastião: Olha, eles não dão valor porque eles falam, ah! mas é um congado e tal.. mas quando é outras coisas, um cantor, aí sim tem valor, mas o congado é desvalorizado. Isso aqui que eu vou falar para você não é só eu que vou falar não, isso aí mais capitão vai falar.

- Mas essa desvalorização vem de uns anos pra cá ou sempre foi assim?

Sebastião: A, não, sempre isso aí é sempre.

- E a Associação dos Congadeiros?

Sebastião: Boa, ajuda muito são, muito honestos em cima do pedido mesmo. Se não tivesse Associação dos Congadeiro, eu no meu pensamento, eu acho que a festa ia até acabar porque a Associação dos Congadeiros ela é firme, ela é rígida. A presidente, em cima do pedido; como faz ela, como faz o esposo que já foi presidente, é em cima do pedido.

- Que tipo de ajuda que a Associação dá?

Sebastião: Olha, a parte da alimentação eles dão, a parte da alimentação, aí é por conta deles.

- E o ranchamento?

Sebastião: O alojamento praticamente eu já tenho o meu aqui. Agora o pessoal que já não tem, eles alugam um alojamento pra eles por três dias. É, veja bem, já é um cargo pesado para o capitão porque vai desembolsar lá R\$600,00, que seja R\$700,00.

- E esse dinheiro vem da Associação?

Sebastião: Não, esse dinheiro vem pela prefeitura, ela passa uma verba para os capitães. Agora, vamos supor, eu, o terno meu mais os três ternos que saem aí já vai equilibrando porque o dinheiro que lá fora também ajuda nós, tem uma força grande lá fora. Para os ternos que saem.

- A então, quando vocês vão fazer apresentação, vocês recebem?

Sebastião: Recebe, vamos supor, vai em Cordislândia, então, a Associação combina o preço com os festeiros, aí chega e paga. Tem muito terno que já não sai, esses já ficam só com a verba da cidade.

- E os ternos das escolas, o que o senhor acha?

Sebastião: O terno da escola? O terno da escola, vamos voltar na mesma pergunta nós estamos precisando dessas crianças, nós depende das crianças de hoje em dia.

- Seu Sebastião, e o mastro?

Sebastião: O mastro no meu entendimento é um símbolo também da Festa de São Benedito, agora a abertura é a Alvorada, pode ter o Mastro mas a abertura é a Alvorada. O mastro é sagrado, já sai da igreja benzido, tem que ser sagrado, mas aqui tem que levantar mais umas duas imagens.

- E qual é a função do mastro na festa de São Benedito?

Sebastião: Na festa de São Benedito, o mastro ali ele é assim um vai ali para fazer uma promessa, isso aí é praticamente... uns já vão pôr a mão no mastro “a promessa minha aquilo ali...” Então o mastro é uma coisa importante, significando assim aquela origem. Ali já vem vindo muito antigo, muitos antigos que vêm vindo com a origem do mastro. O mastro para nós é uma cultura muito grande.

- E para que ele serve?

Sebastião: Olha, muitos lugares já deixa ele sem descer, agora aqui, na terça desce o mastro.

- Então, na terça-feira, o mastro significa, a decida do mastro, final da festa?

Sebastião: Final da festa, para nós que é Machadense, terça-feira é o final da festa.

- E por que o mastro só com a bandeira de São Benedito?

Sebastião: Olha isso aí a gente sempre (incompreensível) Associação dos Congadeiros levanta um mastro só, mas a festa é dos três, o certo, o verdadeiro é levantar dos três, tem cidade que é quatorze, quinze mastros.

- Três mastros para quem? São Benedito...

Sebastião: Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, porque a festa aqui quando a gente chega na catedral da igreja, o que representa lá, são três imagens, se chegar lá uma pessoa igualzinho você está fazendo essa pergunta, boa e importante, importante essa pergunta aí porque pode chegar uma pessoa e falar mas a festa é de quê? A festa é de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Não está as três imagens lá, mas por quê? Tem só a de São Benedito cadê as outras duas? Muito importante essa pergunta. Isso você pode perguntar para qualquer pessoa, mais de cultura, o professor José Vitor, lá na Associação dos Congadeiros, para presidente, também ela vai falar dessa pergunta para você.

- Obrigada.

ANEXO XIV - Entrevista do congadeiro José Otávio Filho (Dadu)

Data: 18/12/2011

Local: Rua São Vicente, nº 214

Hora: 16h 30 minutos.

Duração: 18 minutos

- Qual é o seu nome?

José Otávio: Meu nome é José Otávio Filho, sou natural de Paraguaçu e criado aqui no município de Machado e casado aqui em Machado também. E sobre esse negócio da Congada, o São Benedito era cozinheiro dos escravos, aí foi indo... era cozinheiro com os escravo tudo..aí foi lá um dia São Benedito ficou doente lá, foi fartano, aí eles inventaram de sair a congada; e a Congada começou com os Caiapós, tirar os índios lá do mato, aí de tirar os índios do mato do Caiapó, aí se formou o Terno da Congada. Conforme tem aqui em Machado mesmo, tem vinte e dois ternos da Congada.

- Senhor Otávio fale-me um pouco da sua vida de congadeiro.

José Otávio: São lembranças de tempos passados, lembro muito bem do tempo em que meu pai juntava sua viola e puxava a cantoria. Era muito bonito olhar o terno de congo. Logo em seguida, todos acompanhavam o ritmo do seu apito. As fardas, a cada ano, usávamos uma farda diferente, colorida, brilhante que encantava a todos na nossa passagem pelas ruas da cidade. A rainha é quem segurava a bandeira, e as meninas todas de saias rodadas, cantavam e dançavam em louvor a São Benedito. São tantas as lembranças... Parece que foi ontem. Eu era criança e ouvia louvores a São Benedito que surgia longe, lá no alto da serra. Nós morávamos na roça. Os ensaios do terno como eram bons aqueles ensaios. Quanta música bonita. E a procissão do reinado, que coisa maravilhosa. Dia de usar a farda nova e acompanhar o cortejo que leva São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário. É muita fé que nos acompanha na festa de São Benedito. Nunca senti coisa mais gostosa do que estar no ranchamento. Muito colchão no chão, criança pulando de um lado para outro. Comida no fogão fervendo. Como dizem por aí... São Benedito multiplica o pão. São tantas as lembranças que fico triste de pensar. No tempo que já se foi. Quanta gente se passou e hoje só

estão os netos, os primos e os sobrinhos. Mas a luta continua, pela fé em São Benedito. A festa de São Benedito é festa de fartura, toda nossa gente se prepara para os dias de festa. É bom ver o povo reunido olhando nosso terno passar e cantar. Gosto muito do terno de congo. Nele eu cresci, meus netos, meus filhos e sobrinhos e, se Deus quiser, nele quero seguir até o fim. Todo mês de agosto minha missão é esta. Com a bênção de São Benedito.

- E qual é o papel do senhor no Terno de Congo?

José Otávio: Eu sou dono do terno e capitão do terno... e tomo conta do terno também, eu sou o chefe do terno também. Aí tudo da minha congada tem setenta componentes, entre homens e umas meninas que dançam na frente da bandeira, então isso tudo faz parte da congada. E a Congada aqui em Machado, em todo lugar que tem a Congada é muito bom demais da conta porque é uma festa muito animada, é uma festa que traz muita recordação do tempo que começou, dos escravos que veio vindo e agora hoje. Só que mudou o jeito do ritual tudo, porque, de primeiro, era instrumento de congada era instrumento a corda, de bambu, era de couro de boi, tamburim, essas coisas. Agora, hoje não, hoje é de nylon essas coisas mais é tudo dentro da congada fazendo a representação do terno de congada igual começou.

- E quando que o senhor começou a participar da congada?

José Otávio: Comecei foi em 40, em 51, aí eu já tinha... eu dançava em um outro terno, aí depois eu vim formando, eu vim vindo e resolvi formar um terno por minha conta, a foi quando eu formei o terno da minha conta lá na Vila Santa Helena. O terno é de São Vicente, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, então nós vem vindo com essa congada aqui de Machado aqui, todos os ternos e vem tudo fazendo aquela apresentação do São Benedito, de quando ele... do tempo dele que ele era escravo tudo, então nós vem fazendo essa semelhança hoje do São Benedito e da congada conforme foi começado, conforme começou. Então, hoje está tendo um movimento medonho, em todo lugar tem a congada, mas é tudo tirada do tempo dos escravos que vem vindo.

- E o que o senhor acha da participação das crianças na congada?

José Otávio: É muito bom demais da conta porque nós que já vamos tirar base mesmo por mim, a gente já vai ficando mais de idade, vai ficando mais velho, então tem que ir ensinando os mais novinho porque aí nós, os mais velhos, vão indo e os mais novinhos vêm formando para a frente a congada, porque é uma coisa que não pode acabar porque é uma raiz determinada por Deus e São Benedito, então não pode acabar. Então, nós mais de idade tem

que ensinar os pequenos para eles vim vindo e trazendo conforme nos vem levando, então nos tem que fazer tudo certinho, dançar a congada direitinho, tudo com ordem e com respeito “pra mode” as crianças aprender as coisas certas porque se nós, donos do terno fazer as coisas errada, as crianças também vão aprender errada, então chega “de hora” elas estão formando fazendo errado, então tem que fazer certo “pra mode” eles vim fazendo certinho. E precisa das crianças no terno de congo, quanto mais crianças melhor é porque nós grande já vai ficando mesmo, logo não vai aguentar a andar, vai começar a mancar, então tem que ter as crianças para vir vindo.

## ANEXO XV – Entrevista do congadeiro Jorge Marcelino da Silva

Data: 14/02/2011

Local: Rua Márcia Signoretti Godoy, nº 15

Hora: 14h 30 minutos.

Duração: 24 minutos

- Boa tarde. Qual seu nome?

Jorge: Jorge Marcelino da Silva

- Qual que é sua idade?

Jorge: 82 anos.

- Como que o senhor teve contato com a congada?

Jorge: Como? Nessa congada que eu toco hoje, eu entrei nela dançando de promessa quando era criança fiquei com essa promessa de dançar por 7 anos e o terno que me aceitou para dançar os sete anos foi esse terno que eu toco hoje.

- Essa promessa quem fez, foram seus pais?

Jorge: Não sei, não sei quem fez.

- E de onde vem a congada?

Jorge: A congada veio da África, né...

- Veio da África?

Jorge: É...

- E a dança?

Jorge: A dança é de quando a rainha libertou os escravo, né...

- É ligada então aos escravos?

Jorge: É, é ligada aos escravos.

- O terno que o senhor ta hoje era de seus pais?

Jorge: Não, era do Benedito Anselmo.

- E o que ele era seu?

Jorge: Era apenas conhecido, foi o terno que me aceitou para cumprir a promessa, né...

- Aí o Seu Benedito Anselmo faleceu e o senhor ficou com o terno?

Jorge: Fiquei, ele me passou o terno na minha mão.

- Qual é o papel do senhor no terno de congo?

Jorge: Meu papel é de capitão.

- Capitão... e o que o capitão faz?

Jorge: O capitão, ele que dirige o congado, essa parte é dele. Tem diversos congados e cada um faz a sua parte.

- O senhor podia me falar um pouquinho sobre o mastro.

Jorge: Sobre o mastro, você quer a subida do mastro ou...

- Tudo.

Jorge: Sobre o mastro. O certo do mastro é no dia que começa a novena, né, mas isso em todo caso a novena começa na sexta-feira, então passou o mastro para o domingo, aqui nós continuamos fazendo o mastro no domingo.

- E o que significa o mastro?

Jorge: O mastro é o símbolo da festa, no momento em que nós fincamos o mastro, a festa está armada.

- O que o senhor me fala sobre o reinado?

Jorge: O reinado é a origem da festa também é a origem da festa. Quer dizer que no momento em que sobe o reinado é a participação de quando começou o congado.

- Quando começou... explica para mim o que é esse reinado.

Jorge: O reinado é a parte que quando a princesa Isabel libertou os escravos, aí os escravos negros juntaram que ela deu o grito, eles juntaram um tanto de latinha, uma bateria umas coisas e saiu para rua cantando, gritando e batendo.

- E nessa época quando eles festejaram, eles elegeram algum rei?

Jorge: Aí já apareceu o rei e a rainha.

- E o congado hoje em dia é igual ao congado que o senhor dançava antes, quando o senhor foi cumprir sua promessa?

Jorge: Não. Nossa congada hoje evoluiu muito numa parte, mas nós, capitão mesmo, esquecemos da parte certa do congado.

- E qual é essa parte certa?

Jorge: A parte certa nossa antigamente era os instrumento, né... era caixa de couro, caixa de corda, hoje evoluiu muito, tem essas pele que a gente poe, mas ela já não é do congado.

- Essas peles, as mudanças da caixa fazem o som ficar diferente? O que muda?

Jorge: Faz ficar diferente, porque a pele ela tira o ritmo né... ela faz muito barulho, um barulho fora do limite. Agora a caixa de couro, não, ela faz um barulho consoante que a gente pode cantar, pode dançar, tudo escuta o que está fazendo.

- E as músicas, de onde vêm as músicas da congada?

Jorge: A congada tem diversas músicas. A música das congadas é a seguinte; conforme que aparece para a gente faz a música e canta. Agora têm as músicas no ritmo da congada, da origem de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia que são os três santos festeiros da congada.

- Quantos membros tem seu terno de congo?

Jorge: Eu estou com cinquenta.

- E as moças?

Jorge: As moças?

- O senhor tem as dançarinas na frente?

Jorge: Tenho, tem a rainha que toma conta da bandeira, e tem as outras meninas que dançam na frente.

- E essa rainha que toma conta da bandeira, ela é escolhida?

Jorge: É escolhida.

- E qual é o papel dela?

- Jorge: O papel dela, no momento que arma a congada, ela vai lá e enfeita a bandeira, veste a roupa dela normal e rainha, na hora que o terno, monta o terno, ela vai na frente do congado na rua.

- Como que é a divisão dos ternos de congo nos dias da festa de São Benedito?

Jorge: A divisão, como?

- Todos os ternos tocam ao mesmo tempo, ou vai fazendo uma escala para ir na festa de São Benedito?

Jorge: Assim que sai a novena, cada dia vão dois, três ternos.

- Como que a associação dos congadeiros ajuda o senhor?

Jorge: A Associação dos Congadeiros sempre que ajuda nós é a prefeitura, ela dá R\$2000,00 esse ano ela deu R\$2500,00 para nós fazer o movimento da festa do congado.

- E sempre teve essa ajuda?

Jorge: Antigamente, não tinha não, essa ajuda apareceu do tempo do Dr. Jorge para cá.

- E como que fazia quando não tinha ajuda da prefeitura?

Jorge: É o negócio que o congado nosso modificou muito é isso aí, porque naquele tempo o capitão ia numa casa, numa loja marcava o pano, os congadeiros cada um ia lá comprava seu pano e mandava fazer é que a gente podia sair, né... Agora, hoje não, o capitão tem que comprar o pano, comprar instrumento, alugar casa, com esses R\$2500,00 que sai.

- E o senhor aluga casa?

Jorge: Alugo todos os anos

- Quem toma conta dessa casa, quem faz comida?

Jorge: Esse ano foi a filha dela [dona da casa] que cozinhou para mim, eu paguei R\$40,00 para ela por dia deu R\$120,00 os três dias.

- Esse dinheiro é suficiente para o senhor montar a congada?

Jorge: Não. Esse ano eu gastei a metade do meu décimo terceiro e ela, metade do décimo terceiro dela.

- Aí o senhor põe o dinheiro do seu bolso?

Jorge: Põe do bolso, intera do bolso.

- Nenhum congadeiro lhe ajuda?

Jorge: Ajuda porque o congadeiro é o seguinte, ele já dança os três dias, ele já tem... tem muito congadeiro que tem família tem quatro cinco filhos, já está lá dançando já quer dizer que não ganha, nada né... Conforme o Zé Ronaldo mesmo, ele dançava comigo e tinha cinco filhos, dançava os três dias de festa ainda precisava de eu ajudar ele porque chegava fim de semana ele não tinha nada para comer, então sempre eu ajudava ele com uma coisinha “pra mode” ele poder manter a semana da frente para até trabalhar e acontece muito isso daí.

- Todos os congadeiros do seu terno são daqui da cidade ou tem algum da roça?

Jorge: Não, meus congadeiros são quase tudo aqui da cidade mesmo de Machado, tem só três congadeiros, tem, não tinha não, tem de Poço Fundo, ele vem todos os anos.

- A festa de São Benedito foi sempre depois da colheita de café?

Jorge: Foi, sempre foi no mês de Agosto.

- E o senhor sabe por que?

Jorge: Ela... o problema dela ser no mês de agosto, é uma época que todo mundo ganha um dinheirinho né... tem o dinheirinho, os fazendeiros já têm a colheita do café também para ajudar, e muita gente que fica fora durante o ano ele deixa para aquela ocasião tirar férias. Os Machadenses, pessoas que vêm, deixam para aquela época.

- Então, sempre a festa de São Benedito foi no mês de agosto?

Jorge: Mês de agosto. Toda vida ela começou dia 14, 21, 22, nessa parte assim.

- Todos que dançam a congada, eles dançam para pagar promessa, como que é?

Jorge: Não. Uns pagam promessa, outros dançam porque gostam né...

- Dança por que gosta?

Jorge: Porque gosta e eu danço congada até hoje pagando promessa que já fez sete anos, depois gostei e continuei, aí o capitão apanho confiança comigo e me entregou o terno na minha mão.

- O senhor pretende passar o terno algum dia para alguém?

Jorge: Não, porque o meu compromisso com ele, no dia que ele estava ruim para morrer foi numa segunda-feira, eu morava na roça, ele mandou me chamar cheguei lá sentei na beira da cama dele ele conversava comigo e puxava o fôlego e começava continuar outra vez, aí ele falou pra mim, O Jorge você toca o terno para mim enquanto o senhor puder, o dia que o senhor não puder mais, o senhor entrega ele lá no altar de São Benedito. O senhor entrega lá, e depois de lá quem quiser tocar toca porque antes disso ele já tinha me entregado o terno, pegou eu e a outra falecida minha e ele, eu na escada lá ele me entregou o terno e eu falei para ele não eu não quero posso tocar o terno na rua para o senhor, mas enquanto o senhor tiver vida deixa no teu nome. E toquei até a ultima hora de vida dele no nome dele. Aí foi a ocasião que ele passou pra mim depois que ele morreu que ele passou pra mim porque aí que eu vou voltar o assunto de novo. Aí ele na segunda-feira me chamou, passou o terno no meu nome para mim senhor Jorge General porque o seu Jorge, lá em baixo, era capitão general, chamou ele também e passou no meu nome e falou pra mim: “o dia que o senhor não aguentar mais, não puder mais, que não tiver jeito, senhor entrega ele lá no altar de São Benedito aonde eu te entreguei a primeira vez”.

- Então, o senhor vai fazer o prometido para ele?

Jorge: Vou fazer, agora, o dia que eu não puder mais, eu chamo duas testemunhas ou três testemunhas e entrego lá nos pés de São Benedito, no altar de São Benedito a minha missão e a missão dele.

- De quando o senhor começou a dançar a congada até o dia de hoje, o que tem diferença no reinado? O reinado é igual?

Jorge: Não, não é igual, não. O reinado antigamente essa... o reinado meu, porque cada capitão tem um reinado, você sabe disso, né? Quando eu comecei a dançar nesse reinado, meu, nós vinha buscar uma coroa aqui no Zé Pedro, já ouviu falar no Zé Pedro?

- Não.

Jorge: Ela morava aqui, nós armava o terno e vinha buscar ela aqui, cada terno tem uma rainha.

- Todos os ternos então buscam uma rainha?

Jorge: Não, não é todos não, não é todos que têm rainha, não é, uns quatro ou cinco terno que têm rainha.

- E esses ternos são escolhidos para ter a rainha?

Jorge: São escolhidos.

- Quem escolhe?

Jorge: Esse já vem vindo de geração e raiz, vem vindo de raiz. Então, por exemplo, eu peguei o terno e, quando eu peguei, já fazia essa parte aí com essa rainha até Sá Benedita morreu, passou para uma netinha dela pequenininha assim, a menina já está uma mocinha e continuou muito tempo, a mãe dela mudou para Taubaté e levou a menina embora, aí a nora dela falou seu João, como é que faz agora? A menina foi embora e a coroa? “Eu falei Põe uma outra aí, arranja uma outra, aí arrumei outra e pus.”

- Mas, dentro da família?

Jorge: Não pode pegar qualquer uma e aí vem vindo até agora e essa coroa hoje está com minha sobrinha, mas eu que comando ela se amanhã ela falar para mim, eu não vou mais, tio, eu tenho que correr e pôr outra rainha no lugar dela.

- Então, quer dizer que o capitão do terno de congo é que é responsável pela coroa?

Jorge: É responsável pela coroa.

- E o que essa coroa significa?

Jorge: Essa coroa significa uma parte do reinado. Ela faz parte do reinado porque já faz parte da libertação do cativo dos negros; então, ela já faz essa parte do reinado.

- No dia do reinado, os ternos vão todos juntos? É por ordem de chegada, eles vão chegando e vão se organizando?

Jorge: Não, vai tudo junto. É uma parte que nós estamos deixando para traz. No dia do reinado, antigamente, saía cada... já não é rainha mais, já é juíza, é o juizado que antigamente falava, juizado. Então cada, por exemplo, a Divina sai de Juíza, então, arrumava bem arrumadinha aqui e vinha um parceiro junto com ela de sombrinha, punha uma banderinha aqui na porta, aqui do lado de fora, o congado vinha passando, já via a banderinha, chegava, cantava, ela já saía com o guarda e nós ia embora.

- E quem arrumava essa juíza?

Jorge: Essa juíza, já tinha o programa juizado, então as pessoas por exemplo tinha uma promessa de ser juíza, então, ia lá e falava, olha, eu vou sair de juíza esse ano.

- As pessoas eram para pagar promessa?

Jorge: Era para pagar promessa, então, já saía. Como eu por exemplo pegava uma vila conforme essa aqui, quando chegava na praça já estava aquele mundel de reinado. Hoje não, hoje modificou, não tem juíza mais, as cartas de juíza acabou, não tem reinado de juíza mais, tem só a rainha, o rei, os festeiros. Agente ia na casa deles buscar eles , a mesma coisa, os festeiros e o rei vão de carro, o congado está acabando.

- Então quer dizer que o congado não busca o rei?

Jorge: Busca, mas o rei sempre é o terno dele que vai buscar ele, mas o congado está acabando, o reinado está acabando.

- E o rei do congo?

Jorge: O rei do congo é o que manda na festa também.

- Qual é o papel dele?

Jorge: O rei é a parte de sair o reinado, que é a parte da hora de sair que a princesa Isabel deu, rebentou a liberdade, surgiu o rei. É a parte que ele faz, ele sai coroadado e o nego batendo caixa, fazendo barulho. É a parte que ele faz, o rei é três autoridades no congado, é o rei, o rei perpétuo, o rei congo. O rei congo é o principal da congada, é o que manda em tudo. O rei

congo se chegar lá e falar esse ano não tem festa, não tem festa. Só ele que manda no congado, não tem presidente, não tem mais ninguém.

- Ele é acima da associação?

Jorge: É ele é acima da associação, acima de nós tudo de nós tudo congadeiro, ele é acima de tudo. Se a associação der uma ordem lá e ele falar não, acabou.

- Os congadeiros respeitam o rei?

Jorge: Respeitam o rei congo. Nós respeitamos o rei congo mais do que a presidente porque a presidente está lá para normalizar, organizar a festa, mas quem manda na festa é o rei congo.

- O senhor e os outros capitães dos outros ternos reúnem com o rei congo?

Jorge: Reúne, toda vez tem reunião lá na sede, né, e reúne todo mundo lá.

- Aí ele dita todas as regras da festa? Conversa?

Jorge: Não, ele até não conversa, não, porque o nosso rei congo ele é meio quieto, né, ele é meio paradão, mas pela regra, que nós conhece do congado, o certo é ele.

- Então, dentro do congado, tem uma hierarquia?

Jorge: Tem, sim, porque nós tem lá o rei perpétuo, o rei congo, o capitão e o general. O capitão e o general que conversa aquela guarda, que comanda aquela guarda.

- A guarda no dia do reinado?

Jorge: É ele é dono da guarda, ele que passa a disciplina para guarda e o capitão e general é o símbolo de tudo, depois do rei perpétuo. Agora o rei congo pode tirar ele; agora, o rei perpétuo ele é efetivo, ele permanece.

- E como que é escolhido?

Jorge: Isso aí o rei congo, por exemplo, é agora está com Vitinho Santana. Isso aí vem de família também, do pai dele, dos irmãos e veio vindo. Santana veio, foi perpétuo por muitos anos, muitos anos, ele foi rei perpétuo, depois, foi passando, veio vindo, veio vindo.

- O senhor sabe sobre a origem da congada em Machado?

Jorge: A origem do congado em Machado é essa que eu estou contando, ela modificou muito, nós já tentamos voltar, mas não volta mais, é difícil de voltar nós estamos tentando voltar por causa dos instrumentos, voltar à origem, as músicas, o estilo de dançar, porque o ritmo do congado não é esse nosso que nós dançamos porque esse ritmo de congado que nós está dançando hoje já passou mais para escola de samba.

- O senhor acha que mudou o ritmo? Misturou?

Jorge: Misturou, passou mais para escola de samba do que congado.

- O que o senhor fala da presença das crianças no congado?

Jorge: Isso aí é uma coisa, quando a Fátima estava por formar aquele terno modelo, eu e ela somos muito amigos desde o pai dela né. Um dia ela me chamou lá em casa e falou “Seu Jorge o que o senhor acha do Terno Modelo? Nós estamos formando um Terno modelo recadando a raiz do congado.” falei “Está muito certo, Fátima, mas no meu ver, eu falei para ela acho que eu sou meio bobo, mas, eu acho que você não está arrecadando a raiz do congado, não. Aí ela falou: Mas por que? Está tudo, os capitão, os homem velho, tudo lá, Aí eu falei: Por isso mesmo para arrecadar a raiz do congado tem que pegar embaixo, pegar as crianças por lá no terno modelo para ensinar, pra amanhã arrecadar a raiz. Ainda brinquei com ela: “A raiz que você está pondo lá é raiz podre.”

- Por que já pegou outros costumes não é?

Jorge: Raiz podre porque eu estou velho, os outros que ela pôs lá já está tudo velho, amanhã nós tudo morre e acabou a raiz, não tem raiz, mas não tem raiz, então é isso que eu falei para ela porque a criança no congado é o símbolo da festa de amanhã .

- E o congado na escola? O que o senhor acha?

Jorge: O congado da escola é um símbolo também de arrecadar a raiz, mas só que tem que já está pegando o ritmo novo, conforme aquele terno do CAIC lá, eu levantei ele lá, mas já os instrumento que a dona Gilmar levou para mim lá já não é um instrumento de congada.

- Não é um instrumento lá de origem?

Jorge: Não, não é, e até as crianças já estava vendo aquele ritmo, ensinei mais ou menos e deixei sair na rua, porque aquele terno do CAIC lá fui eu quem formei ele lá.

ANEXO XVI – Entrevista do congadeiro Antônio Pereira da Silva (o Baiano)

Data: 14 /02/2012

Local: Jerônimo Figueiredo, nº 124

Hora: 14 horas.

Duração: 10 minutos

- Bom tarde, Qual é o nome do senhor?

Antônio - Antônio Pereira da Silva (baiano)

- Qual é a idade do senhor? Sua profissão?

Antônio - Tenho 65 anos. sou pedreiro, mas atualmente ando meio parado devido à doença.

- Qual é o papel do senhor no terno de congada?

Antônio - Sou o capitão da congada e isto me dá satisfação. Toda a minha família dança congada. Venho de família de congadeiro, minhas irmãs sempre se enfiaram na frente do terno, arrumando as roupas, a casa para nois ficar na época da festa. Embora já tenham morrido muita gente de nossa família, eu e meus companheiros tocamos o terno adiante. Não é uma facilidade, com a graça de São Benedito e Nossa Senhora e Santa Efigênia. Ser capitão é ter muita responsabilidade com o grupo, cuidar de arrumar a casa para o ranchamento, os ensaios e as apresentações, principalmente nos dias da festa de São Benedito.

- Quando o senhor começou a participar do terno de congada?

Antônio - Desde menino, incentivado pelas pessoas mais velhas, que dançavam na congada, venho de família de congadeiros, minhas irmãs sempre ajudavam a enfeitar as fardas, as bandeiras, dançavam na fita, infelizmente o povo vai acabando, e os jovens vão tomando o lugar e, graças a Deus, entra um do terno, sai outro. No nosso terno, sempre temos bastante crianças, as crianças aumentam o terno, vão aprendendo a tocar os instrumentos. Começam com as caixinhas pequenas e vão indo.

- Relate-nos sobre sua trajetória de vida no terno de congo.

Antônio - Comecei a participar da congada garoto tocando viola; depois de anos, me tornei capitão por causa da afinidade com meus companheiros e por ser um dos mais velhos da turma. Sou capitão do meu terno, já fui guarda de São Benedito. A congada é minha vida, faço parte da Casa dos Congadeiros e ajudei o professor José Vitor a criar o termo de Demonstração pois gosto muito, vivi até hoje mexendo com a congada, tenho minha mulher e meus filhos que também me ajudam, meus netos dançam também.

- O senhor colaborou com a formação do terno de congo infanto-juvenil de São Benedito, criado a partir do Projeto “O Folclore e a Festa de São Benedito”, da Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, da cidade de Machado (MG)?

Antônio - Quando fui procurado pelas professoras da Escola Paulina Rigotti De Castro, me senti muito honrado, mas sempre achava que dançar congo era fácil e explicava tudo para a Dona Cida. Eu ensinei ela a dançar, falei sobre os instrumentos, como eles tinham que fazer quando o congado passasse nas esquinas e alertei a professora quanto às coisas que a congada traz, como feitiço, mau olhado, segundo os mais velhos. Acabei indo na escola e outros congadeiros também foram. Naquele dia, percebi o interesse dos professores e dos alunos, pena que por causa da correria da vida não pude me dedicar mais. Nois fizemos tudo o que estava no nosso alcance para ajudar a professora, deixamos o terno de a escola sair junto com o nosso. As meninas que dançam na fita foram na escola ensinar os passos para as crianças. Os jovens que quiseram foram ajudar as crianças a bater, eles aprendem rápido. Moça, posso falar para senhora que deu tudo certo no final.

ANEXO XVII – Entrevista do professor e pesquisador José Vitor da Silva

Data: 20/12/2011

Local: Avenida Ricardo Anoni Filho, nº 240

Hora: 15h30 minutos.

Duração: 25 minutos

- Qual o seu nome?

José Vitor: José Vitor da Silva

- Qual é a sua profissão? E qual é o cargo que o senhor exerceu na casa dos congadeiros?

José Vitor: Bom, minha profissão, eu sou primeiramente, eu sou professor. A profissão que eu escolhi para exercer a minha vocação, eu sou professor. E também sou jornalista, registrado, aqui na Folha, eu exerço a profissão de jornalista. Então eu sou professor e jornalista. Na casa dos congadeiros fui, presidente e colaborador.

- E qual é o seu contato com as congadas?

José Vitor: As congadas, eu posso dizer, primeiramente, que eu sempre fui um apaixonado pela congada. Para ser um apaixonado pelas congadas, não é preciso, necessariamente, que você tenha sido ou seja congadeiro. Você pode ser um apaixonado pelas congadas sem ser congadeiro.

- O Senhor vem de uma família de congadeiros? Seu pai, alguém da sua família, foi congadeiro?

José Vitor: Não. Mas todos nós da minha família sempre demonstramos muita afinidade com a congada, com a música, meu pai gostava muito de música, era gaitista, meu pai tinha essa vocação musical. Mas como eu estava iniciando essa fala... Quando criança, eu gostava muito de participar dos ensaios de congada do terno do rosário, eu participei, eu gostava, eu não saía em nenhuma festa, mas eu gostava de participar dos ensaios do terno do rosário, menino mesmo. Eu fui criado naquela região da igreja de São Benedito, minha família morava ali. E eu sempre tive muito gosto pela congada, tanto é que eu cheguei a ter o meu próprio

instrumento, naquele tempo, os negros da congada, eles mesmos faziam seus instrumentos. Os instrumentos de percussão eram feitos pelos próprios congadeiros. E, como criança, as crianças que acompanhavam a congada, eu também cheguei algum tempo a acompanhar a congada, não em festa, meus pais não iam à festa de São Benedito, mas eu gostava de participar dos ensaios, ver os ensaios. Então, eu diria que esse foi meu primeiro contato com a congada, de criança. Para ser um apaixonado pela congada, eu repito, não há necessariamente que você seja congadeiro ou congadeira. O importante é o gosto e a afinidade que você tem com aquela instituição, com aquela manifestação cultural. Mas a minha relação com a congada como você pergunta... Eu sou fundador da Associação dos Congadeiros. Sou co-fundador, mais precisamente co-fundador da associação dos congadeiros, ou seja, sou um dos que ajudaram a fundar a associação os congadeiros, criar a associação dos congadeiros, no ano de 1981. Muito antes disso nós já tínhamos um trabalho dedicado à congada. Nós, aqui do grupo de pessoas da Associação dos Congadeiros, eu, Pedro Ribeiro da Silva nosso saudoso Pedro Severo, exerceu um grande trabalho junto à Associação dos Congadeiros, no começo dessa associação, e Maria Dulcinéia que foi uma incentivadora das congadas quando ele chegou em Machado em 1965. Vejam bem, a nossa motivação pela congada, ela está aberta aos problemas. Nós não somos, hoje, como a gente vê assim, numa situação, uma certa confusão que estão criando na Associação dos Congadeiros, natural, criando uma certa confusão, estão querendo confundir as pessoas, procurando divertir as pessoas que por lá passaram e que por lá deixaram história... A nossa história, não imagino nossa, porque não falo só em meu nome não, falo em nome de Pedro Severo, falecido, falo em nome da diretoria da casa dos congadeiros que está aí, falo em nome do Carlos Alberto Pereira Dias, o ex-prefeito que foi um batalhador, junto com esse grupo... Nós, desse grupo, trabalhamos muito pelas congadas de Machado. E o meu papel dentro dessa instituição, foi de ser desde o início, desde o primeiro pensamento que se teve de criar uma associação, eu participei dele. Nós não tínhamos associação, as congadas não tinham um local para se reunir. Nós pensamos em uma associação que pudesse ser a casa de referência, e a casa abrigo, casa apoio aos congadeiros. Isso foi muito antes de 1980.

- Professor, esse apoio aos congadeiros, a associação, então, o objetivo dela era apoiar os congadeiros?

José Vitor: Era e é. Pode estar desvirtuado esse objetivo. Era e é o que continuar sendo. Então, a minha ligação com a associação foi essa, de participar da fundação da associação, da criação da associação. Eu que conduzi a construção da sede dos congadeiros, eu que liderei o trabalho

de construção, quando aquilo lá era um pasto, eu conduzi os mutirões para nós erguermos a sede, mas, antes de erguer a sede física, nós erguemos primeiro nossa ideia, nosso objetivo, nós construímos nosso objetivo, construímos nosso ideal, sonhamos com uma ideia e, depois, começamos a construção física, para materializar o nosso sonho, o nosso objetivo. Então, eu participei desse trabalho desde a fundação da instituição e fui o terceiro presidente.

- E, em uma das vezes que o senhor foi presidente na casa dos congadeiros, por que não foi só numa gestão. Foi na sua gestão que ocorreram os cursos. E esses cursos? Qual era a finalidade desses cursos?

José Vitor: Nessa gestão... Eu acho muito interessante o trabalho que a senhora... Eu gostaria, professora Jussara, de pontuar algumas coisas para chegar aí porque senão talvez atropelássemos essa história, quando você pergunta da gestão... Nessa gestão, eu era presidente do conselho deliberativo, essa gestão foi da Maria de Fátima de Jesus Graciano Paula, essa gestão foi dela. Mas eu vou então rapidamente historiar para vocês. Diríamos, assim, a minha gestão de presidente, eu fui terceiro presidente, Pedro Ribeiro da Silva - primeiro presidente, Ceila Caproni foi segunda e eu fui o terceiro. Só que desde a primeira diretoria, eu era o assessor da diretoria, ou seja, era o diretor executivo, eu que na verdade conduzia, porque o presidente morava em Brasília e eu que realmente conduzia. mas aí nós tivemos 3 gestões, Pedro Ribeiro, Ceila Caproni e eu, mas depois, isso nos anos 1980 e 1990, nós revezamos os cargos. No final dos anos 1990, 1998, 1999, a associação passou por uma crise, eu vou chegar a esse ponto que você perguntou, ela passou por uma crise de identidade. Eu, saindo da presidência, no terceiro mandato da Associação, eu saindo da presidência, por volta do ano 1997, 1998, os congadeiros queriam que eu continuasse como presidente, eu disse não, eu vou continuar com vocês mas não como presidente, eu já fiz o meu trabalho de presidente, eu quero continuar ajudando vocês, apoiando os congadeiros, mas é preciso mexermos isso, eu já queria que vocês fossem pensando que ninguém pode ficar aqui se perpetuando, perpetuar, se eternizar nos cargos. Então, eu tinha exercido já dois mandatos então saímos à procura de um presidente. E eu apoiei o Maércio, que foi, eu não vou falar o nome dele porque o fato que vai importar nessa história. Com a entrada do Maércio que foi meu sucessor e foi até preparado por mim, os congadeiros queriam que eu ficasse e eu disse, vou estar com vocês, porém vamos montar nova diretoria. O Maércio, numa infelicidade e por falta de conhecimento do seus verdadeiros objetivos da associação, transformou a Associação numa casa de forró, "Forró do Maércio". Desvirtuou por completo o espírito da Associação dos Congadeiros. Aí o que acontece? A Associação perdeu as suas experiências. Isso são

fatos, nada acontece por acaso no mundo, essa mudança, esse prejuízo, aparente prejuízo que a Associação teve, redundou num grande benefício. Foi quando eu tive de ir a justiça para retomar à associação para os congadeiros. Isso foi no ano 2000, 1999 para 2000. Passei a reunir os congadeiros na Liga Operária. Lembram disso?

- Lembro.

José Vitor: Levei os congadeiros para a Liga Operária. Como eles não tinham mais a sede como casa de encontro, casa de debates, de discussões, levei os congadeiros para a Liga Operária. Aparentemente, passaram a existir duas associações. A associação de direito, que era lá mesmo, devido ao estatuto, e uma associação de fato que foi esse grupo que eu levei para a Liga Operária. E lá eu fui trabalhando os congadeiros, a consciência dos congadeiros, que eles precisavam reaver seu patrimônio cultural, seu patrimônio histórico que era a associação que nós criamos, que nós fundamos. Motivei os congadeiros para criar um terno. Então, reunindo na liga operária, criamos um grupo que chamou-se "Núcleo dos Congadeiros de Machado".

- Professor, esse núcleo, fazia parte os congadeiros mais velhos que faziam parte já da Associação dos Congadeiros?

José Vitor: Sim. Todos. Todos eles. Como eu exercia um trabalho de liderança por ser um dos fundadores, eu que fiz o estatuto da Associação, eu que registrei o estatuto da Associação, o cônego Walter colaborou para esse estatuto, ele teve uma participação muito grande, mas quem/o trabalho de elaboração foi meu, o registro do estatuto. Então, como existia esse vínculo forte junto com os congadeiros, esses congadeiros mais velhos, todos nos acompanharam para a Liga Operária. A liga vai fazer 100 anos o ano que vem... Ela contribuiu para restaurar a história dos congadeiros. Lá na Liga Operária os congadeiros, Senhor Tobias, Walter, Antônio Baiano, José Pedro, Seu Domingos, todos aqueles mais velhos nos acompanharam e aí fomos para a Liga Operária. Esses (longos anos), olha aí, a coragem que nós tivemos. (incompreensível) de associação de direito e passamos a ter uma associação de fato, que é essa da liga dá/mais sem personalidade jurídica.

- Por que a personalidade jurídica estava...

José Vitor: Mas aí, Maércio era presidente, ele era presidente. E que fizemos? Eu passei, eu denominei um grupo de Núcleo dos Congadeiros de Machado. (Dei o nome, sentamos), quando eu percebi que estavam motivados, falei: - Vamos criar um terno para ser um terno de

referência, um terno que vai resgatar a verdadeira origem da congada, um terno que vai trabalhar instrumentos que são da congada de fato, e vocês é que vão fazer os instrumentos.

- Esse resgate é por que o senhor observou que os instrumentos já estavam bastante modificados?

José Vitor: Modificados. Instrumentos que estavam sendo introduzidos na congada que não faziam parte da congada... Pode até ficar na congada, não tem importância... Mas é importante que você tenha um grupo de referência - Olha a congada verdadeira é isso aqui, mas é preciso que se tenha uma que seja referência da verdadeira congada.

- E como foi montar, pra tirar os elementos desse terno, dos outros ternos? Que eles saíram dos outros ternos...

José Vitor: Interessante sua pergunta... Quanto à motivação que nós criamos na Liga Operária... lá tem sido um lugar muito acolhedor para nós, quando eu lembro dessa história, eu fico com muita emoção, com muita saudade até que foi muito bom esse tempo aí. Nós então/isso foi um movimento de uns 3,4,5 6 meses, não chegou a um ano. Mas aí os congadeiros motivados, eu disse a eles: - Vamos criar um terno que seja um terno de referência, de origem, que volte às origens. Sabe onde nós começamos a montar o terno? No ginásio poliesportivo e lá que nós fazíamos os ensaios. E os ensaios (nós íamos até lá). Eu marcava os ensaios no ginásio de fora, do poliesportivo esportivo, para treinar os congadeiros, tinha mais espaço para o pessoal dançar, e lá é que nasceu o terno, a ideia nasceu, mas lá foi o ponto dos ensaios. Convidei os congadeiros... Como? Eu disse aos congadeiros: - Gostaria que esse terno tivesse dois congadeiros de cada terno, vocês vão escolher - os capitães estavam todos comigo - vocês vão escolher dois congadeiros dos melhores de vocês. Por que dos melhores? Os mais experientes. Por que os mais experientes? Porque seria um terno para ser (deles). Por isso eu escolhi aqueles, que nos olhos de seus capitães, são os melhores. Aí seria um terno realmente representativo. Porque que esse terno/isso foi feito com muito cuidado porque podia gerar muito ciúmes. Os congadeiros têm muito ciúme entre eles, você sabe disso, eles são muito ciumentos, tem muitos que prezam muito as coisas deles e é natural isso, o ciúme é uma forma assim de você demonstrar que gosta demais (incompreensível) e gosta. Então eu disse: - Vocês vão me trazer dois. E cada capitão me indicou dois, olhe bem...

- E a escolha do capitão desse terno de demonstração? Como que foi feita?

José Vitor: Vou explicar. A escolha do/eu já tinha na minha memória uma ideia, eu já conhecia todos os capitães, conhecia muito bem, os capitães todos. Então, eu tinha uma ideia de qual era o capitão, sem desprezar nenhum deles, qual era mais criativo, qual era mais assim diríamos que estava em melhor condição de realmente conduzir aquele terno e dar a dinâmica que aquele terno tanto precisava. Eu escolhi o Antonio Baiano. Porque a família dos Baianos, os (congados) são chamados de baianos, está ligada ao terno dos Felícios, (sendo o terno dos Felício) (incompreensível) os ternos dos Felícios. Naquele tempo, o Baiano tinha aquela história (incompreensível) então Antonio Baiano você vai ser o capitão da gente. Mas ele ajudou na ideia. A ideia não foi só minha, não. Eu lancei a ideia, mas ele falou assim (“vamos juntos organizar o terno então”). Poxa vida, no trabalho, ele foi quem esteve mais assim próximo da ideia com a gente. Ele trabalhou comigo e começamos a fazer ensaios. [Senhor Tobias] teve uma participação decisiva. O seu Tobias que emprestava os instrumentos porque eu não aceitava, essas caixas metalizadas, não aceitava. Então, primeiro organizei grupos, dei instrução para um grupo. Tinha reuniões que eram uma vez a cada 15, 20 dias porque qualquer coisa que mude dinâmico para o pessoal ficar ligado à ideia. Os ensaios aos finais de semana, à noite. Então os primeiros ensaios eram aulas dadas pelos mais experientes. Eu gosto de coisa bonita. Os congadeiros dançam bonito, coisa nobre, coisa bonita. Vocês têm/eu comecei a dar instruções sobre passos. Os passos, vamos criar um terno, tem que ter passos iguais. Vamos criar um terno que só toque para os outros, cada um tem que ter a marcha de tocar com gosto. A vestimenta desse terno tem que ser igual. Ninguém/quando alguém observar vocês, a televisão chegar, a televisão mostra os pés. Vocês já viram isso? A televisão gosta de mostrar os pés. (Eu disse a todo mundo) a televisão vai pegar vocês da cabeça aos pés. (Vocês têm que estar igualzinho. Pode ser autêntico e mostrar) (incompreensível) (e mantêm isso) (incompreensível) não é só vocês cantarem, vocês têm que estar bonitos, vocês são artistas. Não é só cantar. Eu quero ver vocês terem ordem, disciplina. (E comei a lidar). Então, a uniformidade foi motivo de várias discussões também. A forma de dançar foi motivo de várias discussões. Aí, sim, parti para o ensaio efetivo. Como? Os instrumento de percussão, eu me encarreguei de arrumar. Instrumentos de corda, eles trouxeram os deles, banjo, violão, cavaquinho... Reco-reco? Só sendo de madeira.

- Que é o lá das origens da congada.

José Vitor: Aí, começamos o ensaio. Seu Tobias, todo domingo, o terno ensaiava todo domingo, eu ia lá na vila, sabe onde é o Bom Jesus? Seu Tobias morava lá. Seu Tobias morava lá no bom Jesus. Era uma casinha modesta. Eu ia lá com o meu carro, olha bem como

é que foi a história, eu ia lá com o meu carro, seu Tobias me emprestava as caixas, ele falava “o senhor pode escolher as caixas aqui”. Ele tinha muitos instrumentos, e tinha as caixas, no meio tinha aquelas caixas antigas dele, de corda. Dei instrução, que dizer, só aceitamos caixa na corda.

- E o terno do seu Tobias era o que mais se aproximava das congadas de origem?

José Vitor: Era. Era o dele. Depois acabou/hoje (tem um terninho, mas já tem muitos senhor que não deveria estar). Mas o terno dele era. Tanto é que ele recebeu o prêmio por várias vezes na praça de São Benedito. Foi implantado um sistema de premiação por item. Qual terno que apresentou melhor uniforme, terno que apresentou melhor batida de caixa, melhor cantoria, (excelente) cantoria, terno que tem o melhor congo, apresenta o melhor congo. E ele que emprestava essas coisas. Isso foi por várias vezes que ele emprestou isso aí. Eu ia buscar e devolvia. Os ensaios eram com o estímulo dele. Até que eu pude ir a Alfenas e comprar do bolso as primeiras caixas, mas fabricadas com a ajuda de um artesão em Alfenas, eu fui lá e comprei. Com dinheiro meu. E dei para o terno. Aí, começamos a liberar os instrumentos do seu Tobias. Caixa de corda. Até que depois que entrou Fátima, demos cursos lá dentro. Trouxemos o chefe dos Arturos, de Belo Horizonte, do congada dos Arturos, que tem a técnica de fabricação de instrumentos de caixa de corda. Lembra quando você falou dos cursos? Naqueles vários cursos, tivemos um curso só para a fabricação de instrumentos de percussão.

- Então os cursos foram pra ajudar os congadeiros a melhorar os instrumentos da congada, a resgatar a origem?

José Vitor: Também. Porque havia vários cursos. Então, a história do terno (da associação) foi assim. A história do núcleo (foi assim). Até que Maércio desistiu de ser/para não perder a associação, que ele percebeu que estava perdendo o conteúdo da Associação... Porque a Associação estava reunida na Liga Operária e ele não tinha mais Associação, não. Ele foi à justiça. Ele foi. Doutor Augusto (Bravo) comentou isso. Doutor Augusto me chamou “Professor, tem um assunto contra o senhor.”. Era dos congadeiros, da Associação dos Congadeiros. “Tem um tal de núcleo...”. Aí eu falei: - Esse núcleo eu que organizei (incompreensível) para tentar resgatar a congada deles (porque a congada sem a Associação está desertada). Doutor Augusto fez uma coisa inédita. Ele pegou, ouviu, eu dei a explicação, ele ouviu e (incompreensível). Como é que ia demandar uma Associação sem ter personalidade, o representante da Associação não tinha personalidade. Aí que é a história.

“Mas é assim que está tratando? E o núcleo, como é que existe o núcleo? Ele ouviu algum (senador chamando). (Ele falou “Desce”). Ele disse tal, tal, tal, sobre mexer com o núcleo, tal, tal, tal “defiro favorável à retomada da Associação dos Congadeiros pelo presidente do Núcleo, professor José Vitor, que vai em tanto tempo promover nova eleição para a associação.”.

- Aí que retomaram a sede?

José Vitor: Aí que eles/a Fátima, eu já passei a coordenação para a Fátima antes da demanda:  
 - Fátima, você vai nos acompanhar e eu estou preparando você para ser presidente da Associação. Eu já (entendia) que nós íamos ganhar, eu falei: - Nós vamos ganhar essa eleição. Aí nos definimos, seguir o estatuto dentro da lei. E a Fátima, eu já apresentava a Fátima como a nova diretora, lá na liga operária votar na Fátima. Veja bem, lá pela eleição da Associação e quem ganhou foi a Fátima. Aí, com a entrada da Fátima, a Fátima supermotivada, com Terno de Demonstração, o Terno, a primeira apresentação do terno, sabe onde foi? Em Belo Horizonte. Fabiano deu um apoio extraordinário. Fabiano (estava/Roberto era presidente e prefeito). Deu apoio e surgiu o convite para levar um grupo de Machado para fazer abertura de uma feira, a feira estadual de Miracema, chamaram esse Terno. Eu tenho as fotos . Aí fomos para a primeira apresentação do Terno (foi por minha conta). A Fátima foi eleita presidente, retomamos a Associação. O material da Associação que o Maércio deixou tudo perdido, eu trouxe tudo para cá para esse quarto da Folha, trouxemos fotografias, cartazes, livros, que o Maércio pegou o material e jogou tudo em cima do forro, jogou tudo lá. Acabou com o museu da congada, tinha um museu (incompreensível). Acabou com tudo. Recuperamos aquilo, tudo aquilo. Quando retomamos a Associação, que quando eu decidi fazer um arquivo, fui trazendo pra cá. O (Edelsio) “Vai, vamo levar tudo. Vamos salvar isso.” Trouxeram tudo pra cá. Aí depois que a Fatima (recolheu), assumiu/levamos, reorganizamos tudo. Aí a (Fadena) junto da gente, a (Fadena) armou os cursos, a Fátima fez um projeto, curso de costureira, corte e costura, curso de eletricista, curso de pedreiro, curso de informática, (um punhado de coisas), e curso de confecção de instrumentos de (corda).

- E com esses cursos aí...

José Vitor: (incompreensível) a Tenda.

- A Tenda.

José Vitor: (incompreensível) terminou. Aí a Fátima conseguiu aprovar um projeto Petrobrás que até hoje causa inveja. (incompreensível)

- Professor, com o projeto Petrobrás, ele trouxe melhorias para a congada de Machado?

José Vitor: Inúmeras. Inúmeras. Graças ao projeto Petrobrás, montamos um arquivo com tudo dos congadeiros. Uma das melhorias...

- Certo.

José Vitor: Certo?

- É a consequência do projeto/isso daí foi... uma das conclusões... do projeto foi a revista, o senhor pensa em editar novos números?

José Vitor: Sim. Vou editar novos números.

- Mesmo não fazendo parte da Associação?

José Vitor: Vou porque na verdade, a edição foi nossa.

- Da Folha não é?

José Vitor: Da Folha. Nós que editamos, os responsáveis foi (incompreensível). Estamos pra editar. Mas isso eu até preferia que você não divulgasse.

- Tudo bem.

José Vitor: Não divulgar porque hoje como está a diretoria lá não convém divulgar. É realmente (com pensamento em nós) porque nós que criamos a revista. Foi criação nossa.

- Não, porque, o que nós estamos conversando aqui, vai para o meu projeto de pesquisa, a que depois o senhor terá acesso.

José Vitor: Gostaria que você não colocasse a questão de reedição de revista.

- Tudo bem.

José Vitor: Então, veja bem, a revista, aí você perguntou, foi edição da Folha. O projeto Petrobrás foi assim, a Fadema deu o primeiro apoio. Quem deu o primeiro apoio foi a Fadema, que ela bancou a maioria dos cursos. Depois veio o projeto Petrobrás, que deu continuidade aos cursos e abrindo/que foi inúmeros cursos. A Fátima coordenou e todos os

dias tinham curso. Aí foi porque a Fadema veio com os primeiros cursos, depois os outros cursos. Eu não sei dizer aí qual é o curso tal, curso tal, não sei. Não vou saber nominar agora, tem que ver aí. Aí com a Petrobrás melhorou, aumentaram os cursos. Modificou a Tenda, que a Tenda ela surgiu muito modesta. A Tenda é uma ideia que a Fátima teve “Vamos expor aqui, professor, as fotos dos congadeiros antigos, vamos expor.”. A tenda surgiu num cantinho. Não era no meio, não. Lembra onde foi a primeira Tenda?

- Não.

José Vitor: Sabe ali, quando você entra na praça de São Benedito? Vindo da rua (Airton Rodrigues ) à esquerda?

- Perto da escada?

José Vitor: Perto da escada. Era ali. Nós montamos uma barraquinha ali e pusemos um mural pra expor as fotografias. E o sucesso foi tão grande que todo mundo queria colocar, “Ah, eu tenho foto do meu Chico, eu tenho foto do meu avô, tenho foto do meu terno...”. Ai o pessoal trazia as fotos. Era uma coisinha pequena. Aí com a Petrobrás... aí reestruturou a Tenda. Reestruturou a Tenda.

- E com a tenda pode mostrar à população o valor...

José Vitor: O valor, a história, o valor que a Tenda/hoje infelizmente já está esvaziada... A Tenda é para mostrar o quê? Nos primeiros anos da Tenda o que é que nós mostramos... Quando a Petrobrás deu esse apoio, uma verba de oitenta mil, não foi muito, mas na época serviu muito. Aí nós pudemos ampliar a tenda, caixa ampliou de tamanho, precisa ampliar, escrever a história, comprar material, que não tinha dinheiro, a gente não tinha dinheiro. Que naquele tempo era, a festa era feita (sobre uma dificuldade, não tínhamos nada. A primeira Tenda foi trabalho nosso aquilo lá. A Petrobrás permitiu que comprasse nossos materiais, ampliasse a Tenda e divulgasse. Então, assim, ainda cresceu de tamanho, pode olhar, ler na revista, a Tenda foi reestruturada no projeto Petrobrás.

- Então o objetivo da Tenda do congadeiro é para divulgar a congada, a história da congada?

José Vitor: Divulgar a história da congada. E a cada ano a Tenda deve ter o empenho. Cada ano tem um tema. A Fátima estabeleceu. Ela, e a Márcia de Paula, sempre acompanhou, e a Renata Marinelli que ajudou demais da conta, teve muitas ideias. A Renata foi muito prestativa na associação. Renata, Fátima e Márcia, elas mostraram o trabalho delas. A Tenda

foi muito rica. Teve um ano, para você ver, em média, a Tenda contava em painéis a história da Associação, contou em painéis a história da congada em Machado. Então, a pessoa chegava lá, com painéis em pintura, com letras grandes e a pessoa lia, como é que foi. A pessoa tinha uma noção ampla da história da congada. Cada ano uma história. Teve um ano que foi uma homenagem aos velhos capitães ... Então era assim. A Tenda era uma coisa muito dinâmica. Hoje, infelizmente, vocês chegaram, não tem nada, não tem nada. Então nós já somos/estamos sendo criticados por essa diretoria aí, que tem medo que eu volte a ser presidente, não sei o quê, não sei o quê. Não. Nós queremos trabalhar pela Associação que nós criamos. Quer dizer, se eu sou um dos criadores da Associação, vou querer acabar com a Associação?

- De jeito nenhum.

José Vitor: E vem falar uma bobagem dessas?

- Professor, e com todo esse percurso, com a congada, com toda essa dedicação, com tudo, como que o senhor vê a congada mirim? Ela dentro da escola?

José Vitor: Com muito bons olhos. A congada mirim, foi assim, foi muito feliz a ideia da congada mirim. Porque, veja bem, cada terno você sabe que é uma escola. Tanto é que no terno você vê crianças. Você vê os velhos, vê os adultos e vê as crianças. As crianças, na verdade, em toda nossa história, a criança é o futuro. É o futuro do país, é o futuro da associação, é o futuro da empresa. Os jovens são o futuro. Então a criança, na congada, ela é história. Ela vai perpetuar e (qualificar primeiro) ali. Mas a escola tem papel mais importante, que a escola tem o poder de educar mesmo. A escola tem o poder de educar. A escola tem o poder de transformar. Então, a congada mirim foi um projeto, foi ideia muito boa. Agora, precisa, eu acho que o problema que existe na congada mirim na escola é a falta de pessoas, não diria competentes, mas pessoas vocacionadas, corretamente preparadas para fazer a congada mirim de verdade. Porque tenho visto congada mirim que tem muito barulho e tem muita (incompreensível) e tá desvirtuada. Você põe o Terno de Demonstração e observa. Observa o Terno de Demonstração e a congada mirim. (Então, às vezes, estamos próximos da reta da raiz mesmo). Que eu falei com o Paulinho, eu já falei com o diretor Paulo: - “Você tem que colocar instrumentos de percussão, você tem que tirar as caixas”. A escola tem esse poder de educar. Que na congada atual a criança entra na frente para (aprender). Lá não tem aula. Ela aprende pela experiência dos outros, então aprende assim. A escola educa, fala. Você pode dar aula sobre congadas, pode e deve dar aula. Eu vou te mostrar (um artigo agora

mesmo) do tempo da congada antes. (faz 30 anos). Nós apresentamos em Belo Horizonte na apresentação do primeiro livro que uma professora lançou, foi uma festa lá, em Montes Claros. Vou te dar a cópia do artigo para você levar.

- Professor, eu agradeço a sua colaboração.

José Vitor: Eu não sei se eu respondi todas as suas perguntas...

- Respondeu. Eu agradeço a sua colaboração e espero contar com a sua ajuda. Muito obrigada.

José Vitor: Eu só queria complementar que a escola aí, a escola precisa ter os próprios professores buscando as informações corretas e ter uma pessoa da congada direto para transmitir as informações e ensinar de fato a congada. Porque nem todo congadeiro está preparado pra ensinar. Sabe disso?

- Sei. Então a sua fala aí é resgatar os instrumentos de origem, a congada lá da origem?

José Vitor: O mais próximo, é claro, você não vai conseguir... O mais próximo possível da realidade. Não importa que você tenha um instrumento que não seja original de congada, mas que seja explicado.

ANEXO XVIII – Entrevista da professora e pesquisadora Ceila Caproni Gonçalves

Data: 21/12/2011

Local: Rua Joaquim Antônio de Moura nº 169

Hora: 16 horas.

Duração: 33 minutos

- Boa Tarde. Qual o seu nome?

Ceila: O nome todo é Ceila Caproni Gonçalves. O Caproni do meu pai e o Gonçalves do meu esposo.

- E qual a sua profissão?

Ceila: Eu sou professora aposentada. Eu fui professora primária no primeiro tempo, fui diretora de escola e fui professora por trinta anos no instituto de Machado, a FEM mais popularmente. E estou aposentada.

- E de onde surgiu o seu interesse pelas congadas?

Ceila: Eu sempre gostei muito, mas quando fiz meu curso de pós-graduação em estudos sociais, nós tivemos um professor fabuloso que veio e nos incentivou muito pra descobrir as coisas boas da terra de Machado, a nossa terra. E eu achei por bem fazer a minha monografia baseada nas congadas, porque nós estávamos estudando o produto de Machado que era o café, então a origem das congadas de Machado vem juntamente com o café. Porque se nós não tivéssemos aqui tantos escravos, não teria começado também esse período de congadas. Foi muito gratificante mesmo a nossa pesquisa e o trabalho que a gente fez. Talvez um trabalho tão bom porque diz assim, primeiro a gente aprende a engatinhar depois que a gente aprende a andar. A gente, quando fez o trabalho, deixou em aberto para outras pessoas que quisessem podiam continuar, como estou com esperança que você venha fazer isso. Essa continuidade desse trabalho.

- Com certeza farei. E como que a senhora início a sua pesquisa.? Quais pontos a senhor procurou? Onde a senhora foi para saber sobre a congada?

Ceila: O primeiro passo nosso foi ver fotografias, porque o nosso vigário que estava na cidade na ocasião, o cônego Walter Maria, tinha coleções e mais coleções de fotografias, então nós fomos ver as fotografias. Mas, depois, nós partimos para fazer uma entrevista com o rei congo. E foi muito difícil, porque ele era uma pessoa difícil, assim, quase 100 anos de idade, não gostava de nos receber e por meio de um filho dele nós conseguimos fazer uma entrevista com ele, para contar pra nós o que acontecia com as congadas. Porque que era rei de congo? Ele contava, assim, histórias ligadas realmente à história que veio da África, pra gente, do rei congo, mas falou pouco e deixou a gente no ar. Então parti para fazer na festa de São Benedito, que já acontecia há muitos anos em Machado, eu parti para fazer gravações. Então eu ia perto dos ternos com o meu gravadorzinho lá, ouvia. Tinha muito coisa que a gente nem entendia porque eles cantam coisas espontâneas. Então, fiz uma coletânea de fitas (vídeo) cassete gravadas, e depois eu tentei passar para o papel algumas delas. Aí que é que eu fiz, eu falei, eu vou implantar na próxima festa, eu vou implantar um concurso de músicas das congadas, eu já tinha um tanto em casa, aí eu falei, ah, eu vou tentar. Tentei mas não tive sucesso. Não houve boa vontade por parte dos ternos de congada.

- A senhora não acha que eles são muito tímidos? Eu também estou tendo muita dificuldade nas minhas entrevistas.

Ceila: São tímidos e desconfiados. Assim, não é a origem, porque a escravatura, há quantos anos já foi feita a abolição da escravatura? Mas eles são assim desconfiados, achando que a gente vai querer alguma coisa em troca, não é? Então é assim difícil essa pesquisa. Então eu te dou parabéns por você está fazendo esse trabalho.

- É eu estou engatinhando. Vou fazendo, vou conversando, vou um dia faço visita e no outro eu faço a entrevista e assim eu vou indo. E quanto a sua revista?

Ceila: A revista não fiz sozinha. Eram grupos de 4 e a nossa acabou ficando 3 e a nossa terceira desistiu. Uma colega não quis fazer junto. Foi bom ser descentralizado porque uma fazia pesquisa assim o que é realmente o folclore, para poder nós caminharmos no nosso trabalho. E eu fiquei com a parte mais, como eu estava te contando, com essa parte de contato. Porque eu tenho muita amizade e devido ao meu cargo, que eu ocupava como diretora da escola, eu tinha acesso a muitos pais que eram congadeiros. Então nós pensamos assim, então nós vamos fazer sobre as congadas, nós decidimos isso com o professor Sodero, que ele era lá de... perto de Aparecida do Norte, eu esqueci o nome da cidade. Que era o nosso instrutor do curso de pós-graduação e depois ele ficou também dirigindo o nosso trabalho, e ele achou

muito boa a nossa ideia. A ideia nossa era assim iniciar um trabalho, como eu disse agora pouco que podia ter continuidade. E fomos fazer por intermédio desses congadeiros a nossa pesquisa. Mas eu, desde criança, eu sou apaixonada pelas congadas. Eu sinto ter perdido uma fotografia minha aos 3 anos que eu fui juíza. Então meu pai mandou buscar uma roupa no Rio de Janeiro que ele não queria ninguém igual a minha roupa. Eu tinha um retrato. Até quando eu vim para o colégio, eu tinha esse retrato, eu de juíza menininha...

- Mas essa parte da juíza a gente não vê hoje em dia na congada. Por que, qual é a diferença?

Ceila: Eu já tentei porque/a embaixada era feita/hoje ainda tem o rei congo, a rainha, as princesas, que sai até no programa. E tem aquele segundo dia depois da festa religiosa que fazem essa embaixada. Mas a embaixada era feita na praça então tinha o rei congo que vestia. E eu descobri, o primeiro rei congo de Machado dessa embaixada era um machadense que mudou para Taubaté. Eu fui a Taubaté fazer pesquisa com ele. Chamado José do Emídio. E o Emídio era aqui dessa rua quando começou a rua da falha, que ele morava aqui. E a mãe dele, que eu tive oportunidade de conversar com ela, que ela tinha 112 anos, então ela me contou muita coisa sobre isso. E hoje não existe mais. Eu já tentei, depois que eu escrevi o livro, eu já tentei reabilitarmos isso, acho que precisava voltar, porque era uma coisa linda, linda, linda. Aí levava os súditos... E hoje não. Eles deixaram as pessoas mais velhas é que fazem isso. Pode ver pelas fotografias, toda festa é em agosto, você pode passar pra você dar uma olhada, não deixa de observar esse ano para você ver. O rei, a rainha, em o rei do mastro, o rei do pau, que o mastro é o pau, e tem o rei da bandeira. Então cada lugar tem um rei. E são pessoas idosas que ainda levam. Cultura, isso.

- E como que era escolhido esse rei?

Ceila: Pois é. Esse senhor bem de idade, que eu perdi o nome dele agora, tem muitos filhos aí ainda. O rei congo atual é filho dele ainda. Que eu fiz com ele a entrevista, que tinha mais de 100 anos, ai, meu Deus, eu não lembro o nome, esse é problema da idade. Então é o seguinte, o pai dele tinha sido escravo-rei e não explicou, assim, bem pra gente, como escravo-rei, dois nomes totalmente diversos... Quem era escravo não podia ser rei. E ele dizia assim que tinha recebido isso do pai dele. Então vem de família e vai passando. Depois desse senhor, que eu estou te contando, que conseguimos essa entrevista dele com muita dificuldades, já foram dois filhos dele rei.

- E o tempo que a senhora ficou na associação dos congadeiros, conta pra mim, o que que a senhora pode fazer.

Ceila: Quanto à Associação dos Congadeiros, nós fundamos a casa da Associação foi no ano de oitenta (e pouco), 1981 que fundamos a casa. E a gente não tinha, como é que faz, como é que não faz... Aí acabou assim, pra fazer uma diretoria, ficou o Pedro, aquele ano que era o festeiro, ficou como presidente. Mas ele morava em Brasília, então a gente que tinha que dá os furos daqui pra fazer (incompreensível). Vamos fazer a casa. Erguemos a casa. Quando foi no ano seguinte, na festa de São Benedito, foi inaugurada a casa dos congadeiros. Aí mudou a direção da casa dos congadeiros. Passei eu a ser presidente e o José Vitor, vice-presidente. E isso nós ficamos acho que uns 8 anos. Um ia e ficava um ano, o outro ficava o outro. Que que nós fazíamos... A princípio terminamos a casa. Não tinha banco, fizemos um campanha para arranjar banco para sentar. Fez aquele palco lá. Então a gente ia para subir lá em cima, tinha que botar umas cadeiras porque não tinha cadeira. A gente arranjava com os vizinhos e punha no dia de fazer reunião. Todo mês eles fazia reunião e convocava os congadeiros. A princípio iam muito depois já foi assim foi (esfacelando). Então, nós conseguimos assim ajuntá-los. Nós criamos carteirinhas para os congadeiros. E essa carteirinha, graças a essa carteirinha, tem um rapaz aí que tem uma perna mecânica, que aquele cantor do Rio de Janeiro...

- Martinho da Vila.

Ceila: Martinho da Vila deu quando eles foram lá para aquela apresentação, acontece aquele acidente. Tudo por causa daquele/tem uma carteirinha, que o menino ganhou até aquela perna lá.

- E qual que era o objetivo ao criar a Associação?

Ceila: A Associação seria assim, arranjar um modo de dar instrução para eles, lá dentro, dar boa orientação e orientar sobre as letras que nós tínhamos sofrido com aquilo, de ver que eles não tinham letra totalmente de música. Mas não aceitaram. Sabe, não aceitaram. Fundamos uma biblioteca. Ganhamos muito livro. Aí tinha aquele retrato grande lá do Pedro, porque foi fundador, primeiro presidente. Retrato, mas ele atuação lá dentro não teve. Aí, como é que vamos fazer para regimentar? Aí o Pedro, uma vez que veio aqui, falou, "Olha gente, vamos fazer assim, vamos criar uma situação de trazer os congadeiros aqui." Ele deu um gabinete (dentário), completinho, para Associação dos Congadeiros, que ele tinha condições, toda vida teve boa situação financeira. Mandou para nós o gabinete. Quem ia trabalhar? Então eu, com

Josmar, meu marido, íamos, o (Zé Vito) dava gasolina uma vez, uma vez o Josmar. Nós íamos em Alfenas, trazíamos os estudantes de odontologia. Marcava um dia na semana, sempre era um sábado. Eles vinham praticar aqui, a gente dava almoço para eles. E começou a consertar os dentes dos congadeiros. Quer dizer, o modo de atraí-los. Aí, quando começou o material a ficar muito caro, nós pedimos se eles podiam dar dois reais por mês... Foi o mesmo que jogar água no fogo.

- Não quiseram?

Ceila: Não. Afastaram. O gabinete ficou lá. Nós tentamos novamente ver com as firmas se patrocinavam... Isso foi quase uns dois anos, nós fizemos isso. Sabe? Trazíamos os estudantes. Uma vez o José Vitor dava, uma vez eu que dava, gasolina para ir buscar, e ia no carro meu porque José Vitor estava com o carro dele ocupado. Ia buscar os estudantes, eu dava comida para eles aqui. Começou a tratar os dentes deles. E a nossa iniciativa era assim, aí começava a fazer palestras nas reuniões, cada reunião trazia uma pessoa pra falar pra eles. Uma vez falava sobre vermes, outra vez sobre o tratamento de dente, outra vez sobre asseio corporal. Porque infelizmente precisava disso. E também fizemos muita demonstração de roupas que eles poderiam usar, para não parecer escola de samba, porque muitos ternos parecem com escola de samba. E isso foi um trabalho que nós fizemos muito tempo. Mas os cursos e as coisas que a gente desejava fazer nós não conseguimos. Aí começamos assim, um mês era o terno para fulano explorar, para juntar dinheiro para fazer/para reformar os instrumentos. Então, um mês a gente tinha que fazer brincadeira, baile, festinhas lá, aquele mês, era um terno. Fizemos uma escala, todos os congadeiros tinham o direito de um mês tomar conta da Casa dos Congadeiros.

- E assim conseguiu trazê-los para a Associação?

Ceila: Foram. Afirmaram bem. Mas depois a gente foi, eu por exemplo, fui ficando assim cansada. O José Vitor também. Aí eu falei: - José Vitor, eu não quero mais. E ele disse “Eu também não.” Porque a gente vai indo, vai indo, desgasta. Em qualquer lugar. E fazia muito tempo que nós estávamos lá. Mas estava bem estruturado. Já tinha cadeira. Eu comprei fogão para lá, panelas, no período nosso que nós tivemos, nós compramos panelas, baldes, caldeirões, que quando eles vinham, que iam fazer comida lá, podia fazer comida. Depois nós entregamos a Associação, não sei. Eles dizem assim, “ah, o outro não foi bem” e outros... E pusemos um casal para morar lá. Esse casal, no começo, foi muito bom, mas depois começou a dar problema e foi por isso que a gente foi desanimando. Porque dava casa a qualquer um...

- E da igreja, a Associação não tinha nenhum apoio?

Ceila: Não. Sempre a igreja deu alguma coisa mínima, depois da festa. Mas a gente, nós da Associação queríamos que eles dessem uma cota maior. Mas nunca foi dado. Agora diz que está dando maior, não sei. A igreja, os festeiros, o padre, a organização da festa, dá a comida para os congadeiros. No começo eram 5-6 ternos, agora são 14 ternos, parece que são agora. Não estou muito certa, mas acho que é isso. E tinha ternos que tinha 5, 6 pessoas, e tinha terno que tinha 70. Eu tenho a lista da minha festa, tinha terno de 72 pessoas. E o pior deles, infelizmente é isso, não vão os congadeiros comer. Vai a família inteira, vai o pai, a mãe, o avô, os cunhados, os genros, os sobrinhos...

- Vai na companhia?

Ceila: Na companhia da família inteirinha. Então, a despesa é muito pesada. Ficam bem desanimados, porque é enorme a despesa. E essa despesa é assim: a igreja permite à gente tirar dinheiro para fazer armazém para eles. Então fica um supermercado já marcado e eles todos pegam a cesta lá. E vem um número de pessoas e entregar a cesta para eles.

- Esse dinheiro, que paga o supermercado, vem da renda da festa?

Ceila: Da renda da festa. Porque vocês angariam dinheiro da tua festa, e a gente fica um ano inteiro trabalhando. Então, o dinheiro a gente tira das coisas que a gente conseguiu ganhar. Então a festa permite à gente gastar esse dinheiro com eles.

- Esse dinheiro que a Associação gasta é independente da verba que a prefeitura dá?

Ceila: É independente. A prefeitura dá verba para os congadeiros, para os ternos.

- E qual a diferença que a senhora vê entre a congada de antes e a congada de hoje em dia?

Ceila: Eu acho que a congada de antigamente tinha mais características folclóricas, hoje ela tem mais carnavalescas. E os instrumentos eram mais rudes. Parece que a gente gostava mais daquele batuque que te lembrava de escravos. E hoje não. Tem violino, tem violão, tem saxofone, então misturou muito. E a roupa também, nós trabalhamos muito em cima disso, porque a verdade, ternos é uniforme (incompreensível) farda. E eles fazem, praticamente, fantasia. E compra aquelas coisaradas brilhantes, e põe até chapéu com vidrinho, com pedaço de espelho. Então eu acho que a antiga estava mais ligada ao folclore.

- A congada da raiz?

Ceila: Da raiz.

- E como que a senhora vê as congadas mirins? A congada dentro da escola?

Ceila: Eu achei uma ideia fabulosa. Achei excelente. Por quê? Se não há coisa que temos em Machado que é histórica, temos que pontuar. Porque não podemos deixar apagar. Os congadeiros geralmente são idosos, então esses que estão agora na congada mirim serão futuramente os congadeiros das festas que nós não vamos nem assistir, nem ver. Eu acho muito importante. E despertou também, eu acho, o gosto pelo folclore. Achei que isso foi muito interessante. Porque dão para eles muitas ideias do por quê existem as congadas. Acredito eu, porque não ainda contato com as congadas mirins dentro da escola. Então, eu acho que é muito bom porque/e segundo me disseram que pegam alunos de bom comportamento também. Então acho que em tudo é uma formação, botar limites. Porque hoje nossas crianças não têm limites nas escolas. Eu faço isso com conhecimento de causa porque estive 32 anos dentro de uma instituição. Havia respeito aos professores, respeito aos seus pais, respeitava-se todo mundo. Hoje, eu acho que essa lei da criança abriu demais. Olharam tudo que é direito da criança, mas não olharam os deveres das crianças. Então, está muito difícil. E eu acho que a congada está pondo uma norma também. Você pode ver que eles ficam tão bem comportados, às vezes, dá inveja de ver as crianças naquela fila. Acho uma graça. Não sei se é porque eu sou apaixonada pelas congadas, eu acho tudo lindo, eu acho tudo lindo, lindo, lindo. Eu quisera não ter os 77 anos que eu tenho, com esse coraçãozinho fraco que está precisando, do para por um marca-passo. Eu quisera ainda fazer alguma coisa. Acho que podia ser feito um concurso, pra ver se eles animavam em fazer/esses bem assim estruturada... Porque praticamente muitas delas são repentistas, eles fazem repentismo.

- Então, muito obrigada a senhora pela disponibilidade. Pelo carinho.

Ceila: Eu estou às ordens. Uma boa tarde!